



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**AMANDA PEREIRA DE ALMEIDA**

## **O USO DE IMAGENS NA EDUCAÇÃO**

**ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira**

**BRASÍLIA - DF  
2013**

AMANDA PEREIRA DE ALMEIDA

## **O USO DE IMAGENS NA EDUCAÇÃO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dra. Teresa Cristina S. Cerqueira.

BRASÍLIA - DF

2013

**AMANDA PEREIRA DE ALMEIDA**

## **O USO DE IMAGENS NA EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada no curso de graduação à Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, para conclusão do curso de Pedagogia.

Área de concentração: Psicologia da Educação

Data da defesa: 11 de Março de 2013.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Teresa Cristina S. Cerqueira – Orientadora  
Faculdade de Educação – UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Mestre Luzia Costa de Sousa – Examinadora  
Faculdade de Educação – UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Inês Maria Marques Z. Pies de Almeida – Examinadora  
Faculdade de Educação – UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sônia Marise Salles Carvalho – Suplente

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus que sempre olhou por mim e a todos aqueles que acompanharam minha trajetória, me apoiaram e acreditaram que um dia eu conseguiria me formar. Em especial, a minha avó Maria Helena, hoje em homenagem póstuma, que amava muito e queria muito dar este orgulho para ela, o meu diploma em uma faculdade pública.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus pelas forças concedidas para enfrentar a todos os obstáculos impostos para que eu chegasse até aqui, por não ter me deixado desistir e nem perder a fé. Nessa trajetória, ter enxugado minhas lágrimas, me iluminado, e ainda por ter-me dado sabedoria para superar as adversidades, ouvindo minhas preces e lamentação.

À minha família, que mesmo com altos e baixos que aconteceram, faz parte da minha vida e do meu percurso. Aos meus sobrinhos lindos que amo de paixão.

A todas as pessoas maravilhosas da Faculdade de Educação da UnB, aos funcionários de todos os setores que conheci e me conheceram e participaram da minha trajetória no curso de Pedagogia, são como uma família pra mim.

Aos professores que fizeram parte da minha vida neste percurso, pessoas especiais que muito me ensinaram e provocaram em mim uma “mudança de paradigma”.

Em especial, a Tia Rita, Sr. Hidelbrando, Tia Helena, Cristiano e Lu que me deram todo suporte que precisei e são pra mim como uma grande família, ao Edilson (*in memoriam*) e ao Rodrigo da Xerox da F.E., que me ajudaram em todos os momentos, e hoje ao Sr. Joel, pai do Edilson, que continua me dando apoio.

Aos amigos que fiz e mantenho até hoje, nem sempre os vejo, são pessoas lindas e que gosto muito.

Ao meu namorado que me acolheu e me deu todo suporte necessário nos momentos mais tensos da minha vida, enxugou minhas lágrimas e me deu amor e carinho, e acompanha minha jornada. Também agradeço à mãe dele, Dona Nely, que não está mais entre nós, por ter me acolhido em sua casa, no momento em que precisei.

A minha Prof.<sup>a</sup> Ana Polonia que foi minha primeira orientadora no TCC pela sua amorosidade, paciência e compreensão, diante de todos os problemas que passei, sempre me motivando e apoiando. Também agradeço à minha atual orientadora Teresa Cristina pelo “sacode” e pelo “susto” para que eu atingisse meu objetivo. São professoras maravilhosas que fizeram parte da minha vida nas matérias e projetos voltados para Psicologia Social da Educação.

Ao meu pai, que me deu suporte técnico e psicológico nos momentos em que mais me senti mais fragilizada.

À minha mãe por não ter desistido de mim, quando me apoiou no sonho de ingressar na universidade pública, quando ninguém mais apoiava, até o meu ingresso.

E também à minha avó Maria Helena por fazer parte da minha vida, me apoiar sempre, me compreender e me consololar nos momentos de aflições, sempre como muito amor e carinho, e por me dar a oportunidade de presenteá-la com a minha formatura.

Amo todos vocês, obrigada por fazerem, e terem feito, parte da minha vida.



*“Vivemos na atualidade a busca de novos caminhos que possam conduzir a compreensão e à superação da realidade. A imaginação tornou-se o caminho possível que nos permite não apenas atingir o real, como também vislumbrar as coisas que podem vir a se tornar realidade.”*  
*(TRINDADE, 1997)*

## SUMÁRIO

PARTE I – MEMORIAL.....	08
MEMORIAL.....	09
NASCER E VIVER EM BRASÍLIA.....	09
DE BRASÍLIA PARA FORTALEZA: NOVAS VIAGENS.....	12
RETORNANDO À CIDADE NATAL: BRASÍLIA.....	15
MINHA VIDA E A UNB.....	15
PARTE II – MONOGRAFIA.....	18
INTRODUÇÃO.....	21
1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	25
1.1 O HOMEM E O MEIO.....	25
1.2 O QUE MOTIVA O HOMEM, DE ONDE VÊM SUAS REPRESENTAÇÕES.....	28
1.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	33
1.4 A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SEGUNDO PIAGET.....	35
1.5 A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	39
1.6 A AUTOIMAGEM E OS ESTEREÓTIPOS.....	41
2 PERCEPÇÃO E CONSTRUÇÃO DAS REALIDADES.....	52
3 IMAGEM, IMAGINÁRIO E IMAGINAÇÃO.....	52
3.1 CONCEITO DE IMAGEM.....	58
3.2 HISTÓRIA DA IMAGEM.....	65
3.3 IMAGENS E OS SÍMBOLOS.....	72
3.4 IMAGINÁRIO, IDEOLOGIA E IMAGINAÇÃO.....	82
4 CULTURA E CULTURA VISUAL.....	82
4.1 CULTURA.....	88
4.2 CULTURA VISUAL.....	92
5 ANALISANDO O UNIVERSO DAS IMAGENS.....	94
5.1 IMAGEM E EDUCAÇÃO.....	101
5.3 INTERPRETANDO IMAGEM.....	101
6 MÉTODO.....	105
6.1 PARTICIPANTES.....	106
6.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	107
6.3 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	108
.....	110
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	123
PARTE III – PROJETO PROFISSIONAL.....	124
PROJETO PROFISSIONAL.....	



# **PARTE I – MEMORIAL**

## **MEMORIAL**

Meu memorial remonta minha trajetória escolar que vai desde minha infância até a faculdade. Quando busco por minhas memórias, milhares de imagens surgem à minha mente, dos tempos que vivi, constituindo uma densa história. O aprendizado não vem só das experiências escolares, ao nascermos já estamos aprendendo no nosso contato com o mundo, e nosso aprendizado continua até o fim de nossa vida. E o memorial nada mais é que um conjunto de lembranças imagéticas daquilo que vivemos, experimentamos, presenciamos e resgatamos.

### **Nascer e viver em Brasília**

Eu nasci e vivi em Brasília até meus 13 anos de idade, quando fui para Fortaleza, em 1995, retornando a Brasília em 2001 até os dias atuais. Venho de uma família de classe média, católica, filha de funcionários públicos, morei em prédios funcionais. Tenho um irmão gêmeo, um mais velho (dois anos), uma mais nova (oito anos), pai e mãe.

Desde nova, não sei ao certo a idade, tive contato com o meio escolar. No trabalho dos meus pais tinha creche e lá comecei meus estudos. Na creche, pela descrição das “tias” eu era uma criança meiga, participativa nas atividades e que gostava de desenhar. O lúdico era bastante presente nesta fase.

Em um dos passeios que a creche promoveu fomos visitar uma boneca gigante que estava em exposição no Parque Shopping, a “Eva”, na qual se entrava dentro dela para conhecer o interior do corpo humano, eu fiquei com medo e não quis entrar.

Da creche fui para o Jardim de Infância da Escola Classe da quadra 316 da Asa Sul. Era um colégio público. Nessa época, eu morava na quadra 108 Sul. Era uma escola linda, tinha refeitório e muitos brinquedos, também tinha um parquinho, não me lembro do cotidiano escolar.

No ano seguinte nos mudamos de residência, para quadra 315 da Asa Sul. Mudei de escola, fui para o Colégio Objetivo Júnior, onde fiz o Pré-II, que equivale a Alfabetização, a primeira, segunda e terceira série. Na terceira série cada matéria tinha um professor diferente, achei estranho. No Objetivo tinha o “Festival de Rock” e os campeonatos esportivos, o JInCO. Tive que fazer trabalhos escritos nas matérias de Música e Educação Física, para não ficar em recuperação, porque não quis participar das

competições esportivas e do Festival de Rock, e não gostava de aparecer em público nem de competir.

Minha quarta série foi em escola pública, época do governo Collor, onde meus pais tiveram que nos colocar lá. Estudei na Escola Classe da quadra 315 da Asa Sul, onde, até hoje, me lembro o nome de minha professora, Henriqueta. Gostei muito do colégio. Era dentro da quadra que eu morava. Antes das aulas começarem, lembro-me da diretora reunir as crianças no pátio onde cantávamos músicas e fazíamos uma oração o “Pai Nosso”. Durante o recreio, a escola emprestava para as crianças uma corda gigante. Eu adorava pular corda. Tinha também “amarelinhas” diversas. O lanche era fornecido pela escola.

Minha quinta, sexta e sétima séries foram na Escola Classe da quadra 113 da Asa Sul. Foi um ótimo colégio com uma ótima diretora, Olinda. Os melhores alunos recebiam premiações, geralmente livros, também proviam rifas e sorteios para arrecadar fundos para as festas do colégio, e com as gincanas se propunha arrecadar alimentos e produtos de limpeza para Festa Junina da escola. Assim as turmas competiam. Lembro-me que eu saía pela quadra pedindo para todo mundo contribuições para a festa. Era legal.

Fora da escola, mas em frente a ela, tinha uma quadra poliesportiva de concreto onde eram feitas as atividades de educação física. Também havia campeonato de vôlei entre as turmas. Não participei das competições, mas fiz parte da torcida. Nessa escola também tive contato com a matéria de Educação Moral e Cívica (E.M.C.) que muito gostei, mas o governo a retirou do currículo junto com Organização Social e Política Brasileira (O.S.P.B.). Naquela época eu não entendi o porquê.

No pátio da escola tinha um viveiro de pássaros, periquitos australianos, juntamente com preás, e nós (os alunos) adorávamos ver e alimentar os ‘bichinhos’.

A matéria que me marcou negativamente foi a de artes, apesar de eu adorar esta disciplina, a professora era ‘má’. Na época computador era uma coisa nova e poucos tinham um – só quem o possuía eram pessoas com renda alta – e, infelizmente, ela pedia os trabalhos escritos ‘digitados’ e impressos – o que se tornava inviável para mim. No fim, faltaram dois trabalhos na minha pasta, enfim eu havia realizado os mesmos, mas não acrescentei ao conjunto. Ela me colocou de recuperação, foi a única matéria em que fiquei nessa situação. Eu tive que escrever vinte folhas de papel almaço frente e verso sobre Salvador Dali, ou seja, 40 páginas escritas, por sorte, eu podia colocar figuras. Mas

um detalhe importante é que naquela época não existia Internet, e tive que pesquisar um monte de bibliotecas para conseguir assunto que preenchesse as quarenta páginas. Conteí com a colaboração da minha mãe, que me ajudava a redigir, pois minha mão cansava de tanto escrever. O pior para mim não foi o trabalho, foi o momento da entrega, pois ela simplesmente pegou o trabalho, folheou rapidamente, e falou “excelente, você passou”, e nem leu! Eu fiquei chateada, a recuperação me pareceu um castigo, meu trabalho e esforço nem foram reconhecidos.

De todas as matérias sempre tive um pouco de dificuldade em matemática, mas sempre consegui passar. Nessa época eu também estudava, no período contrário, na Escola Parque na entre quadras 314/313 da Asa Sul, não lembro quantas vezes por semana. Havia atividades extraescolares para gente fazer, como artes plásticas, artes cênicas, religião e educação física. Nas escolas públicas eram servidos lanches ou refeições para os alunos, e eu amava o feijão tropeiro. Também tinha ensino religioso, católico. Eu sempre gostei de ler, gostava de ir à biblioteca que tinha na entre quadras 313/312 da Asa Sul, ficava lendo gibis e livrinhos.

Minha vida escolar até minha quinta série (hoje seria o sexto ano) foi boa, mas as relações sociais nem tanto, pois sofri muito *bullying*<sup>1</sup> por causa do meu cabelo que era muito fininho e ficava arrepiado, como diziam parecia uma “vassoura de bruxa”. Na quinta série foi quando mais sofri, pois me chamavam de Willow (um personagem de um filme que a professora apresentou para o colégio inteiro). Ele era anão e tinha um cabelo parecido com o meu, bastou o primeiro me chamar assim que toda a escola continuou. Ganhei muitos apelidos na minha trajetória escolar desde minha infância que me deixavam triste na hora, mas como fora da escola não tive problemas com isso, eu não ligava muito para as implicâncias.

Eu era muito na minha, gostava de ler, desenhar, não mexia com ninguém, tive poucas amigas na escola e muitas fora dela na quadra onde morei. O que minha mãe conta da minha vida escolar é que eu era inteligente, tinha facilidade para aprender e não dava trabalho, porém eu era muito distraída, como se eu vivesse em um mundo só meu, que eu tinha uma letra bonita e gostava de desenhar.

---

<sup>1</sup> Bullying: é uma situação que se caracteriza por **agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas**. O termo *Bullying* tem origem na palavra inglesa *Bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.  
Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-494973.shtml>>. Acesso em dez 2013.

Recordo que tinha uma pasta com materiais de redação que fazia parte do material didático pedido pela escola, e nela havia um livrinho com um quadro e pautas em cada página para o aluno criar as histórias/redação. Eu criava muitas histórias e criava um desenho no quadro para cada uma delas. Também tínhamos que fazer caligrafia. No ensino fundamental também tive contato com caderno de mapas de geografia e de história; gostava muito de interagir com imagens, tornava a aprendizagem mais prazerosa e fácil.

Meu aprendizado não ocorreu só na escola. Minha mãe sempre incentivou a leitura, comprava muitos livrinhos, tinha enciclopédias disponíveis para eu e meus irmãos usarmos nas pesquisas de colégio; ainda comprava jornais, revistas, gibis, livrinhos de passatempos. O meu pai interagia mais com as brincadeiras: ensinou a andar de bicicleta, jogar bolinha de gude, andar de carrinho de rolimã, jogar beto, e vôlei, fazer e empinar pipa. Meus pais foram muitos presentes na nossa criação e na nossa infância, nos incentivaram com jogos diversos.

Também nos proporcionaram lazer, passeios, contato com a natureza (na chácara que tínhamos), viagens de carro pelo Brasil, práticas desportivas. Víamos filmes (alugados de ação, comédia, desenho animado, ficção científica ou policiais) juntos em casa ou no cinema. Reuníamos-nos muito com os parentes, mais com os da parte da minha mãe, para almoços em família, na chácara ou no clube.

Minha infância foi maravilhosa, brinquei muito, tive muitos amigos no prédio e na quadra em que morei, brincávamos de tudo que nossa imaginação permitisse. Na minha infância as meninas trocavam papéis de carta e escreviam cadernos de perguntas para os amigos responderem, e escreviam em diários e agendas. Havia muita interação presencial, ao contrário de hoje onde as pessoas ficam mais em casa, e se falam mais por celular e/ou redes sociais.

### **De Brasília para Fortaleza: novas viagens**

Em 1995 mudamos para Fortaleza, por motivo de saúde de minha irmãzinha, meus pais foram transferidos. A cidade era muito diferente de Brasília, desorganizada, com placas de nomes de pessoas, e outros nomes, sinalizando as ruas (ao contrário de Brasília que se utilizam siglas e números), foi difícil aprender a me deslocar na cidade. Afinal, foi imprescindível usar referências para não nos perdermos nela.

A mudança foi dolorosa para mim, sofri muito por estar longe dos meus amigos, dos parentes, da cidade que eu amava. Correspondia-me por cartas com minhas amigas e parentes. Estudei no colégio Marista Cearense do Sagrado Coração de Jesus até concluir o ensino médio. A escola dispunha de muito espaço físico e outro espaço igualmente grande para práticas desportivas, a escola participava de competições interescolares. Todavia, eu não me envolvi com os esportes, mas eu fazia as aulas de Educação Física.

No colégio tive contato com todas essas matérias: Português, Literatura, Matemática, Geometria (que depois viraria Trigonometria), Biologia, Programas de Saúde, Física Mecânica e Elétrica, Química orgânica, Físico-química, Biologia, Geografia (do Mundo, do Brasil e do Ceará), História (do mundo, do Brasil e do Ceará), Inglês e Espanhol, Informática, Educação Física e Ensino Religioso. Quem participasse de grupo de dança, teatro, educação física ou Feira de Ciências ganhava pontos em algumas matérias.

Havia, também, um grêmio estudantil. A escola dispunha de um auditório de teatro enorme, com grupo de teatro, de dança regional, etc. Eu nunca me envolvi com nenhuma deles. Eu era um pouco introvertida no início, mas fiz amizade rapidamente porque eu era considerada diferente, tipo físico e linguístico, eu não falava “cantando”, minha linguagem era do tipo “de imprensa” (isto é, sem sotaques), porém com algumas gírias, isso causou a curiosidade dos meus colegas de classe, que logo interagiram comigo.

Ao saberem que eu era de Brasília, prontamente demonstraram suas representações sobre minha cidade, falavam que aqui só tinha políticos corruptos, por outro lado, eu respondia que achava que lá só tinha terra rachada, cactos, falta d'água e miséria, conversávamos muito sobre regionalismos. A maioria das pessoas do estado, em especial, da cidade, é bem receptiva, gosta de fazer amizades.

A minha turma da oitava série foi a mesma do primeiro ano do segundo grau (hoje ensino médio). No segundo ano, essa turma foi desfeita, formou-se uma nova que também que permaneceu a mesma no terceiro ano do ensino médio. O Colégio proporcionava uma vez ao ano o “Dia de Formação” - dia que se reuniam os alunos para atividades diferenciadas voltadas ao lazer, refletir sobre o papel da religião e promover a interação por meio de dinâmicas de grupo. Era o momento mais esperado do ano pela turma, mais pela farra do que pela religião. Também, no calendário escolar, havia um dia específico para receber os anciãos, em que cada turma acolhia um senhor(a) que vinha

de um asilo público. O objetivo era aproximar os jovens dos mais velhos, fomentar uma relação de respeito, sem preconceitos, conhecer a história de vida e sabedoria dos idosos. Era um gesto lindo de amor da escola, fazíamos uma festa e os presenteávamos e a instituição. No colégio Marista a amorosidade, a união e a amizade entre as pessoas eram muito presentes.

O colégio Marista me trouxe experiências ótimas; localizado no centro da cidade, local próximo ao de trabalho dos meus pais (uns oito quarteirões, mais ou menos). No primeiro ano aprendi a andar de ônibus sozinha para ir à escola. Aproveitava a independência e percorria todo o centro da cidade. No primeiro ano do ensino médio me desliguei da igreja católica por conta da decepção sofrida ao conhecer sua história. Eu tinha hábito de frequentar missas de domingo e cheguei a fazer a primeira comunhão em Brasília em 1994, por conta da decepção não fiz a crisma.

Eu adorava frequentar a biblioteca, ler diversos títulos, sempre fui muito curiosa, virei amiga das bibliotecárias e elas me deixavam entrar no acervo, que era proibido aos alunos. Minha educação sexual foi toda aprendida nos livros. No colégio havia muitos cartazes que eram produzidos por artistas do próprio colégio, geralmente de cunho religioso, os conheci, pois a sala deles era dentro da biblioteca em um espaço reservado, ficava horas conversando e os observando, aproveitava o momento e mostrava meus desenhos, estreitávamos laços.

Referindo-me às aulas, me saía bem nas de humanas como Português, História e Geografia, adorava ver as imagens dos livros, desenhar, fazia caricaturas dos professores, desenhava no quadro, adorava produzir cartazes. A matéria que eu mais gostava era Biologia onde tudo se explicava com auxílio de imagens. Sentia-me atraída, também, por Geometria, trigonometria e química orgânica. Posso dizer que me interessava mais pelas matérias que continham imagens.

O terceiro ano era chamado de pré-vestibular, pois a escola nesse período se preocupava em preparar os alunos para os vestibulares da UFC (Universidade Federal do Ceará) e da UECE (Universidade Estadual do Ceará). Praticamente, os alunos não eram reprovados no terceiro ano. Por isso, muitos alunos não se preocupavam em estudar, estudavam mais aqueles que pretendiam passar no vestibular.

Em 1999 meus pais se separam e nosso nível socioeconômico caiu. Minha mãe se envolveu em outro relacionamento e juntos decidiram que voltaríamos a morar em Brasília, voltamos em 2001. Eu já tinha concluído meus estudos e vi aqui uma

oportunidade de crescimento profissional e de concurso público. Cheguei a passar no vestibular para Comércio Exterior na UniFor (Universidade de Fortaleza - particular), mas não cursei, tranquei a matrícula.

### **Retornando à cidade natal: Brasília**

Em Fevereiro de 2001 voltamos pra Brasília, morei primeiramente no Guará com meus avós. Particpei do sorteio de vagas para curso de línguas do CILG (Centro Interescolar de Línguas do Guará), ingressei no francês junto com minha tia. Adorei cursar, tanto que convenci minha irmã a fazer, e ela ingressou dois semestres depois.

Em agosto de 2001, entrei em um curso de Administração na Faculdade ICESP, que hoje é UNICESP, transferida, entrei atrasada no semestre. Em virtude dessa situação tive que compensar o semestre acelerando os estudos para não reprovar nas matérias. Obtive boas notas, fui elogiada pelos professores, tive oportunidade de estágio. No entanto, nada disso me prendeu ao curso, pois queria entrar na UnB, então tranquei a faculdade. Fiz cursinhos pré-vestibulares, prestei vestibulares e, ao mesmo tempo, também tentei concursos públicos.

Fiz diversos vestibulares: Direito, Biologia, Ciências da Computação, Medicina, Veterinária, Arquitetura (adorei fazer o cursinho para prova específica, e passei nela, mas não obtive êxito na objetiva, por causa de matemática) e, por fim, prestei para Pedagogia, que passei.

Antes de conseguir ingressar na UnB eu tive que retornar a faculdade particular, e me transferi para faculdade Michelangelo para o curso de Relações Internacionais. E foi no primeiro semestre que descobri que tinha passado na UnB. Saí de lá imediatamente e me matriculei na UnB. Fiquei feliz como se tivesse ganhado na 'Loteria'.

### **Minha vida e a UnB**

Entrar na UnB em 2004 fez muito bem para minha autoestima. Mudei completamente meu jeito de ser, e vivenciei diversas experiências novas. Meus amigos da UnB foram meus primeiros, após eu retornar para Brasília. Perdi contato com muita gente que já se formou ou saiu da UnB, nos falamos mais por intermédio das redes sociais.



Minha vida na UnB teve momentos positivos e negativos. Tive problemas familiares e problemas com alguns professores, meu histórico escolar revela bem isso. Tive uma experiência de estágio remunerado que achei degradante, que não condizia e nem contribuiu para minha formação. Foi em uma escola renomada, em suma, desisti dos estágios para pedagogia, pois pagavam mal e eram desanimadores e desestimulantes, e recomecei a estudar para concursos.

Tive problemas de locomoção para ir a UnB, pois morava longe e tinha que pegar carona para chegar até o ponto de ônibus mais próximo. Muitas vezes cheguei atrasada e isso me prejudicou em algumas matérias. Até que me mudei e a situação do transporte melhorou.

Minhas experiências de estágio tidas em escola pública, por conta de projetos, foram muito positivas; gostei de ter este contato com a sala de aula.

Ao terminar meu estágio, finalizava meu relatório e para onde eu ia levava uma bolsa com meu material onde guardava anotações do estágio, livros, pesquisas e o computador portátil, que continha todos os dados dos meus trabalhos acadêmicos, trazido junto de mim, vez que não tinha Internet em casa para realizar minhas pesquisas. Eu tinha ganhado um carro velho, e um dia furtaram do interior do meu veículo esta bolsa contendo nela meu computador, meu material e tudo mais de valor pessoal. Fiquei 'sem chão', eu tive que recomeçar do zero meus trabalhos, e tive que tentar lembrar das minhas experiências de estágio. Meu pai se comoveu e me mandou de Fortaleza um novo notebook para que eu terminasse meus trabalhos. Fiquei emocionada.

Porém, não me senti motivada, e por diversas razões, não conseguia escrever meus trabalhos. Fui Jubilada, pedi para voltar, consegui. Enfrentei vários problemas. Tive acompanhamento psicológico e, ao mesmo tempo, eu tentava fechar meus estudos, mas ainda assim tive dificuldades de me concentrar para concluir os trabalhos. Meus problemas, fora da UnB, prejudicaram muito meu emocional, a minha trajetória e meu curso, atrasando meus estudos.

Gostei muito do meu tempo na UnB, graças a ela hoje sou uma pessoa melhor, mais amorosa, mais compreensiva, foram experiências marcantes com matérias e professores e pessoas diversas, muita coisa nova, interessante, diferentes didáticas, muita prática de oratória, me tornei uma pessoa mais desprendida, mais comunicativa. Ser pedagoga não fazia parte dos meus planos iniciais, mas penso que nada acontece

por acaso e parece que eu precisava passar por essa experiência. Vencer esta etapa da minha vida é realizar o sonho de terminar algo que eu comecei, o sonho de me formar.

Estou lidando com os percalços que encontro no momento e passei por tratamentos de saúde, que me encaminharam a uma cirurgia bariátrica, que sanará muitos problemas de saúde que possuo e me dará mais qualidade de vida. A entrega dos meus trabalhos e adquirir o meu diploma encerra essa etapa e certamente me abrirá outras oportunidades de estudo e emprego.

Minhas memórias são cheias de altos e baixos, tive experiências boas e ruins. Demorei muito para concluir a faculdade, me arrependo de muitas coisas que fiz e que deixei de fazer, mas o que mais me atrapalhou e atrapalha foi a minha instabilidade emocional, que me causou procrastinação. Ainda estou na metade de minha trajetória e almejo muito mais, e mesmo com problemas não deixo de reparar em felicidade nas pequenas coisas e busco um otimismo no fundo de minha alma, da minha amorosidade, da minha fé. Apesar de tudo o que passei e estou passando, tenho muita esperança em um futuro melhor, que contarei, ao fim deste trabalho no meu projeto profissional.

Que esse memorial transmita uma mensagem para quem o ler para as pessoas que nunca desistam dos seus sonhos, mesmo que tudo pareça desmoronar, que elas tenham paciência, encontrem forças e sigam em frente, que vejam nos estudos uma possibilidade de sabedoria e melhoria nas condições de vida, que reflitam que o aprendizado faz parte da nossa vida em todos os momentos, e que passamos por mudanças e temos que nos adaptar a todo tipo de situação vivida, que saibam o momento de se renovar como pessoas, que tenham fé em si mesmas, que um dia colherão os frutos de seus esforços. Que deixem para o mundo o melhor de si e amem uns aos outros.

## **PARTE II – MONOGRAFIA**

## RESUMO

Referência: ALMEIDA, Amanda Pereira de. **A importância do uso de imagens na educação**. Defesa em 2013. 144 páginas. Monografia do curso de licenciatura em Pedagogia - Universidade de Brasília / Faculdade de Educação, Brasília, 2011.

Este trabalho objetivou identificar o papel das imagens no processo ensino-aprendizagem segundo opinião dos professores do 1º ao 4º Ano do ensino fundamental de escolas do Distrito Federal. A pesquisa se classifica como estudo de campo, de método qualitativo cujo instrumento de coleta de dados foi um questionário com oito questões, sendo seis questões abertas, uma fechada e uma questão mista. A amostra contou com a participação de 15 professores com idade entre 23 a 55 anos. A análise de dados tendo como base a proposta de análise de conteúdo de Bardin, de forma adaptada para a presente pesquisa. Os resultados indicam que a resposta mais comum para a definição de imagem apresentada pelos professores é “representação visual”. Segundo a maioria, o aprendizado se constrói especialmente através dos sentidos e pelas experiências construídas no cotidiano. Apesar da maioria dos questionados não apresentar muita intimidade com as teorias associadas à imagem e suas diversas facetas, todos acreditam que as imagens são recursos que facilitam o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: 1. Imagem; 2. Educação; 3. Representações sociais; 4. Aprendizagem.

## ABSTRACT

Referência: ALMEIDA, Amanda Pereira de. **A importância do uso de imagens na educação**. Defesa em 2013. 144 páginas. Monografia do curso de licenciatura em Pedagogia - Universidade de Brasília / Faculdade de Educação, Brasília, 2011.

This study aimed to identify the role of images in the teaching-learning process according to the opinion of the teachers 1st to 4th year of elementary school in the Federal District schools. The survey ranks as field of study, a qualitative method whose data collection instrument was a questionnaire with eight questions, six open questions, a closed and a mixed question. The sample included the participation of 15 teachers aged 23 to 55 years. Data analysis based on the proposed Bardin content analysis, in a way adapted to the present research. The results indicate that the most common response to the image definition presented by teachers is "visual representation". According to the majority, learning is built especially through the senses and experiences build in their lives. Although the majority of respondents did not present much intimacy with the theories associated with the image and its various facets, all believe that the images are resources that facilitate the teaching-learning process.

Keywords: 1. Image; 2. Education; 3. Social representations; 4. Learning.

## INTRODUÇÃO

Os recursos visuais facilitam a compreensão de uma teoria, exemplificando ou demonstrando aquilo que será apresentado, este estudo investiga sobre o uso de imagens na formação do conhecimento, assim como sua apropriação sobre as representações feitas a partir das imagens. Também interroga sobre o modo como podem ser utilizadas em salas de aula sendo ferramenta capaz de facilitar a didática, apoiar a teoria, bem como tratar conceitos, temáticas da realidade, do cotidiano, históricas, sociais a fim de despertar a curiosidade e a criticidade dos alunos.

Assim, a pesquisa tem por objetivo principal identificar as representações sociais das imagens no processo ensino-aprendizagem, segundo professores do 1º. ao 4º Ano do ensino fundamental de escolas do Distrito Federal.

Os objetivos específicos são: conceituar imagem; descrever como o aprendizado se constrói; caracterizar o emprego de imagens no espaço escolar; analisar a utilização das imagens no processo de aquisição de conhecimentos.

Para alcançar os objetivos propostos, foram elaborados 7 capítulos. O primeiro capítulo apresenta a constituição das representações do ser humano no que diz respeito à sua interação com o meio, tanto físico quanto social, das necessidades que o movem, que vão desde as fisiológicas até a sua ascensão e realização pessoal dentro de um meio social. Usamos como referência as teorias motivacionais de Maslow e ERG. Essas teorias estão em parte relacionadas ao tema central do capítulo que são as “Representações Sociais” (fundamentado principalmente nas teorias de Moscovici), que são as representações partilhadas por um mesmo grupo social, enfatizando a importância das relações sociais na vida e na identidade do indivíduo, na formação do seu pensamento, na aquisição de um aprendizado, de uma cultura e na manifestação de um comportamento. Também é relatada a importância e influência da sociedade e dos meios de comunicação sobre o indivíduo na formação das representações mentais do indivíduo humano, haja vista que uma representação pode gerar emoções e sentimentos. Também é abordada a perspectiva de Piaget sobre as representações mentais nas fases do desenvolvimento humano de acordo com o desenvolvimento cognitivo e a capacidade mental do sujeito. Discute-se sobre o modo como surgem e como se modificam as representações sociais, e a necessidade do “outro” na vida do ser humano para que se hajam essas representações. E, por fim, relataremos as representações sociais baseadas

nos estereótipos, na categorização de pessoas, na formação da imagem e identidade social.

No segundo capítulo busca-se conhecer o ser humano a partir da sua “Percepção” que faz parte dos seus instintos mais primitivos, que garantiram sua sobrevivência. O homem percebe o mundo por intermédio dos seus sentidos: visão, tato, paladar, olfato e audição. E é através deles que o indivíduo forma o seu conhecimento das coisas e do meio no qual ele está inserido. É percebendo as coisas que o homem forma as suas representações do mundo e organiza as informações em sua mente, constituindo seu imaginário, ou imagens mentais. Enfatizamos o sentido da visão, pois a todo o momento somos influenciados, principalmente, pelos recursos visuais e simbólicos da sociedade em que vivemos. Enfatizamos que a nossa percepção é seletiva e que em uma mesma situação duas pessoas podem ter percepções diferentes.

No terceiro capítulo são abordados os temas a “Imagem”, o “Imaginário” e a “Imaginação”. Este capítulo foi dividido, para um melhor entendimento em “Conceito de imagem”, “História da Imagem”, “Imagens e os Símbolos”, e “Imaginário, Ideologia e Imaginação”. Inicia-se com o conceito de imagem, que é muito amplo, pois remete às diversas significações, mas principalmente, que elas estão ligadas as representações. Elas fazem parte do universo do ser humano e podem ser divididas em dois domínios: o das representações visuais (externas) e o das representações mentais (internas). E é através do imaginário que o homem é capaz de criar coisas, inventar algo que lhe seja útil, ou reproduzir o que ele percebe, pois ele organiza mentalmente as informações/características do objeto que ele analisou e tenta remontá-lo ou transformá-lo, transpondo o que imaginou, abstrato, para algo concreto e real. Abordaremos que toda imagem produzida traz representações de quem a fez e pode gerar novas representações para quem as percebe. Mostraremos que através da descrição das características de uma imagem podemos torna-la real em nossas mentes, assim como se pedirem que descrevamos algo que conheçamos, somos capazes de descrevê-lo conforme suas características. Por fim, busca-se mostrar que o homem se utiliza de recursos, visuais, imagéticos, para transmitir informações, e que somos bombardeados de imagens o tempo todo, principalmente pelos recursos de comunicação, midiáticos, e como o homem desenvolve cada vez mais as tecnologias a fim de tornar cada vez mais real aquilo que ele imagina.

Na história da imagem relata-se o modo como o homem utilizou imagens desde a antiguidade para registrar as experiências que vivia e as coisas que visualizava através

de suas manifestações artísticas, e após começou a utilizá-las para registrar sua história ou fazer cálculos, que nestas imagens o homem colocava suas representações. Para entender o processo evolutivo da imagem, primeiramente é preciso conhecer a história do desenvolvimento da raça humana, pois é a partir disso que a forma de produzir imagens também se desenvolve. É através da arte de nossos antepassados que somos capazes de imaginar como eles viveram na época deles. Ainda neste contexto, busca-se relatar também como as imagens têm um importante papel na vida do homem, como forma de comunicação, e que elas foram desenvolvendo-se de maneira simbólica até a criação da escrita, que podem estar ou não vinculadas a uma imagem, mas sempre interagirão conosco, e nos remeterão a um imaginário.

O terceiro subcapítulo pretende apresentar o mundo simbólico do homem, da necessidade dele em recorrer ao simbólico para formar mensagens e demonstrar representações. Trata dos símbolos como formas de comunicação, recursos imagéticos, que o homem utiliza sem que seja necessária a verbalização ou a escrita, que são criados com objetivos específicos, e que a vida social é impossível fora de uma rede simbólica. Cada cultura tem as suas representações simbólicas. Citaremos como eles relacionam-se com valores impregnados no imaginário de uma sociedade e são repletos de significações, podendo produzir emoções, sentimentos, valores, e até identidade. Eles podem também carregar representações ocultas em imagens, informações estas que só quem tem o conhecimento pode compreender. Que os símbolos devem ser aprendidos para que sejamos capazes de compreender a sociedade em que vivemos e a forma como ela se organiza.

Em “Imaginário Ideologia e Imaginação” vemos que todos fazem parte das representações mentais do indivíduo, das imagens internalizadas, do pensamento. Relataremos que quando as pessoas recebem informações do meio externo, através de suas percepções, é no *imaginário* que elas as organizam, categorizam, fazem esquemas, estas são as imagens mentais. E a partir destas informações é que elas fazem suas representações e formam seu pensamento. Descobriremos que é no *imaginário* que evocamos imagens, e é onde se encontram a memória, as lembranças do indivíduo e tudo aquilo que ele aprende, assim como é nele que o homem interpreta a realidade, atribuindo-lhe significados. Abordaremos o *imaginário social*, que é aquilo que é construído coletivamente por intermédio das representações sociais, que fazem parte da cultura de cada sociedade. Diferenciaremos o *imaginário* de *ideologia*, que a segunda faz parte de uma imposição de sentidos delegada, que perverte a mente do ser humano,



criando padrões, moldando-o. Veremos que a cultura é permeada de ideologia. Já a *imaginação* faz parte do processo criativo do ser humano, é nela que o ser humano é capaz de planejar, criar, ou recriar coisas na sua mente e depois transpor para o real, é o mundo das ideias do ser humano, do seu potencial criativo, de construir realidades, da subjetividade. E ela pode ser usada de forma coletiva em prol de uma sociedade.

No quarto capítulo discorreremos sobre a “Cultura Visual”, abordando o ser humano até o desenvolvimento da cultura, e como ela o influencia, até chegarmos na cultura visual que é aquela produzida através das imagens, principalmente pelos meios midiáticos e de comunicação. Que dentre as formas de transmissão da cultura visual a televisão é a principal, chegando ao ponto de moldar comportamentos, de alienar e educar. Abordaremos também as outras formas de cultura visual. Relataremos a importância da cultura visual na sociedade como uma forma de transmitir informações e representações.

O quinto capítulo fala sobre “Imagem e Educação”, apontando para a importância das imagens no aprendizado, e o papel da escola/do professor, trabalhando as representações dos alunos, suas percepções, suas histórias, seus conceitos e pré-conceitos, as constituições imagéticas desenvolvidas por eles, a sua identidade, e, por fim, compreender o universo que os permeia e despertar sua criticidade em relação ao mundo constituído de imagens e representações.

Nos sexto e sétimo capítulos trataremos a pesquisa desenvolvida com professores das séries iniciais do ensino fundamental, e os resultados da mesma, na qual eles são questionados sobre imagens desde o seu conceito até os seus usos em sala de aula.

# 1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

## 1.1 O HOMEM E O MEIO

O homem, assim como os outros animais, é um ser da natureza, mas o seu fluxo natural permitiu que ele se sobressaísse perante os outros seres, por sua capacidade cognitiva e sua capacidade de raciocínio. Ele desenvolveu maneiras de não só sobreviver, mas de subsistir, de passar de nômade e caçador a produtor de seu próprio alimento, a construir utensílios que facilitassem a sua vida, transformando o ambiente a seu favor através de seu trabalho. E nesse processo, ele tornou-se social – todo processo social ocorre no contato com o outro.

Por centenas de milhares de anos, o objetivo fundamental do homem foi sobreviver, a maior parte dos primeiros pensamentos humanos provavelmente servia para este fim. E depois chegou o momento em que o homem não precisava mais pensar apenas em viver – mas viver melhor. Isso exigiu o reconhecimento de novas alternativas, exigiu que sonhasse outros sonhos e alterasse o ambiente a fim de buscar a realização de tais sonhos (RATHS; JONAS; ROTHSTEIN; WASSERMANN, 1973, p. 13).

No processo de socialização, além dos fatores positivos de sobrevivência, continuidade e desenvolvimento e transformação da raça humana, também são gerados os problemas e conflitos sociais, problemas estes que o homem vem tentando resolver. Ao desenvolver uma sociedade, ele desenvolveu um sistema de códigos, normas, valores, ideais de convivência, um comportamento/pensamento social que fosse compartilhado por todos, ou seja, desenvolveu uma cultura. E, hoje, já nascemos em um meio social que foi constituído por muitas gerações passadas, que foi formulado e reformulado, ou seja, um meio cultural no qual participamos.

Viver é interagir com o mundo, “o mundo feito por mãos humanas” como dizia Bower (1992 apud MOSCOVICI, 2003, p. 58). Ao nascer, o ser humano é frágil e dependente da mãe para sobreviver, crescer e tornar-se independente. O primeiro contato dele com o mundo, e com a sociedade, normalmente acontece no âmbito do seu lar com sua família, onde ele aprende a conviver, aprende uma cultura, e as representações constituídas pela sociedade. É nessa interação com o meio que emergem as representações, onde se produz sentido e significado às coisas que se percebe ou que circunda o ambiente físico e social.

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhe concernem. O social intervém de várias formas: pelo contexto

concreto no qual se situam grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade (SÊGA, 2000, p. 128).

Em suma, as interações sociais promovem formas de compartilhar experiências, modificá-las e os meios de comunicar as experiências, que são fontes de representações sociais. Por exemplo, o conceito de escola nas sociedades letradas, é um aspecto do desenvolvimento humano, onde o sujeito aprende conteúdos, conceitos universais, no entanto, aprende elementos que fazer parte do cotidiano.

A representação social, segundo Jodelet (SÊGA, 2000, p. 129), possui cinco características fundamentais:

- a) é sempre representação de um objeto;
- b) tem sempre um caráter imagético e a propriedade de deixar intercambiáveis a sensação e a ideia, a percepção e o conceito;
- c) tem um caráter simbólico e significante;
- d) tem um caráter construtivo;
- e) tem um caráter um caráter autônomo e criativo

Para Moscovici (2009) as representações sociais são parte da realidade coletiva, ou seja, funcionam por meio de interações e comportamentos mediados pelo que o autor chama de “flutuação de sistemas unificadores” que são as ciências, as religiões e as ideologias sociais e que forma o senso comum. Esta (denominada pelo autor) ‘sociedade pensante’ provém do pensamento de Marx quando ele dizia que as ideias, “uma vez disseminadas entre as massas passam a ser e a se comportar como forças materiais”. Para o autor, as representações sociais são fenômenos que precisam ser descritos e explicados porque têm um modo próprio de compreender e de comunicar a realidade.

O autor levanta várias questões em relação ao pensamento, afinal ele é independente das representações? Para ele, a função do pensamento é ser funcional, “onde pessoas, objetos ou acontecimentos são colocados em um modelo” e por meio da soma das convenções (MOSCOVICI, 2009, p. 35). Outra função trata-se da prescritiva “onde a forma de pensar (repensar, recitar) depende das representações”, isto é, onde “os sistemas imagéticos, classificatórios e descritivos são dependentes de conhecimentos anteriores” e assim aprendemos a pensar o já pensado (MOSCOVICI, 2009). E, deste modo, as representações sociais não somente interferem na nossa forma de pensar, mas no nosso próprio ambiente (social e cultural).

Quando se pesquisa o conceito de criança, na sociedade moderna, fica visível concepções atreladas à proteção, aos cuidados e a responsabilidade da sociedade em promover o seu desenvolvimento. Já na sociedade industrial, a criança era também uma força de trabalho, competia com os adultos para sobreviver e não havia legislação e jurisdição que assegurava sua proteção pela família e sociedade. Tais situações refletem as representações da criança/infância em cada época e os comportamentos que eram aceitos e referendados pelos grupos sociais.

## 1.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: CONCEITOS PRINCIPAIS

Para compreendermos as representações sociais, precisamos a resgatar seus conceitos e também sua origem. Desta forma, a noção de representação e de representação social tem um caráter esclarecedor e também ancora a sua compreensão.

Segundo Hall (1997, p.28 apud HERNÁNDEZ, 2007, p. 22):

A representação é a produção de sentido por meio da linguagem e, nesta produção, utilizamos signos “para simbolizar, fazer referência a objetos, pessoas ou eventos do chamado mundo ‘real’. Mas também podem ser feitas referências a coisas imaginárias, a mundos fantásticos ou ideias abstratas que não fazem, no sentido mais óbvio, parte do nosso mundo material’.

Desde tempos remotos, a sociedade criou meios de facilitar a comunicação e o entendimento do meio circundante, identificando, nomeando, caracterizando, associando, comparando, registrando e categorizando tudo que faz parte do universo humano. Tajfel (1972 apud SOUZA-SANTOS, 2005, p. 106) disserta acerca da categorização social e define como:

[...] um conjunto de processos psicológicos que tendem a ordenar o meio em termos de categorias: grupos de pessoas, de objetos, de acontecimentos... considerados como semelhantes ou equivalentes uns aos outros, em função das ações, intenções e atitudes de cada indivíduo”, e essas categorias estariam ancoradas nas relações sociais onde através das regras socialmente partilhadas que alguém poderia diferenciar uma categoria de outra.

Nesse sentido, se reportar a noção de homem-mulher, na sociedade podemos ancorar a percepção da mulher como frágil, doce, materna, ingênua, emotiva e dependente. O homem como másculo, forte, protetor e racional. Ainda, hoje, esses polos se apresentam quando se busca definir masculino e feminino.

Complementando a assertiva acima, é importante estabelecer que:

A partir de um certo número de atributos, as categorias permitem aos indivíduos se situarem em seu meio, o qual é frequentemente considerado

como destituído de informações precisas. A classificação e ordenação das informações e a ativação de conhecimentos esquematizados permitem estruturar a realidade, indicando que a categorização tem por função simplificar o real. É por isso que os indivíduos tendem a classificar os objetos, as pessoas, as situações que servem para situá-lo no mundo (SOUZA-SANTOS, 2005, p. 109).

O ser humano é um ser com grande capacidade intelectual e criativa e movido pela curiosidade. Inquieto, está sempre questionando, tentando conhecer e explicar as “coisas”, os fenômenos e acontecimentos. Ele, ao categorizar o que conhece, estaria organizando e interpretando a realidade, dando sentido ao mundo em que vive. Houve a necessidade do homem de compreender o mundo que o circunda para poder dominá-lo. Para Moscovici (2003 apud SOUZA-SANTOS, 2005, p.17) o homem é “um sujeito ativo, construtor da realidade e por ela construído”, não sendo assim um “simples processador de informações externas ou produto de uma realidade exterior a ele”. Ele é ativo no processo de apropriação da realidade objetiva, adequando-a a seus próprios interesses.

Então, pode-se afirmar que o ser humano é produtor e produto de uma determinada sociedade, pois a sociedade é um produto humano, é uma realidade objetiva. O indivíduo humano encontra-se cercado de palavras, ideias e imagens atingem olhos, ouvidos, mente, independentemente de sua vontade. Consciente ou inconscientemente somos influenciados pelo outro, pelos meios midiáticos, publicitários, mensagens imperativas e/ou pelas imagens.

O aprendizado ocorre na interação do homem com o meio pelas próprias experiências, e/ou pela influência de uma coletividade. O ensino é algo intencional, direcionado, proposital, não acontece ao acaso, ou seja, mesmo que não tenhamos consciência somos influenciados pela ação do outro sobre nós, com informações diversas, que provocam e estimulam nossos sentidos.

Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções. [...] As representações se impõem sobre nós através de uma estrutura que está presente antes mesmo que comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2003, pp.35-36).

Este condicionamento possibilita compartilhar uma mesma realidade, por isso: “A realidade é, para pessoa, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade” (LEWIN, 1935 apud MOSCOVICI, 2003, p.36). Assim, as

representações vão adquirindo vida própria, se tornando entidades sociais, e interagem entre elas, mudando em harmonia com o curso da vida adaptando-se as transformações que acontecem na realidade do ser humano.

Os grupos sociais nas sociedades modernas são diversificados e têm acesso a diferentes tipos de informações, imagens, campos de representação, atitudes. Essas representações não são homogêneas. Além do fato de ser forjada nos grupos sociais, uma representação é caracterizada como social pelo fato de contribuir para os processos de formação de condutas e das comunicações sociais. Elas se revestem de função específica: “contribuir para os processos formadores de orientação das comunicações e dos comportamentos” (MOSCOVICI, 2003 apud MACHADO, 2007, p. 113).

Ao falar da suscetibilidade das crianças urbanas aos meios midiáticos, aos videogames, à internet, aos gibis, às mensagens publicitárias nas quais são submetidas e que as influenciam constantemente, moldando comportamentos, modos de pensar e vestir, linguagem, e estereótipos, ser revela conteúdos de representações sociais. Reconhece-se a influência de algum “jargão” de programa de televisão. Como no desenho animado “HE-MAN” da década de 1980, que, ao fim, um dos personagens “bonzinhos” avaliava o que ocorreu no episódio atribuindo sempre um valor com fundo de moral na história ocorrida, dando um conselho. Quantas crianças não adquiriram representações sociais/valores através de desenhos como os do “HE-MAN”, na animação “Ursinhos Carinhosos” (nas imagens abaixo), e as produções da “Disney”, programas como “Chaves” e revistinhas como da “Turma da Mônica”, dentre outros, que procuravam ensinar comportamentos, além do entretenimento.



Imagem do desenho animado He-Man. Disponível em: <http://enciclopediadicromos.blogspot.com.br/2012/03/he-man-e-os-mestres-do-universo.html>. Acesso em 2014. Imagem do desenho Ursinhos Carinhosos. Disponível em: <http://mulhervitrola.com.br/category/na-telinha/page/3/>. Acesso em 2014.

Ao se perceber algo, a pessoa já a representa. Representar é dar sentido a aquilo que lhe foi apresentado e relacioná-lo com os signos já existentes, com as lembranças, dar uma significação. Pode-se representar tudo o que faz parte da realidade ou da

sociedade, ainda, representar aquilo que não tem forma, cor, volume, aquilo que não é concreto, ou seja, o abstrato, como as emoções.

A própria ideia de que o homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo – isto é fazer relações, planejar, comparar, lembrar, etc. – Supõe um processo de representação mental. Temos conteúdos mentais que tomam o lugar dos objetos, das situações e dos eventos do mundo real. Quando pensamos em um gato, por exemplo, não temos na mente, obviamente, o próprio gato; trabalhamos com uma ideia, um conceito, uma imagem, uma palavra, enfim, algum tipo de representação, de signo, que substitui o gato real sobre o qual pensamos (OLIVEIRA, 2000, p. 35).

O conceito de representação engloba toda a tradução e interpretação mental de uma realidade percebida. A representação está ligada ao processo de abstração e a ideia é uma representação mental que se configura em imagens concretas ou abstratas. Assim, a imagem se constitui como uma configuração da ideia traduzida em conceitos sobre a coisa exterior dada (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p.77).

A partir de uma representação criam-se imagens sobre algo ou alguém, idealiza-se um conceito acerca do que foi representado, são imagens mentais, que constituem o imaginário e, é neste que se criam e se fixam as representações. A representação mental é um julgamento, que é fundamentado em representações/percepções passadas, pois o sujeito nasce em um mundo social já constituído, representado, cheio de signos, símbolos e significados, o pensamento está vinculado a cultura. Ao construir uma realidade social comum, as representações contribuem também para a construção da personalidade e da identidade da pessoa.

As representações que são partilhadas por um mesmo grupo social, uma cultura, são chamadas de representações sociais, e elas demonstram como é o pensamento social deste grupo, uma espécie de ideologia dominante. Na atualidade, há uma preocupação quanto a representação de seguidores do Islamismo, após o 11 de setembro nos Estados Unidos e que influenciam outros países do ocidente. A sociedade que anteriormente, tinha uma visão positiva do grupo, por vezes, o relaciona ao terrorismo, ao comportamento xiita e ao extremismo religioso.

Segundo Fertuzinhos (2009), quando as representações são aceitas e partilhadas por uma dada sociedade ou grupo de indivíduos está-se diante das designadas Representações Sociais, isto é, conjunto de explicações, de crenças e ideias, elaboradas a partir de modelos culturais e sociais que dão quadros de compreensão e interpretação do real. As representações sociais são características de uma determinada época e contexto histórico, por isso, a sua alteração ocorre muito lentamente.

As representações sociais, também consideradas em sentido mais amplo como pensamento social, são deveras imprescindíveis nas relações humanas, uma vez que, dá uma explicação, um sentido à realidade (função de saber). Além disso, ao funcionarem como reguladoras e orientadoras do comportamento (função de orientação) permitem aos indivíduos comunicarem e compreenderem-se. É também importante salientar a função de identidade das representações sociais, são elas que permitem construir uma identidade social do grupo, pois numa mesma sociedade existem diferentes grupos que possuem representações diferentes acerca de uma mesma realidade – as representações sociais não são homogêneas dentro de uma sociedade (FERTUZINHOS, 2009, s/p.).

Cada grupo social possui uma identidade, características que os identificam, que são partilhadas por todos os seus membros, assim como comportamentos e uma linha de pensamento. Incluem-se grupos religiosos, partidos políticos, “emos”, “pagodeiros”, “otakus” (viciados em *animes* e/ou *mangás* da cultura japonesa), etc. Isso não quer dizer que uma pessoa tenha necessariamente fazer parte de somente um grupo social, ela pode participar de vários grupos de acordo com a afinidade que ela possui com as características de cada um, assim como não quer dizer que ela vai sempre gostar das mesmas coisas. O ser humano é um ser mutável, e tem fases, em cada fase ele sofre necessidades e interesses diferentes, o que pode fazer ele mudar de grupo social de acordo com sua ambição e desejos. Assim, vai se formando a sua identidade social.

As representações são enfim, sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros (MOSCOVICI, 2003, p. 08).

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem, e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2003, p. 41).

Moscovici (2003) afirma que, ao surgirem novas representações, as velhas morrem. Contudo, Freire no seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996) diz que existem os Paradigmas, que nada mais são do que Representações Sociais, e que novos Paradigmas surgem, mas os antigos não morrem, pois um Paradigma novo nunca exclui o antigo, é uma adaptação dele.

Importante elucidar as representações sociais, empregando o filme de Werner Herzog “O Enigma de Kaspar Hauser”, baseado em uma história real, que se passa no período entre 1812 a 1833, em Nuremberg na Alemanha no século XIX. Extremamente



rico e complexo para ser reportar as condições relativas à percepção humana, aprendizagem, e a dimensão coletiva.

Em resumo, a história retrata um homem que se desenvolveu sem nenhum contato social, isolado, sem nenhum tipo de educação, até seus 15 anos de idade. Vivendo isolado numa cabana que vivia trancada, longe da civilização. Um senhor o alimentava, vestia, mas não se comunicava com ele. Ele cresceu, mas não sabia falar, andar, ou se portar, não teve nenhum tipo de educação e, de repente, ele foi retirado da cabana e levado a um vilarejo.

O menino Kaspar Hauser apareceu pela primeira vez numa praça de Nuremberg, em maio de 1828. Era um estranho: ninguém sabia quem era ou de onde vinha. Trazia uma carta de apresentação anônima para o capitão da cavalaria local, contando que fora criado sem nenhum contato humano, em um porão, desde o nascimento até aquela idade (provavelmente 15 ou 16 anos) e pedindo que fizessem dele um cavaleiro como fora seu pai (SABOYA, 2001).

A presença dele causou estranheza na cidade, assim como tudo lhe foi estranho também, e ao mesmo tempo fascinante, ele é obrigado a aprender como viver em sociedade, os códigos verbais e escritos, a cultura local, as representações sociais. Para ele é tudo muito complicado e sem sentido, não consegue compreender as coisas mesmo tendo adquirido a linguagem. A maneira na qual Kaspar Hauser se apropria do mundo e se envolve com ele demonstra que a percepção depende principalmente da prática social. No entanto, se não fosse o senhor que cuidou de Kaspar e o encontrou ainda bebê, Kaspar provavelmente não teria sobrevivido. Saboya (2001) conclui a partir da história de Kaspar Hauser “que não apenas o sistema perceptual, mas as estruturas mentais e a própria linguagem são resultantes da prática social, ou seja, as práticas culturais ‘modelam’ a percepção da realidade e o conhecimento por parte do sujeito”. Daí a dependência do ser humano do outro, pois ele já nasce vulnerável e dependente do outro para sobreviver.



Figura 1: Kaspar Hauser, imagem original. Disponível em: <http://arquivosdoiinsolito.blogspot.com.br/2008/12/quem-matou-kaspar-hauser.html>. Figura 2: Kaspar Hauser, personagem do filme. Disponível em: <http://petantropologia.blogspot.com.br/2013/03/pet-indica-filme-o-enigma-de-kaspar.html>.

### 1.3 A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES MENTAIS, SEGUNDO PIAGET

Sob a perspectiva construtivista de Piaget (1974 apud BECKER, 1992), o meio social, por mais que acumule carga de conhecimento da sociedade ao longo de séculos de civilização, não é capaz de ensinar a um recém-nascido o mais elementar conhecimento objetivo, dizendo que ele seria um projeto a ser construído, assim como um objeto. Quer dizer que o indivíduo, assim como um objeto, é um projeto a ser construído. Sujeito e objeto não tem existência prévia, a priori; eles se constituem mutuamente, na interação. Eles se constroem.

O sujeito age sobre o objeto assimilando-o: essa ação assimiladora transforma o objeto. O conhecimento não nasce com o indivíduo, nem é dado pelo meio social. O sujeito constrói seu conhecimento na interação do meio tanto físico quanto social. Essa construção depende, portanto das condições do sujeito – indivíduo sadio, bem alimentado, sem deficiências neurológicas etc. – e das condições do meio – na favela é extremamente mais difícil construir conhecimentos, e progredir nessas construções, do que nas classes média e alta (BECKER, 1992, p. 88).

O conhecimento advém do desenvolvimento, que no sentido amplo acontece por meio da aprendizagem do indivíduo. O indivíduo aprende na sua interação com os objetos, sujeitos e situações do meio do qual faz parte e é através destas experiências de aprendizagem que ele se desenvolve, e conseqüentemente, faz a aquisição do conhecimento.

Segundo Piaget (1974) apud BECKER (1992, p. 92), o aluno é um sujeito cultural ativo cuja ação tem dupla dimensão: assimiladora e acomodadora. Pela dimensão assimiladora ele produz transformações no mundo objetivo, enquanto pela dimensão acomodadora produz transformações em si mesmo, no mundo subjetivo

Piaget (1974) apud LIMA (2004, p.163-165) dividiu o desenvolvimento humano em fases de acordo com o desenvolvimento cognitivo. Essa divisão ocorre em quatro estágios (as faixas etárias são uma estimativa aproximada):

- 1) Sensório-motor (0 - 2 anos): Antes dos oito meses percebe imagens, sem ligações entre si, como se o mundo não fosse constituído por objetos. Após os oito meses adquire noção de permanência do objeto. A inteligência é centrada na ação. Ao final desse estágio surge a capacidade de representação mental e de simbolização, pensamento.
- 2) Pré-operatório (2 - 7 anos): tem função simbólica, ou seja, a capacidade de representação mental e simbolização (representação mentalmente não só a permanência do objeto, mas também as relações que se estabelecem entre
- 3) Os objetos). A realidade é aquilo que a criança sonha e deseja, ela dá explicações com base na sua imaginação, sem ter em consideração questões de lógica. A sua percepção imediata é encarada como verdade absoluta, sem perceber que existem outros pontos de vista, privilegiando suas percepções subjetivas em detrimento das relações objetivas. Responde com base na aparência, não consegue efetuar operações mentais.
- 4) Operações Concretas (7 - 11/12 anos): possui pensamento lógico, tem capacidade para realizar operações mentais, pois compreende que existem ações reversíveis (percebe que é possível transformar o estado de um objeto, sem que todo objeto mude, e depois de reverter esta transformação voltando ao estado inicial). A existência de conceitos vai permitindo compreender a relação parte-todo, fazer classificações, seriações, e perceber a conservação do número.
- 5) Operatório formal (12 - 16 anos): Consegue não só realizar operações concretas, mas também operações formais. Nesse estágio é possível resolver um problema usando o pensamento abstrato, consegue-se colocar mentalmente todas as hipóteses. É capaz de se desprender do real e raciocinar sem se apoiar em fatos, ou seja, não precisa operacionalizar e movimentar toda realidade para chegar a conclusões. Percebe que existem diversas formas de perspectivar a realidade e que sua percepção é apenas uma dentro de um conjunto de possibilidades. É capaz de pensar sobre o próprio pensamento e sobre pensamentos das outras pessoas, percebe que diferentes pessoas possuem diferentes pontos de vista.

Mesmo sabendo que cada pessoa tem seu próprio ritmo de aprendizagem e desenvolvimento, que isso se relaciona aos estímulos que recebe do seu meio, a criança passa por esses estágios de compreensão do mundo que a cerca, da percepção do outro, de percepção do objeto, do pensamento, das representações mentais, do imaginário, do raciocínio lógico, da compreensão dos signos da sociedade. E, cada estágio está relacionado com o desenvolvimento das capacidades físicas e mentais das crianças, que

possibilitam que ocorra a aprendizagem cada vez mais significativa, ou seja, conforme a criança vai crescendo ela vai adquirindo novas habilidades e conhecimentos, vai relacionando objetos e situações do seu cotidiano experimentando construindo, desconstruindo e reconstruindo seus conhecimentos, fazendo suas representações, ao mesmo tempo que, recebe do mundo externo os conhecimentos sociais que vão influenciar o seu comportamento para aquela sociedade.

## 1.5 A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A formação das representações sociais está alicerçada em dois processos distintos entre si, mas que trabalham em parceria, a objetivação e a ancoragem. No processo de objetivação aquele que percebe um objeto vai descrevê-lo, isto é, caracterizar aquilo que ele está percebendo, em geral, criando uma imagem. Na ancoragem, ele vai categorizar, ou seja, selecionar a informação e ver onde ela se enquadra mentalmente e significar aquilo que foi percebido. O ser humano caracteriza e categoriza mentalmente tudo aquilo que ele percebe, processa e organiza as informações que são geradas, cria as representações.

Em primeiro lugar ocorre a objetivação, processo este que permite a formação de um todo coerente, através da seleção e da descontextualização do objeto, seguindo-se a fase da esquematização, que tem como objetivo construir um esquema. Ou melhor, um “núcleo figurativo” onde constem organizadamente num padrão de relações, os principais elementos do objeto da representação. Este processo termina com a naturalização dos padrões relacionais que passam a ser percebidos claramente. Assim os elementos abstratos tidos inicialmente transformam-se em imagens concretas, que fazem parte da realidade. A objetivação é, portanto um processo de simplificação, uma vez que se perde muita informação. No entanto, esta riqueza informativa que se perde durante o processo ganha-se em entendimento. Posteriormente ocorre o processo de ancoragem. Através deste ocorre a assimilação das imagens criadas pela objetivação, sendo que estas se integram em categorias (daí que a representação social seja uma manifestação dos fenómenos da categorização) que o sujeito possui fruto das experiências anteriores. A objetivação e a ancoragem funcionam como um todo no processo de formação das representações sociais (FERTUZINHOS, 2009, s/p.).

Cabe aqui descrever a teoria sobre objetivação e ancoragem, de Moscovici (2009), em que este autor explica que criamos representações porque nos sentimos desconfortáveis ao que não nos é familiar. É uma maneira de familiarização junto às convenções, valores e ações aceitos naquele grupo. No entanto, explica que “não é fácil transformar palavras não familiares em familiares, ideias ou seres em palavras usuais, próximas e atuais. É necessário, para dar-lhes uma feição familiar, por em funcionamento,

dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e conclusões passadas” (MOSCOVICI, 2009, p. 1).

É neste momento que entram os dois mecanismos responsáveis em transformar o não familiar em familiar apresentados por Moscovici: os processos de **ancoragem** e **objetivação**. E como certas visões e ideias alcançaram determinado grupo? Para entender isso, faz-se preciso compreender as representações sociais, os universos consensuais e o movimento do não-familiar ao familiar.

Ancorar, segundo o autor, é “classificar e dar nome a alguma coisa” para torná-las identificáveis, aceitáveis, comuns (MOSCOVICI, 2009, p. 61). Se não há nome, desenvolvemos resistência à coisa. Por isso, damos-lhe nome e o categorizamos. Já o outro processo que também gera representações sociais, a Objetivação, trata-se de descobrir a qualidade icônica de uma ideia, é reproduzir um conceito em uma imagem. No entanto, nem toda palavra pode ser reproduzida em imagem. Daí é que entra o que o autor chama de “arte no universo consensual”, onde cria-se estabilidade e recorrência ao compartilhar imagens e ideias, por meio dos discursos, para satisfazer o grupo em suas necessidades de expressão e de interação comunicativa. Ao abordar o aspecto da imagem ainda sob a perspectiva de Moscovici (1995) apud SÊGA (2000, p. 129) tem-se que:

[...] o lado figurativo da representação é inseparável de seu aspecto significativo, a estrutura desdobrada de cada representação tem duas faces tão indissociáveis como o verso e o reverso de uma folha de papel: a face figurativa e a face simbólica. Mesmo nas representações sociais mais básicas, é o processo de elaboração cognitiva e simbólica que estabelece os comportamentos. É esse sentido que a noção de representação social inova em relação às outras formas psicológicas, ela relaciona processos simbólicos e procedimentos. Mas pode-se afirmar, a partir disso, que as representações circulam na sociedade e que, assim, elas próprias terão um papel e uma eficácia específica. Deste modo, as conclusões do autor explicam o porquê da necessidade de criamos representações, pois sem elas nos sentimos desconfortáveis ao que não nos é familiar. Sendo assim, a teoria das representações sociais compreende uma visão sobre o ser humano e, principalmente, sobre a formação do seu pensamento.

## 1.6 IMAGENS, ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As imagens construídas socialmente das pessoas são chamadas de estereótipos, são as características que categorizam as pessoas. Esta é a percepção social, aquilo que é construído por influência do meio, das relações sociais, da cultura. É o fato de que a percepção de certos aspectos relacionados a características humanas, ou mesmo a "construção da percepção" de certas características humanas, também pode ser

constituída socialmente. Questões de gênero, raça, nacionalidade, sexualidade e outras, também podem ser interferidas por uma forma de percepção que é construída socialmente.

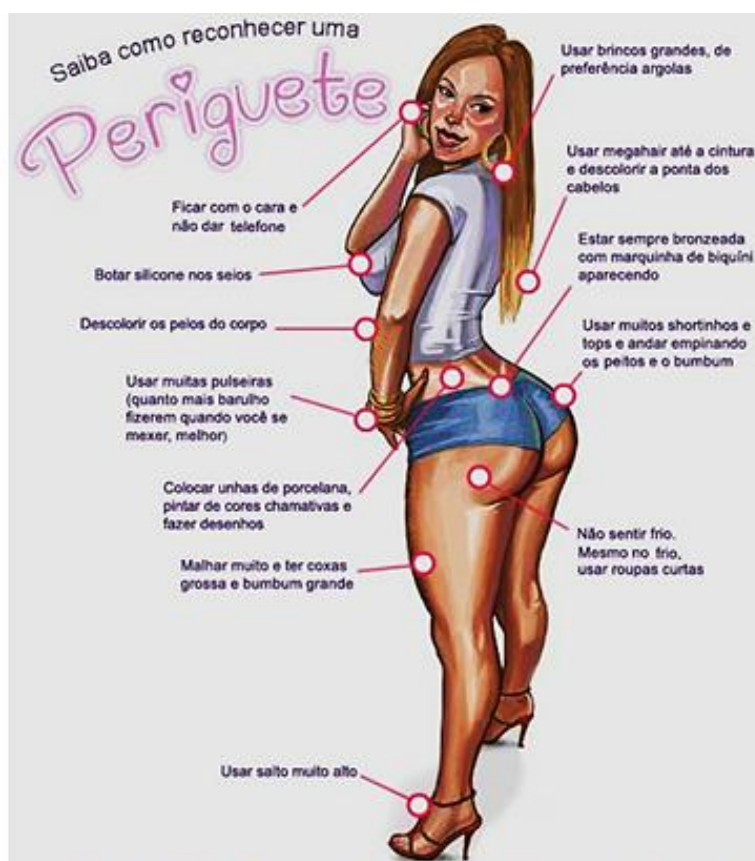
Estereótipos são construções imagéticas baseadas nas representações sociais.

Segundo Vala & Monteiro:

Os estereótipos são estruturas cognitivas que contêm os nossos conhecimentos e expectativas, e que determinam os nossos julgamentos e avaliações, acerca de grupos humanos e dos seus membros (Hamilton & Trolie, 1986). Estes julgamentos e avaliações estão geralmente associados a características como a <<raça>>, o gênero, a aparência física, a origem geográfica ou social, ou algum aspecto associado, por exemplo à identidade religiosa, política, étnica, sexual, de alguém (Miller, 1982). Para Kats e Braly (1933,1955), os estereótipos são crenças que nos são transmitidas pelos agentes de socialização (os pais, a escola, os meios de comunicação social etc.) o que explicaria o consenso existente em relação aos grupos sociais, à sua independência do conhecimento real dos membros desses grupos e à sua dependência do contexto histórico e cultural.

Ainda sobre o estereótipo, tem-se outra conceituação, onde trata-se de:

[...] uma atribuição de crenças que se faz a grupos ou pessoas (conscientes ou inconscientes). Refere-se, portanto, a crenças e atributos compartilhados sobre um grupo. Estas crenças compartilhadas são generalizações que se fazem sobre os grupos. Há uma tendência geral humana a generalizar a partir de similaridades percebidas e não se focar no que é diferente. Pelo fato de termos de reagir de maneira relativamente rápida, baseamo-nos no que é comum a nós e, a partir daí, formamos generalizações que podem estar corretas, ou não. Além disso, estereótipos podem ser positivos, negativos, ou neutros e apresentam intensidades diferentes (TORRES & NEIVA,2011, p. 223).



Exemplo de estereótipo em uma analogia a “periguete”. Disponível em: [http://noisvoabrucao.blogspot.com.br/2011\\_10\\_01\\_archive.html](http://noisvoabrucao.blogspot.com.br/2011_10_01_archive.html)

Ao se associar estereótipo e representações sociais, se reconhece que a ancoragem e a objetivação são conceitos presentes. Ao analisar a fotografia que destaca o termo periguete, a objetivação se revela pela imagem (mulher com cabelos longos, roupa curta, super sensualizada, sedutora e exibicionista). A outra face a objetivação, está vinculada as palavras que a descrevem: ficar com o cara, sem compromisso; bumbum exposto e empinado; salto altíssimo, *mega hair*, etc. No despertar da consciência crítica é que se questionam os paradigmas, e se fomentam mudanças de comportamento, pensamento, etc. Reformulam algumas representações sociais, transformam-se gerações. Mas ao mudarem-se paradigmas não se excluem os conhecimentos anteriores, somente se aceita o novo.

Ao se estudar os estereótipos estamos promovendo os estudos de representações sociais, em que manifestam uma visão coletiva, comportamentos e valores que incitam e reforçam a sua manutenção. Entretanto, as representações sociais como os estereótipos podem ser modificados por um grupo cultural, a partir da introdução de novas concepções e conhecimentos científicos que alteram a compreensão do sistema de crenças.

## 2 PERCEPÇÃO E CONSTRUÇÃO DAS REALIDADES

*“Esse est percipi, ser é ser percebido. [...] Quando olho, sou visto, logo existo. Meu olhar testemunha minha visibilidade para outro, que me devolve minha própria consistência, meu sentimento de existir” (FRANÇA, 2006)*

A percepção é mediada pelo ambiente físico, psicológico e social e influencia o aprendizado. Ao pensar, a pessoa já representa, revelando que o conhecimento tem uma raiz social cheia de significados, representações, estereótipos, conceitos. E mesmo que se mude de ambiente social, a adaptação ao novo, com outra cultura, hábitos, costumes, modos de pensar, não excluiria o que já foi aprendido, assimilado.

Segundo Day (1972), a percepção é definida como o contato que o organismo mantém com o seu ambiente, seu estado interno, sua própria postura e movimento.

Este contato tem início por meio de mudanças de energia ou estímulos que incidem sobre os receptores, que por sua vez traduzem e transmitem a informação em forma de código ao sistema nervoso central. O estímulo nos receptores consiste essencialmente em energia que conduz informação sobre eventos internos e externos que são importantes para o organismo. Por exemplo, o estímulo visual é um padrão de luz focado no mosaico receptor retiniano pelo sistema cristalino do olho. O objeto ou evento externo do qual a luz é emitida ou refletida tem certas propriedades; os objetos variam quanto à forma, tamanho, direção, distância e também quanto ao montante e composição da luz refletida de suas superfícies. Um observador pode discriminar e responder a todas essas propriedades. Independentemente dos interesses do pesquisador se concentrarem ou nas experiências subjetivas ou nas respostas observadas [...], a percepção é orientada pelo comportamento do organismo. O comportamento de captação, discriminação e reconhecimento, no animal, mostra que ele está em contato com acontecimentos internos e externos. Ela é essencial para sua adaptação e sobrevivência. Grande parte do estudo da percepção está intimamente ligada ao estudo do processo de aprendizagem, da amplitude e determinantes das diferenças individuais no comportamento e dos estados de motivação (DAY, 1972, pp. 2, 18, 22).

A percepção primeiramente, se dá no contato do corpo humano com o ambiente que o cerca, sendo estimulado de alguma forma por fatores externos, e acontece através da experimentação por intermédio dos sentidos – visão, audição, olfato, tato ou paladar –, que transmitem as informações adquiridas ao cérebro que as organiza, classificando, relacionando e discriminando de acordo com as propriedades do que está sendo percebido, ou seja, internaliza as informações recebidas, mentaliza, construindo o imaginário.



A percepção, inicialmente, está ligada ao instinto. Sua principal função é a de garantir a sobrevivência do ser, no caso do indivíduo.

PERCEBER é CONHECER, através dos sentidos, objetos e situações. Nunca se poderá esquecer que a percepção deve estar a nosso serviço e não contra nós. Em outras palavras, ela deve promover a sobrevivência do próprio preceptor e nunca a sua destruição. O ato de perceber implica, como condição necessária, a proximidade do objeto no espaço e no tempo, bem como a possibilidade de se lhe ter acesso direto ou imediato. Objetos distantes no tempo não podem ser percebidos. Podem ser evocados ou imaginados. Podem ser ainda pensados. De qualquer modo fica excluída a possibilidade de serem percebidos. [...] O ato de perceber ainda pode caracterizar-se pela limitação informativa. Percebe-se em função de uma perspectiva. Perceber não é perceber, apenas, objetos concretos, como são vulgarmente designados por esta palavra. Percebem-se, além dos objetos concretos, objetos ideais. [...] percebemos, também, relações. As relações eram consideradas só acessíveis ao pensamento. Seriam conceituadas e não percebidas. É certo que só ocorre sua apreensão diante da totalidade da situação concreta (PENNA, 1972, pp. 11,12, 19).

Ao perceber um objeto, se organiza as informações mentalmente a partir de suas características e sensações que elas provocaram. A maioria das pessoas quando questionadas sobre alguma lembrança normalmente, se recorda de lembranças visuais. Mas, as imagens mentais podem envolver todas as modalidades sensoriais, não só a visual. Por exemplo: o cheiro de bolo de chocolate, de *bacon* frito, de alguma coisa queimando, ou de uma flor, o som de uma buzina de carro, da vinheta da novela, do celular tocando, o gosto do brigadeiro, de feijoada ou de limão, o formato de uma bola.

No caso de um bolo de chocolate, lembrar suas características como cheiro quando está assando, da calda de chocolate que é colocada por cima, da textura e do seu gosto, se está quente ou frio, da sua forma, sensação de prazer ao comer, podemos salivar e sentir à vontade de comê-lo. Porém, se nunca foi experimentado pelo sujeito, qualquer coisa de chocolate, não é possível construir uma imagem mental. As representações mentais estão sempre calcadas em experiências passadas, na percepção. E é a partir do conhecimento das coisas é que somos capazes de criar coisas novas, imaginar.

A percepção visual é uma das relações que o homem estabelece com o ambiente no qual faz parte. A visão é um sentido espacial, “é um processamento, em etapas sucessivas, de uma informação que nos chega por intermédio da luz que entra em nossos olhos” (AUMONT, 2011, p.16), onde se percebem diversas dimensões. Todavia, fatores temporais afetam-na, fazendo com que o olhar não consiga atingir ao mesmo tempo todo

o espaço que faz parte do campo visual, fazendo que o observador selecione o que lhe é mais interessante ser visualizado. Segundo Aumont (2011, p. 26):

1. A maioria dos estímulos visuais varia com a duração, ou se produz sucessivamente.
2. Nossos olhos estão em constante movimento, o que faz variar a informação recebida pelo cérebro.
3. A própria percepção não é um processo instantâneo; certos estágios da percepção são rápidos, outros muito mais lentos, mas o processamento da informação se faz sempre no tempo.

Ainda de acordo com o autor, o olhar é o que define a intencionalidade e a finalidade da visão. É a dimensão propriamente da visão. A seletividade do olhar se faz pelo ângulo da atenção e da busca visual.

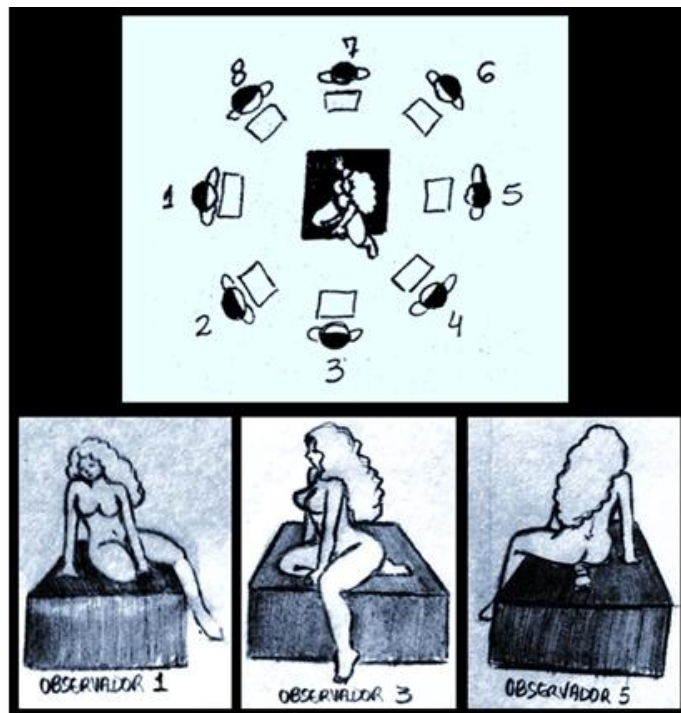
A busca consiste em encadear diversas fixações sucessivas sobre uma mesma cena visual, a fim de explorá-la em detalhe. E este processo está intimamente vinculado a atenção e a informação: o ponto no qual se deterá a próxima fixação é determinado ao mesmo tempo pelo objeto da busca, pela natureza da fixação atual e pela variação do campo visual (AUMONT, 2011, pp. 56-58).

A maneira como se percebe é afetada por toda uma bagagem de conhecimentos e experiências vividas, das representações sociais que temos das coisas. A percepção é seletiva. Em um mesmo ambiente existem diversos elementos e diversas situações podem ocorrer, o campo visual enquadra tudo o que a visão alcança, porém direciona o foco somente para aquilo que lhe é interessante de ser visualizado, não percebendo, às vezes, outros elementos que fazem parte do mesmo cenário. Várias pessoas podem estar diante de uma mesma situação visual, e perceberem coisas diferentes dentro de um mesmo cenário, pois cada uma selecionará aquilo que lhe foi mais interessante visualizar, perceber. Se for necessário descrever um cenário a visualização se fará por fixações sucessivas dos diversos elementos que compõem o mesmo, sendo possível descrever por partes o todo, mesmo assim para descrever os elementos que o compõe, o observador precisa ter conhecimentos prévios acerca daquilo que ele descreve.

Imaginemos, por exemplo, uma paisagem de uma serra montanhosa com uma vasta vegetação, cachoeira e tempo ensolarado. Um geólogo examinaria o seu relevo e sua formação geológica; um biólogo buscaria conhecer sua fauna e sua flora; um agricultor analisaria seu solo e as possibilidades de plantio; um praticante de rapel se interessaria em explorar a cachoeira. Contudo, um pintor gostaria de retratar a paisagem em uma tela; um simples turista acharia belo e provavelmente registraria a imagem em sua câmera fotográfica; um ecologista se preocuparia em preservar as espécies nativas e estudar impactos ambientais sobre aquela área. Não necessariamente aconteceria desta

maneira, mas a divisão por especialidades melhor exemplifica a prioridade visual que o ser humano faz ao observar um cenário ou uma situação, de acordo com seus interesses, com o que lhe desperta mais atenção. A observação depende do observador e da intencionalidade de sua visão. Várias pessoas podem observar um mesmo cenário e perceberem coisas diferentes de acordo com seus conhecimentos prévios.

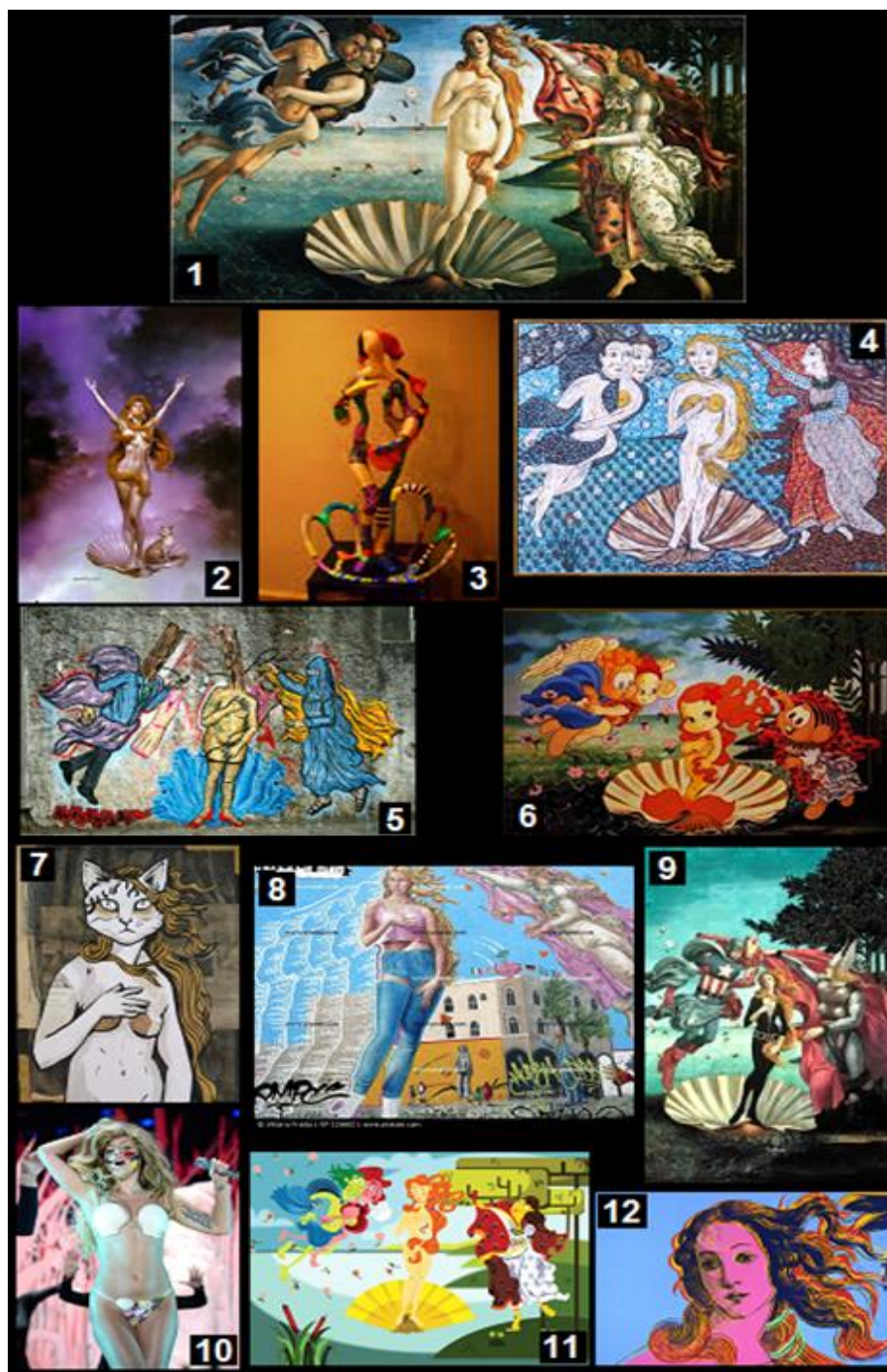
Em um mesmo cenário as pessoas podem ter visões diferentes de um mesmo objeto, considerando a figura abaixo, em uma situação hipotética de uma sala com uma modelo viva posando para oito observadores postados em círculo ao redor dela, onde para cada um deles é apresentada uma dimensão da modelo. Cada um deles poderia apresentar uma percepção diferente de uma mesma coisa, pois cada um teve a visão de uma dimensão da modelo.



Vista aérea de uma Modelo Viva posando para 8 desenhistas em uma sala; os pontos de vista de três dos observadores. Criação Própria. 2014.

Considerando que cada pessoa tivesse que desenhar aquilo que visualizou, ela não conseguirá desenhar todos os lados da modelo que observou somente aquele que lhe é apresentado, e, além disso, cada um representará de acordo com a impressão que teve da pessoa/objeto, desenhará de acordo com suas capacidades artísticas, seu conhecimento de desenho, seu tipo de traço, sua tendência artística, ou seja, além de verem faces diferentes da modelo, que por si só já gerariam desenhos diferentes, diferentes também seriam seus tipos de desenho e de traço de acordo com os conhecimentos prévios de arte e desenho de cada observador teria, apontaria cada qual o seu ponto de vista daquilo que visualizou.

Indo mais além, no caso dos observadores da figura fossem Pablo Picasso, Salvador Dalí, Sandro Botticelli, Tarsila do Amaral, Maurício de Souza, Romero Brito, e Rafael Suriani, e que todos eles tivessem acesso à mesma dimensão da modelo, teríamos representações artísticas totalmente diferentes. Em especial, de acordo com o momento histórico e tendência artística de cada um, que respectivamente, na sequência, são o Cubismo, o Surrealismo, o Renascentismo, o Modernismo, Cartunismo de “Turma da Mônica”, a Pop-Art e a Street-Art (com zoomorfismo). Para exemplificar melhor as diferentes representações, toma-se a obra de arte do pintor clássico renascentista Sandro Botticelli “O nascimento de Vênus”, e as diversas representações/olhares/releituras que outros artistas fizeram dessa obra.



**Figura1:** O Nascimento de Vênus – Sandro Botticelli (1484-1486), imagem original, Disponível em: <http://poeticatecnologica.blogspot.com.br/>; **Figura 2:** Releitura feita por Boris Vallejo. Disponível em: <http://fantasticocenario.com.br/2012/02/07/arte-atraves-das-lentes-da-ficcao-cientifica/>; **Figura 3:** Releitura na escultura de Dorit Levinstein. Disponível em: <http://site.margaritasemcensura.com/ideias/esculturas-de-dorit-levinstein>; **Figura 4:** Releitura feita por Marcos Anthony. Disponível em: [http://www.beearte.com/pinturas/nac/m\\_anthony/anthony.htm](http://www.beearte.com/pinturas/nac/m_anthony/anthony.htm); **Figura 5:** Graffiti de Anonimundo na Praça da Bandeira - Rio de Janeiro. Disponível em: <http://anonimundo.blogspot.com.br/2012/05/releitura-de-o-nascimento-de-venus-de.html>; **Figura 6:** Releitura feita por Maurício de Souza, cartunista de “Turma da Mônica”. Disponível em: <http://poeticatecnologica.blogspot.com.br/>; **Figura 7:** Releitura feita por Rafael Suriani. Disponível em: [http://www.galeriacontempo.com.br/images/obras/9\\_30042013134341\\_149\\_RafaelSuriani\\_Venus.jpg](http://www.galeriacontempo.com.br/images/obras/9_30042013134341_149_RafaelSuriani_Venus.jpg); **Figura 8:** Graffiti retratado por Vittorio Fratta. Disponível em: [http://p1.pkcdn.com/graffiti-o-nascimento-de-venus\\_126682.jpg](http://p1.pkcdn.com/graffiti-o-nascimento-de-venus_126682.jpg); **Figura 9:** Releitura de Julian Totino Tedesco, “O Nascimento da Viúva Negra”. Disponível em: <http://geekiss.com/2012/05/vingadores-arte-capas-especiais-avengers/>; **Figura 10:** Releitura feita por Lady Gaga no clipe da música “Venus”. Disponível em: <https://clovismoliveira.wordpress.com/tag/robin-thicke/>; **Figura 11:** Releitura feita por Daniel Wu. Disponível em: <http://dilatapupila.com/dienios/ilustracoes-inspiradas-por-outras-artes/>; **Figura 12:** Releitura feita por Andy Warhol. Disponível em: <http://www.portugues.rfi.fr/cultura/20140225-agenda-europa>. Acesso em 2014.

Um observador ao se deparar com algo que tenha mais de uma dimensão não será capaz de visualizar de uma só vez todas as dimensões/faces do mesmo, e ele representará aquilo que viu de acordo com os conhecimentos que possui sobre o que está visualizando, e apresentará seu ponto de vista daquele objeto conforme suas representações. Considerando que à primeira vista uma pessoa não é capaz de visualizar por completo algo polidimensional, dessa maneira podemos concluir que o ser humano não é capaz de perceber tudo o que está em um ambiente ao mesmo tempo, ele necessitaria perceber por etapas cada elemento que compõe o todo. Assim como um mesmo objeto pode ter diversas percepções sobre ele de acordo com a representação de quem o observa.

Quando o cérebro seleciona o que quer perceber, no caso, as imagens de Gestalt onde em uma mesma figura ocorrem duas imagens distintas justapostas, *figuras-fundo*<sup>2</sup>, as figuras se transformam alternativamente uma formando o fundo da outra, gerando mais de uma interpretação, profundidade, forma, volume, etc. A imagem que uma pessoa vê neste tipo de figura outra pessoa pode não enxergar, a nossa mente tende a perceber primeiramente um todo para depois se focar nos detalhes, se for necessário. Há imagens que se formam através da sugestão, por fechamento, como o “Cubo de Necker”, por exemplo.



Figura 1: Velha/moça. Disponível em: <http://elinhapsi.blogspot.com.br/2013/11/blog-post.html>. Figura 2: Cubo de Necker; Figura 3: Vaso de Rubin. Disponíveis em: [http://www.miltondesigner.com.br/a-relacao-estreita-entre-os-principios-da-gestalt-e-design/#.UxePY\\_nla0s](http://www.miltondesigner.com.br/a-relacao-estreita-entre-os-principios-da-gestalt-e-design/#.UxePY_nla0s).

<sup>2</sup> **Figura-fundo:** A figura se distingue do fundo pela atenção que desperta no observador. A figura é o que tem significado enquanto o fundo é o pouco significativo. A atenção sobre a figura ocorre ou por características próprias do objeto ou por características presentes no observador. Do ponto de vista do objeto, é o contraste de características formais que diferencia figura e fundo. A figura tem algo formalmente diferente em relação ao contexto sobre o qual está colocada.

Disponível em: [http://www.auladearte.com.br/lingg\\_visual/fig-fund.htm#ixzz2v7tFIzDS](http://www.auladearte.com.br/lingg_visual/fig-fund.htm#ixzz2v7tFIzDS).

A Teoria da Gestalt, que propõe a separação figura/fundo, é uma propriedade organizadora (espontânea) do sistema visual: toda forma é percebida em seu ambiente, em seu contexto, e a relação figura/fundo é a estrutura abstrata dessa relação de contextualização” (AUMONT, 2011, p. 68). O mundo é composto por figuras e fundos, naturais ou manipulados/criados. É possível visualizar mais de uma imagem em uma mesma situação, como ver formas em nuvens, por exemplo, ou ver o corpo de uma mulher no formato do tronco de uma árvore, entre outras inúmeras maneiras.

Há imagens que são manipuladas para que sejam percebidas mais de uma na mesma figura, imagens diferentes e distintas, mas dependentes uma da outra, para que uma figura se forme a outra deve estar presente. Todavia, somente separando a figura de seu fundo, assim como há a possibilidade de criar uma imagem sem a desenhar, somente sugestionando a partir de outras imagens, formas ou traços, e, através dos mesmos pode-se até criar a sensação de tridimensionalidade. E, o uso de figura e fundo pode ampliar a percepção do ser humano, em sala de aula serve para desenvolver a percepção dos alunos, para obter diversas interpretações de/em uma imagem, a possibilidade de se visualizar várias coisas em um mesmo cenário.

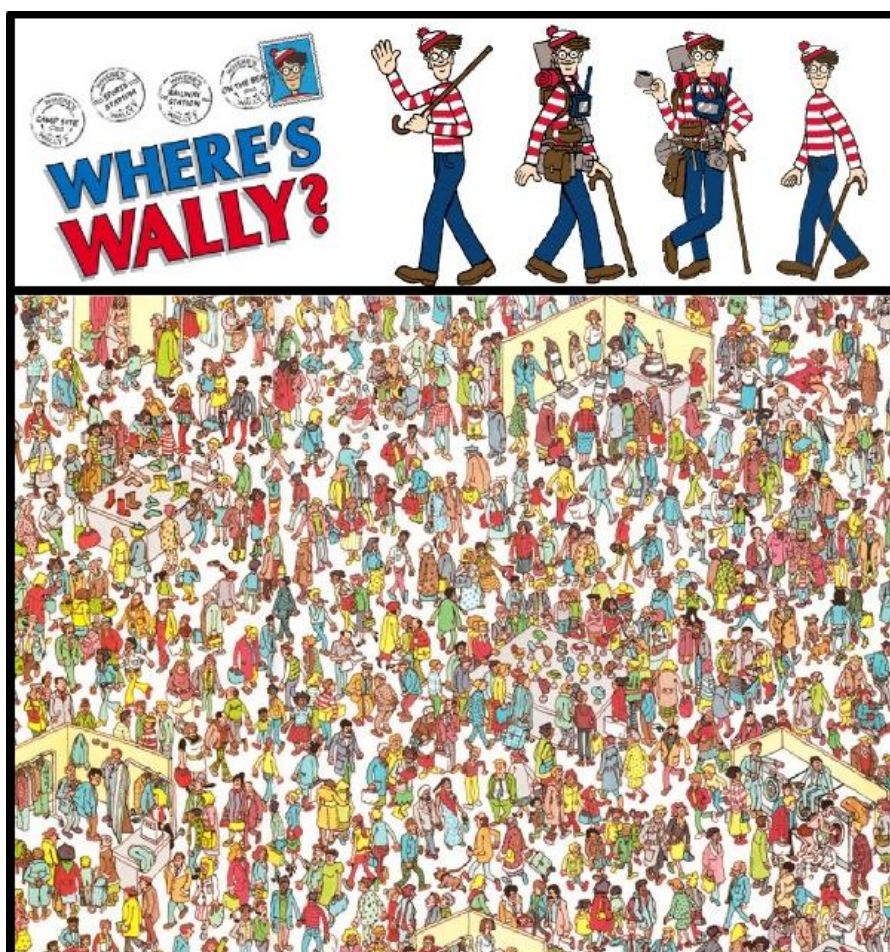


Figura 1: Rosto de um idoso X homem montado no cavalo com paisagem ao fundo; Figura 2: Rosto de mulher X Cavalos empinados com paisagem ao fundo; Figura 3: Rosto de uma senhora X Mulher nua sentada X imagem de três rostos nas formações rochosas; Figura 4: Rosto de mulher X Tronco de árvore com pássaros voando ao redor. Disponíveis em: <http://umbelarte.blogspot.com.br/2011/07/imagens-ambiguas.html>.

Convém enfatizar, a fim de evitar qualquer mal-entendido, que isso não torna tal distinção arbitrária: se o mundo real é, de acordo com quase todas as teorias da percepção, estruturado visualmente em figuras sobre fundos, a transposição dessa noção às imagens não necessita estabelecer uma convenção suplementar para as que regulam a imagem figurativa em geral; de certo modo ela faz parte da própria noção de figuração (o vocabulário é coerente: imagem *figurativa* é a que produz ou reproduz *figuras* e seus fundos) (AUMONT, 2011, p. 69).

Outro exemplo de percepção de cenários, suas situações, e elementos que o compõem, encontramos em “*Onde está Wally?*”, uma série de livros de caráter infanto-juvenil criada pelo ilustrador britânico Martin Handford – um livro-jogo composto por

cenários cujo objetivo é achar em cada cena o personagem principal, e no fim do livro existem outras opções para serem identificadas em cada cenário. Ele é composto por imagens, e cada uma ocupa duas páginas do mesmo, formando um cenário sempre com muitas pessoas e objetos e situações diversas no mesmo espaço, quem vê não consegue perceber ao mesmo tempo tudo o que está no cenário, o que torna o livro fascinante, interessante, e divertido, para quem o joga.



Onde está Wally (Where's Wally). Disponível em: <<http://www.psiva.ca/Research/WSL/WSL.html>>

Ver precede as palavras. A criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar. Mas existe ainda outro sentido no qual ver precede as palavras: o ato de ver que estabelece nosso lugar no mundo circundante. Explicamos este mundo com palavras, mas as palavras nunca poderão desfazer o fato de estarmos por ele circundados. A relação entre o que vemos e o que sabemos nunca fica estabelecida. A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Só vemos aquilo que olhamos. Olhar é um ato de escolha, aquilo que vemos é trazido para o âmbito do nosso alcance – ainda que não necessariamente ao alcance da mão. Tocar alguma coisa é situar-se em relação a ela. [...] Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos. Nossa visão está continuamente ativa, continuamente em movimento, continuamente captando coisas num círculo à sua própria volta, constituindo aquilo presente para nós do modo como estamos situados. Logo depois de podermos ver, nos damos conta de que podemos também ser vistos. O olho do outro combina com nosso



próprio olho, de modo a tornar inteiramente confiável que somos parte de um mundo visível. A natureza da reciprocidade da visão é mais fundamental do que a do diálogo falado. E com frequência o diálogo é uma tentativa de verbalizar isso – uma tentativa de explicar como quer metafórica ou literalmente, “você vê as coisas”, e uma tentativa de descobrir como “ele vê as coisas” (BERGER, 1999, pp. 09, 10, 11).

Paralelamente à percepção sensorial, aos estímulos externos, do ambiente, também se recebe informações do meio social e por isso, a visão do mundo é influenciada pelas representações sociais.

Moscovici (2003, p. 30) afirma que a psicologia social é, obviamente, uma manifestação do pensamento científico e, por isso, quando estuda o sistema cognitivo ela pressupõe que:

- 1) os indivíduos normais reagem a fenômenos, pessoas ou acontecimentos do mesmo modo que os cientistas ou estatísticos, e
  - 2) compreender consiste em processar informações.
- Em outras palavras nós percebemos o mundo de tal como é e todas nossas percepções, ideias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase-físico em que nós vivemos. O que nos distingue é a necessidade de avaliar seres e objetos corretamente, de compreender a realidade completamente; e o que distingue o meio ambiente é a sua autonomia, sua independência com respeito a nós, ou mesmo, poder-se-ia dizer, sua indiferença com respeito a nós e nossas necessidades e desejos.

Na psicologia, o estudo da percepção é de extrema importância porque o comportamento das pessoas é baseado na interpretação que fazem da realidade e não na realidade em si. Por este motivo, a percepção do mundo é diferente para cada um de nós, cada pessoa percebe um objeto ou uma situação de acordo com os aspectos que têm especial importância para si própria.

Além da capacidade perceptiva do sujeito com a imagem, entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, que por sua vez, são muito modelados pela vinculação a uma região da história (a uma classe social, a uma época, a uma cultura). Entretanto, apesar das enormes diferenças que são manifestadas na relação com uma imagem particular, existem constantes, consideravelmente transhistóricas e até interculturais, da relação do homem com a imagem em geral (AUMONT, 2011, p. 77).

Pode-se mudar a percepção de uma imagem de acordo com o momento histórico em que se vive. Em cada momento, há prioridades nas coisas que se observa, na medida em que se adquire conhecimento, se modificam as percepções. Assim como a visão de um idoso sobre um objeto pode ser diferente da visão de um jovem, ele pode conhecer mais coisas do passado e o jovem das coisas do presente, e as perspectivas acerca de um objeto são diferenciadas. Por isso, se privilegia as trocas de informações e percepções.

Isso acontece principalmente com as tecnologias, o homem busca maneiras de aperfeiçoar cada coisa que faz, modernizar de modo facilitar ainda mais sua vida, e vive inventando e criando coisas novas. Tal situação acontece com o professor, que deve estar sempre acompanhando as novidades não só da educação, mas da atualidade em informações e tecnologias, atento sempre as coisas do cotidiano dos alunos para promover a aquisição de conhecimento.

Nos homens, por mais tenham sistemas fisiológicos parecidos, a percepção está além do físico, do instinto; a percepção muda conforme vamos aguçando nosso conhecimento de mundo, de sociedade, de cultura, ela é influenciada pelo nosso conhecimento. Nosso olhar não é “cru” é um olhar repleto de representações, é um olhar investigativo, diferente. Por isso, por mais que sejamos parecidos, cada um tem uma trajetória de conhecimentos constituídos que alteram sua forma de perceber aquilo que está a sua volta; podemos perceber uma mesma situação ou objeto, mas nunca de maneira igual, pois cada ser percebe ao seu modo, de acordo com seu ponto de vista, o olhar é diferente para cada um. São muitos pontos de vista e muitas vistas de um ponto. Por isso dizemos que uma imagem pode remeter a diversas interpretações. E devemos respeitar a diversidade de percepções que são apresentadas em sala de aula e confrontá-las para que todos percebam os diferentes pontos de vista que podem haver em um mesmo espaço.

### 3 IMAGEM, IMAGINÁRIO E IMAGINAÇÃO

“Parece que, desde sempre, a imagem teve o poder de se impor a nós. Ela nos seduz por sua própria presença” (ROSSI, 2009, p. 09).

#### 3.1 CONCEITO DE IMAGEM

O conceito de imagem é complexo e amplo porque remete a vários significados, dependendo do contexto, do que se pretende dizer quando se fala de imagem. Buscando uma definição denotativa da palavra imagem, foram encontradas diversas significações de acordo com a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1935, p. 533):

**IMAGEM**, s. f. Representação de uma pessoa ou de uma coisa pela escultura, pintura, gravura, desenho ou fotografia; estátua, quadro, retrato [...]♦ Em sent. absol. e no plur. diz-se de figuras esculpidas, estampadas ou pintadas que são objetos de culto religioso; santinho: culto das *imagens* [...]♦ Estampa, gravura, vulgarmente colorida: um livro com belas *imagens*♦ *Fig. e fam.* Diz-se de pessoa formosa, bela, quase perfeita: essa criança parece uma *imagem*[...]♦ Representação de qualquer objeto iluminado, que resulta da reunião dos feixes luminosos emanados deste corpo, quando refratados ou refletidos por outro corpo: viu sua *imagem* no espelho; a *imagem* das árvores tremulava no rio♦ Parecença, semelhança: “Fez Deus o homem à sua *imagem* e semelhança”, Pedro Ivo, *Contos*, p. 59. ♦ Reprodução, cópia. ♦ *Fig.* Figura, representação das coisas na alma ou no espírito [...]♦ Figura, símbolo que recorda outra coisa: essa mulher é a *imagem* da vaidade feminina. ♦ Ideia, impressão passageira ou duradoura que faz um objeto no espírito, no coração, na memória [...] ♦ Efégie, vulto, figura [...]♦ Representação viva, ideia que se faz de uma coisa: a *imagem* do perigo aterrorizava-a. ♦ Descrição: fez-lhe uma clara *imagem* da vida no campo. ♦ Espécie de metáfora com que se dá uma idéia mais viva, mais sensível, em que se presta ao objeto formas, aparências, qualidades de outros objetos mais frisantes: “os seus olhos faiscavam lume” é uma *imagem*, como dizer “este homem nada em dinheiro” [...].

ESTIL. A *imagem* é uma das principais figuras de pensamento, que se reduz a uma confrontação de um objeto com outro, por forma concisa, e sem a veleidade de pretender caracterizar todas as semelhanças que existam entre os dois objetos. Em última análise, a *imagem* nada mais é do que uma metáfora desenvolvida de modo a fugir a simples comparação, para incisivamente dar uma transfiguração mais impressiva. A frase “os olhos são o espelho da alma”, constitui uma *imagem* impressiva; [...] A *imagem* que, como se sabe, é um recurso de que se lança mão para se deixar ao ouvinte ou ao leitor, o prazer de descobrir quais os pontos de vista de contato pretendemos frisar [...]. Frases como: esta vida é um inferno; a morte é o derradeiro sono; o caminho da vida é uma cruzada, etc., parece comprovarem que a *imagem* entrou nos domínios da linguagem corrente e familiar, embora seja de certo modo evidente que toda a *imagem* tende para aformosear e transfigurar a realidade.

FÍS. Um sistema óptico (espelho, lente, lupa, microscópio, etc.) provoca nos raios luminosos fenômenos de reflexão ou refração. Consideremos dois raios luminosos partindo de um ponto (origem); após terem sofrido os

fenômenos de reflexão e refração impostos –pelo sistema, os dois raios, ou seus prolongamentos, tornam a encontrar-se e ao ponto de encontro dá-se o nome de *imagem*. Se são os raios, após terem abandonado o sistema, que se encontram, a *imagem* diz-se *real*; se são seus prolongamentos, a imagem é *virtual*.

MAT. Emprega-se esta palavra na acepção de representação gráfica.

LITURG. Na antiga lei, era proibido aos judeus fazerem qualquer *imagem*, figura ou estátua e prestar-lhe culto [...]. Nos primeiros tempos, os cristãos evitaram também o uso de *imagens* e pinturas. [...] Todavia não tardaria que se multiplicassem as *imagens* de todas as espécies como o desenvolvimento do culto público.

Existem diversos tipos de representações imagéticas, e elas podem ser classificadas em função de vários critérios. Um deles refere-se à área sensorial de origem, onde ocorrem imagens visuais, auditivas, tácteis, olfativas, gustativas, etc., que variam de intensidade conforme a percepção de cada indivíduo. Outra diz respeito às imagens formadas na memória, na formação de novas imagens mentais como na imaginação, que surge a partir das experiências imagéticas reais, transformando-se e tomando novas formas. Também, existem as imagens representativas, que são aquelas que distinguem grupos, ou pessoas, de acordo com características que os diferenciam. Têm-se as imagens projetadas: a refletida (no espelho ou na água), fotografia, quadro, televisão, vídeo, figura, desenho, etc. REFERENCIA....

Nöth e Santaella (2008, p. 15) explicam os domínios que elas podem ocupar e a interligação entre os mesmos:

O mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a este domínio, O segundo é o domínio imaterial das imagens na nossa mente. Neste domínio as imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais. Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais.

Ou seja, as imagens pertencem ao universo do ser humano sejam elas externas ou internas, e são captadas a partir de as experiências sensoriais com o meio externo, para acomodar as informações no meio interno, formando assim, as imagens mentais/internas. Estarão sempre interligadas, pois as imagens mentais podem formar imagens concretas através do processo criativo, ou reprodutor, do ser humano ao transpor para o meio externo aquilo que vem da sua mente, criando coisas novas, ou reproduzindo aquilo o que percebe.

Sobre a percepção da imagem Piaget (1951, 1952, 1955 apud VENON, 1974, p. 23)<sup>3</sup> considera que “a imagem de um objeto não representa apenas sua aparência, mas uma interiorização das ações da criança e de outras pessoas com relação a este objeto”, ou seja, a maneira como cada um se apropria deste, a representação mental dele.

A imagem não é única em si mesma, ela muda de acordo com as concepções que se pode fazer delas, dos desejos, das emoções, podem estar ligadas a aspectos temporais, espaciais da percepção original. Um objeto está carregado de representações sobre ele e a descrição de um objeto estudado varia de acordo com as expectativas de quem o observa. No caso, a concepção de amor, no romantismo, o amor romântico era percebido como sofrimento, entrega, doação e até valia morrer pelo objeto de amor. Na atualidade, o amor é percebido como algo a ser compartilhado, correspondido e alimentado, ele não se cria sozinho, é fundamentalmente uma construção.

O ser humano, diferentemente dos outros animais, é o único capaz de mentalizar um objeto ou ação antes de torná-los reais; é capaz de criar histórias no seu imaginário, idealizar um construto antes de tê-lo feito. Mas, nada disso é possível ao ser humano se antes ele não tiver uma noção do objeto percebido, pois é a partir do objeto estudado é que ele faz a representação mental, normalmente esta experiência anterior é visual, salvo aqueles que são deficientes visuais, que se utilizam de outras formas de percepção do objeto e constroem suas representações de modo diferente, por forma, volume, textura, cheiro, ou tamanho, por exemplo.

Toda imagem produzida traz as representações de quem a fez, tem algo a mostrar, a dizer. Mas quem observa traz consigo suas próprias representações podendo coincidir ou não com a visão do autor da mesma.

Laplantine e Trindade (1997, p.10) comentam acerca das imagens produzidas, a partir de experiências visuais. “Imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. A produção de imagens em nosso pensamento é sempre de natureza perceptiva”. De acordo com os autores, imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim, a imagem que se tem de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que se sabe sobre esse objeto externo.

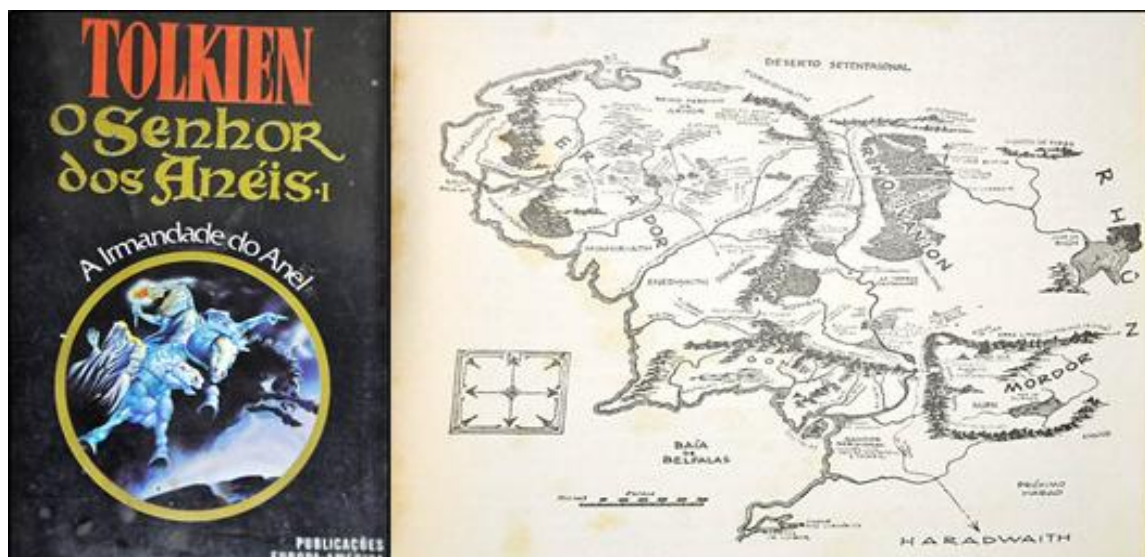
---

<sup>3</sup> Deve-se notar que tais datas se referem a traduções inglesas. Os originais franceses têm ordem diferente: *La Naissance de L'Intelligence chez l'Enfant* (1936); *La Construction du Réel chez l'Enfant* (1937); *La Formation du Symbole chez l'Enfant* (1945)

Mitchell (1996, p. 10 apud SANTAELLA; NÖTH, 2008, p.36) também diferencia as imagens criando uma tipologia, e as distingue desta forma: (1) imagens gráficas (imagens desenhadas ou pintadas, esculturas); (2) imagens óticas (espelhos, projeções); (3) imagens perceptíveis (dados de ideias, fenômenos); (4) imagens mentais (sonhos, lembranças, ideias, fantasias) e (5) imagens verbais (metáforas, descrições).

Das imagens citadas, as verbais são aquelas que remetem ao imaginário das pessoas, ao ler a pessoa mentaliza aquilo que está lendo, isto é, o representa mentalmente. Encontradas nos escritos, livros, poesias, descrições. Não se pode separar as imagens das palavras, pois as palavras servem para codificar as imagens, dar significação, simbolizar. A metáfora é uma das alterações semânticas que provam que nem sempre a palavra guarda seu significado originário/etimológico, podendo assumir valores novos. Por exemplo, humor negro, pé da mesa, boca do estômago, rio de lágrimas, trem no olho.

Outros exemplos de imagem verbal de vasta riqueza de descrições são encontrados nos livros de Sir John Ronald Reuel Tolkien, mais conhecido como Tolkien, "O Hobbit", publicado em 1937, e na trilogia "O Senhor dos Anéis", publicada na década de 50 do século XX. Ele foi tão criativo em suas obras literárias que idealizou todo um mundo imaginário com estrutura social, cultural, histórica, geográfica, cidades, civilizações, raças, criaturas, até mesmo inventou idiomas, alfabetos, lendas e contos que faziam parte destas sociedades que criara em suas ficções. Tolkien chegava a cansar o leitor com a riqueza de detalhes que continha em suas descrições, mas isso só deixou a sua obra mais fascinante, praticamente tornando real aquilo que era descrito.



Capa do livro "O Senhor dos Anéis: A irmandade do anel" e Mapa da Terra Média extraída dele.  
 TOLKIEN, Sir John Ronald Reuel. O Senhor dos Anéis: A irmandade do anel. 3 ed. \_\_\_\_\_: Publicações Europa-América, 1966.

Abaixo a citação de um trecho do livro o Senhor dos anéis: A irmandade do anel (TOLKIEN 1966, p.109):

Valdearam o regato e apressaram-se a atravessar um largo espaço cheio de juncos e sem árvores, do outro lado. Chegaram de novo a uma cintura florestal: carvalhos altos, na maioria, e, aqui e ali, um olmo ou um freixo. O terreno era relativamente plano e pouco o submato; mas as árvores erguiam-se tão juntas umas às outras que não os deixavam ver muito em frente. Súbitas rabanadas de vento atiraram as folhas para cima e do céu carregado começaram a cair pingos de chuva. Depois o vento amainou e a chuva engrossou. Foram avançando o mais depressa que podiam por extensões de erva e espessas acumulações de folhas mortas, enquanto a chuva tamborilava e escorria em toda a sua volta. Seguiam calados, mas não deixavam de olhar para trás e de lado para lado.

No ano de 2002, a indústria cinematográfica tornou real, com tamanha perfeição, o mundo fantástico de "O Senhor dos Anéis" começando com o lançamento de "A sociedade do anel", cujo livro seria "A irmandade do anel", seguido depois da produção de "As duas torres", por fim "O retorno do rei". Recentemente, foi produzido e lançado, "O Hobbit", que precederia essas três obras. Tolkien era um estudioso, um pesquisador, para escrever estes livros Tolkien se valeu de lugares que conheceu, amplo conhecimento de línguas, do fascínio por lendas e contos nórdicos e das vivências que teve.



Cenas do filme: O Senhor dos Anéis - A Sociedade do Anel. 1) Mapa da Terra Média – conforme o livro de Tolkien; 2) A Sociedade do Anel formada por Homens, Mago, Elfo, hobbits e Anão; 3) Balrog – demônio antigo – contra Gandalf – o Mago; Elfa evocando poderes – imagem computadorizada; 4) Valfenda: Terra dos Elfos.

Rossi (2009, p.09) enfatiza que “A palavra invoca algo que está ausente; a imagem é (já) presença, aqui e agora”. O leitor ao ler uma obra onde há muita descrição, mas pouca ou nenhuma imagem, mentaliza conforme suas representações, cria as imagens em seus pensamentos, mesmo que nunca tenham presenciado o universo maravilhoso descrito ali, mas imagina conforme a descrição feita pelo autor da obra, tornando a real em sua mente. Reiterando o trabalho de Tolkien, ninguém cria sem antes ter um conhecimento prévio, nos valem dos nossos conhecimentos para criar, inventar, idealizar algo novo. Ao ver o filme baseado na obra, aquele que leu pode ter duas reações, a de repúdio/frustração por achar que o filme não é fiel a obra, por não ser como ele a mentalizou, ou a de adoração por conseguir visualizar tudo aquilo que foi descrito no livro. O mesmo acontece no caso da pessoa que vê o filme e gosta tanto que sente vontade de ler o livro no qual o filme foi baseado, também pode frustrar-se ou maravilhar-se, só que sua leitura já terá sido influenciada pelo visual, ao ler ele vai lembrar-se das cenas do filme.

O homem é um ser criativo, capaz de idealizar coisas que vão além do mundo real, e graças às tecnologias desenvolvidas nas áreas de audiovisuais o homem consegue dar vida aquilo que vem da sua imaginação, através de filmes, videogames, por



exemplo. E, é por causa da sua natureza criativa que o homem foi capaz de dar vida a muitas coisas que fizeram um dia parte do universo imaginário.

Vive-se atualmente na era da imagem, onde o homem é rodeado de imagens por todos os lados. A importância de educar o olhar através da leitura de imagens nos livros infantis, assegurando um repertório de experiências estéticas e um vocabulário visual, o que favorecerá a leitura de imagens de signos pela vida afora: filmes, artes plásticas, gestos, arquitetura, formas como se organizam fisicamente as cidades, imagens da TV, cinema etc. (MANINI; CARNEIRO, 2007 *apud* GOES; ALENCAR, 2009, p.28).

De acordo com Góes e Alencar (2009, p. 20), “os ilustradores, ao darem *à luz* às imagens, colocam nelas muito de si, de sua leitura de mundo, de sua cultura, subjetividade, sentimentos, de sua alma”. Com isso, as ilustrações passam a ser “cheias de sentido, de personalidade, de sentimentos e emoções, de valor e interioridade”. Ainda segundo os autores, é preciso educar o olhar para uma visibilidade atenciosa sobre o que há na imagem. “[...]As imagens em geral, e não só nos livros infantis, mesmo quando não acompanhadas de textos, tem explicitamente um texto, uma narrativa, uma mensagem, uma ideia que estava na mente de seu criador ao concebê-la (GOES; ALENCAR, 2009, p. 30).

As imagens sempre existiram, e devido aos avanços tecnológicos, que permitiram a produção diversificada de bens e produtos em escalas nunca antes imaginadas, em nenhuma outra época a humanidade viveu tão imersa em uma avalanche de imagens. Tal constatação nos remete ao poder acumulado pela mídia, na veiculação de informações, textos e propagandas (MANINI; MARQUES; MUNIZ, 2010, p.137).

Como já foi discutido no capítulo 1, as imagens fazem parte das representações sociais, uma forma de caracterizar e categorizar as pessoas de acordo com os conceitos construídos pela sociedade. A imagem que se faz de alguém está relacionada a um sentimento e experiências que se teve em relação a ela. Atribui-se a essa pessoa características físicas ou morais, positivas ou negativas, repletas de significados baseados nas representações sociais concebidas. O corpo fala, pode se ter uma representação, constituir uma imagem de alguém simplesmente pelos gestos, maneira de vestir, falar, postura, modo de olhar, aparência física, dentre outras coisas, tudo isso por já se ter experiências vividas que revelam sobre estas características sentimentos ou emoções.

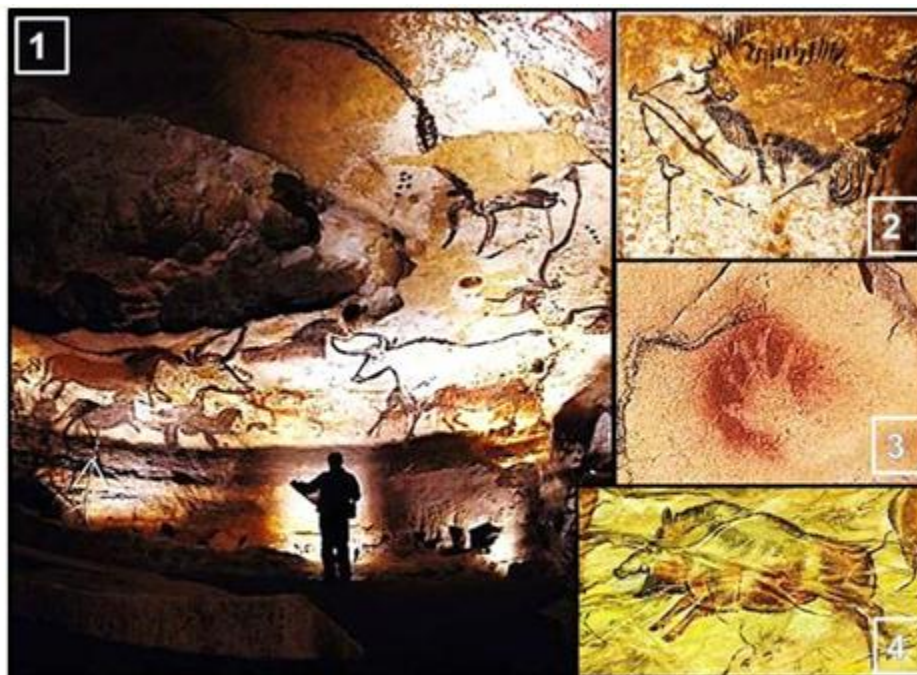
## 3.2 HISTÓRIA DA IMAGEM

*“No início, havia a imagem. Para onde quer que nos viremos, existe a imagem.”(JOLY, 2007, p.18)*

A história da imagem está interligada a história do homem, pois foi através do contato do homem com o ambiente, que houve a necessidade dele desenvolver seu potencial criativo, a fim de lhe garantir a sobrevivência e desenvolvimento pela transformação e domínio da natureza. Principalmente, na criação de instrumentos psicológicos e físicos, construção de moradias, na domesticação de animais, na plantação, mas acima de tudo no convívio social. Isso permitiu que o homem pudesse dar continuidade à sua espécie, desenvolvesse a linguagem e as formas de comunicação, as representações mentais e representações sociais.

A história do homem está repleta de criações e manifestações artísticas. São os profissionais como arqueólogos, historiadores, antropólogos e sociólogos que buscam resgatar e compreender o homem antigo e seu percurso até os dias atuais. Eles tentam compreender e remontar cada momento histórico do homem através dos resquícios, documentos, construções, manifestações artísticas, deixados de gerações passadas.

Os primeiros sinais de vida surgiram na terra há cerca de 3,5 milhões de anos. Os ancestrais da humanidade, os primeiros hominídeos, só apareceram há mais ou menos 7 milhões de anos. Entre 150 mil e 100 mil anos atrás surgiu o *Homo sapiens moderno*, espécie da qual fazemos parte, os humanos propriamente ditos. Acredita-se que um dos fatores principais da conquista de diversas regiões do mundo pela nossa espécie se deu por causa do desenvolvimento da linguagem, que ampliou a comunicação entre os membros do grupo. O *Homo sapiens moderno* soube aproveitar também as conquistas anteriores, como o domínio do fogo e as técnicas de fabricação de instrumentos. Por volta de 40 mil anos atrás, começaram a surgir as primeiras pinturas no interior das cavernas, conhecidas como pinturas rupestres, sinal do desenvolvimento de uma linguagem simbólica e de uma vida social mais complexa (ARRUDA; PILETTI, 2005, pp. 07-11).



Pinturas Rupestres nas paredes da caverna. Lascaux – França. 1) Disponível em [www.maxisciences.com](http://www.maxisciences.com); 2) Disponível em: [www.decouvrir-la-france.com](http://www.decouvrir-la-france.com); 3) Disponível em: [www.kidadoweb.com](http://www.kidadoweb.com); 4) Disponível em [www.sylvie-tribut-astrologue.com](http://www.sylvie-tribut-astrologue.com). Acesso em: 26/03/2013.

Segundo Manini, Marques e Muniz (2010, p. 35), a arte nasceu há cerca de 25 mil anos, promovendo o aumento da inteligência e trouxe a criatividade e a imaginação, a habilidade de criar imagens esculpidas e pintadas. As primeiras manifestações artísticas do homem foram através das esculturas, modelando com as mãos o barro, a argila, onde representava expressivamente sua realidade, suas emoções. Também expressavam as cenas do cotidiano, seus feitos, nas paredes das cavernas através das pinturas rupestres. Encontra-se nas pinturas as representações de animais, caçadas, homens, e mulheres – cujo ventre é exaltado demonstrando fertilidade.

O ser humano no decorrer do seu desenvolvimento histórico, sentiu a necessidade de registrar aquilo que ele vivenciava. Inicialmente utilizou as imagens para representar algo que fazia parte da sua realidade, e foi desenvolvendo códigos imagéticos para contar histórias, depois para simbolizar letras, palavras ou frases, constituindo uma escrita figurativa – como, por exemplo, a escrita cuneiforme dos sumérios ou os hieróglifos egípcios – e foi aperfeiçoando-se e adaptando-se até chegarmos, finalmente, a uma escrita alfabética e fonética, não excluindo o uso de imagens como recurso visual.

Sendo uma das mais primitivas formas de comunicação, não surpreende a presença da imagem nas primeiras manifestações do pensamento escrito, pois, mesmo sem falar na época em que as duas coisas se confundiam, isto é, em que a escrita era composta de imagens, era frequente, desde a mais remota antiguidade, se juntarem figuras às inscrições monumentais (ENC. MIRADOR INTERN., 1990, p. 5986).

Sérgio (2010) aponta que os primeiros registros imagéticos dos homens foram representados na forma de esculturas e de pinturas rupestres, e se desenvolveram maneiras de comunicar-se criando códigos escritos, primeiramente através das imagens, sem que fosse necessária uma comunicação verbal para que fossem compreendidos, tornando mais eficiente a transmissão de mensagens. Os primeiros a desenvolverem a escrita foram os Sumérios, com símbolos pictográficos e ideográficos, através da escrita cuneiforme, que lembravam cunhas, em seguida os Egípcios desenvolveram a escrita através de imagens e símbolos pictográficos, os hieróglifos e a escrita demótica (que era feita com uma espécie de caneta sobre o papiro, mas ágil, foi utilizada para o registro de contas e documentos).

O autor destaca que a escrita ideográfica evoluiu a partir de formas da escrita pictográfica. Ela consiste e um modo de escrever que se utiliza de ideogramas (símbolo gráfico ou desenho, signos pictóricos) formando caracteres separados e representando objetos, ideias ou palavras completas, associados aos sons com que tais objetos ou ideias são nomeados no respectivo idioma. Por isso, são necessários tantos símbolos quantos os objetos e ideias a exprimir

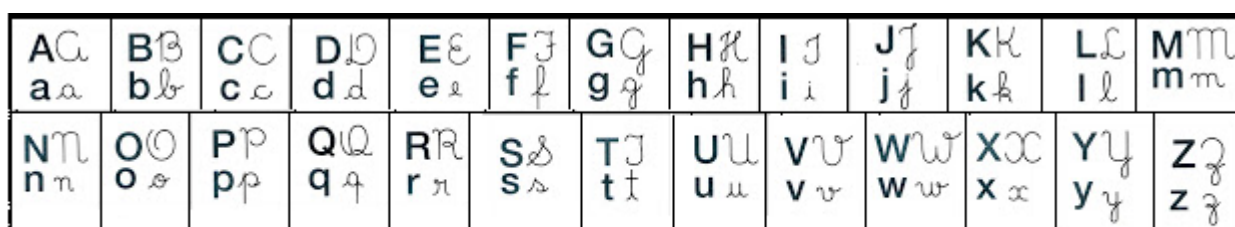


Figura 1: Hieróglifos Egípcios. Figura 2: Alfabeto Hieróglifo Egípcio. Disponível em:

<http://rsiqueira.postbit.com/photos/museu-do-louvre/louvre-egito-papiro-com-hieroglifos-all-sizes.html>

Ele complementa, que a escrita ideográfica ainda, é muito utilizada na cultura chinesa e japonesa, através de ideogramas, até hoje, dispensando o uso de alfabetos. Estes são escritos separadamente, formando colunas e lidos de cima para baixo a partir da direita. A princípio, esta escrita se limitava somente a ideias (imagens) desvinculada de sons. Mas se fez necessário elucidar as ideias abstratas, na qual a transcrição gráfica era impossível, e os chineses recorreram aos símbolos (ideogramas) de objetos concretos, correspondente na língua falada, a uma palavra com o mesmo som. Deste modo, introduziram elementos fonéticos na escrita ideográfica.

Em suma, a escrita hoje utilizada em todas as culturas é fruto da ideografia, pois criamos códigos e símbolos que traduzem significados, podendo representar letras, palavras ou frases, quantidades, com uma fonética correspondente. Por exemplo: a representação dos números: [0] lê-se *zero*, [1] lê-se *um*, [2] lê-se *dois* e assim por diante. Observa-se que com apenas um símbolo representamos uma palavra (ideia completa). Outro exemplo são as abreviaturas: [a. C.] lê-se *antes de Cristo*. / [V.S.a] lê-se *Vossa Senhoria* - [Adv.] lê-se [advogado]. Quando a abreviatura é uma locução, o somatório de letras é que compõe o símbolo ideográfico. O nosso sistema de escrita, no Brasil, é o Alfabético e Fonético, que consiste na representação dos sons da língua pelas letras do seu alfabeto, mas nem sempre correspondendo ao som da língua, portanto ela não é exclusivamente fonética.



ALFABETO. Disponível em: <http://paleografianomuseu.blogspot.com.br/2013/01/o-alfabeto-e-escrita.html?m=1>. Acesso em 2014.

As imagens são usadas para representar coisas que fazem parte da realidade, de maneira simbólica, elas são repletas de significações:

As imagens captam adequadamente informações concretas e espaciais de uma maneira que é simbólica de tudo que representam. Representações pictóricas transmitem todas as características simultaneamente. Quaisquer regras para criar ou compreender imagens pertencem, me geral, ao relacionamento analógico entre a imagem e aquilo que ela representa. Ajudam a assegurar a maior similaridade possível entre os dois. Representações em palavras, usualmente, transmitem informações de modo sequencial. Realizam isso de acordo com regras arbitrárias que têm pouco a ver com o que as palavras representam. Porém, as palavras têm muito a ver com a estrutura do sistema de símbolos para o uso de palavras. Cada tipo de representação é bem adaptado para algumas finalidades, porém não para outras. Por exemplo, plantas de engenharia e fotografias de identificação atendem a propósitos diferentes dos ensaios e memorandos (STERNBERG, 2010, p. 228).

Os recursos visuais sempre foram, e sempre serão, utilizados para transmitir ou descrever mensagens ou ideias, seja de forma imperativa ou não, e cada dia o ser humano vai desenvolvendo maneiras de melhorar ainda mais esta comunicação visual utilizando-se de diversos recursos, hoje temos como possibilidade, também, as imagens digitais.

Para o homem a imagem é a principal (além de ser a primeira) forma de ver e expressar o mundo, refletindo o universo endógeno de cada ser humano ou o mundo exterior dos objetos que aparecem óticamente desde o nascimento. Supõe-se que a partir das imagens, então, que o homem construiria sua subjetividade. A imagem seria a fonte original, mas não única, de todo o conhecimento, pois ela antecederia o pensar consciente (NOVA, 2003, p.182)

De acordo com a autora, quase todos os atos de nossas mentes são acompanhados da criação ou recordação de imagens, originalmente externas ou não. A vida e o mundo são percebidos como imagens.

A Terra, os rios, o mar, os objetos e mesmo noções mais abstratas encontram-se direta ou associativamente ligadas a imagens na mente dos seres humanos. Mesmo ler um livro ou escutar a fala de alguém, o pensamento conduz a imagens, muitas das quais não muito claras à nossa consciência. Esse funcionamento cerebral, longe de ser simples, envolve uma série de mecanismos complexos que mesclam variantes psíquicas, biológicas, sociais, culturais, filogenéticas<sup>4</sup>, etológicas<sup>5</sup>, complexificados ainda mais com a presença de linguagens verbais que interagem a todo tempo com as de ordem imagética (NOVA, 2003, p.183).

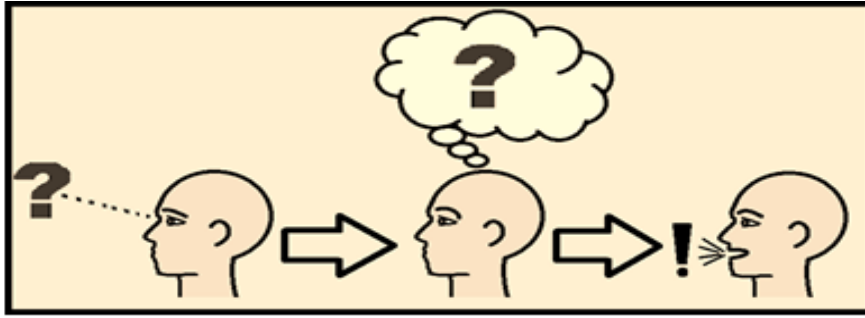
Ela acrescenta que existem dois tipos de imagem, aquelas que são construídas no nosso subconsciente são as *imagens internas*, e as *imagens externas* seriam as que fazem parte do ambiente externo, que são captadas principalmente através do processo de percepção ótica, indicando que:

A percepção visual é o processamento, em etapas sucessivas (ópticas, químicas e nervosas), de uma informação que nos chega por intermédio da luz que entra sob os olhos. As imagens externas são, dessa forma, percebidas, quase de modo automático, através de uma interpretação espaciais e tridimensionais. Esse olhar, evidentemente, não possui nada de neutro, dado que se encontra inserido na própria subjetividade do ser humano. As imagens internas são aquelas que a nossa mente produz, geralmente associadas às coisas que já são do nosso conhecimento podendo ir além à subjetividade do indivíduo, imaginando, criando algo novo (NOVA, 2003, 184).

---

<sup>4</sup> História genealógica de uma espécie ou de um grupo biológico, fundamentada em elementos fornecidos principalmente pela Anatomia Comparada, pela Paleontologia e pela Embriologia. (Michaelis, dicionário online)

<sup>5</sup> Estudo da formação do caráter do homem; *Biol* Parte da ecologia que trata dos hábitos dos animais e da acomodação dos seres vivos às condições do ambiente; Estudo dos costumes sociais humanos.



Percepção Visual, Apropriação, e Resposta. Desenho: Criação Própria, 2010.

Desde os primórdios, a aprendizagem e a educação eram algo se davam principalmente pelo visual, as histórias remetiam a imagens, ao imaginário, e eram contadas utilizando-se dramatizações, objetos, e/ou desenhos. A imagem era utilizada para demonstrar, para dar entendimento, ou fazer o ser humano apropriar-se de algo, de um objeto em estudo, para facilitar o aprendizado.

A imagem tem um importante papel na vida do homem permitindo a ele compreender melhor o mundo que o cerca e a comunicar-se de forma mais eficiente, e, é por isso que o homem nunca para de desenvolver técnicas para aprimorar cada vez mais as formas de comunicação através das imagens.

Hoje com o avanço das tecnologias, dos meios midiáticos e publicitários, as maneiras do homem representar as imagens também se desenvolveram, sendo muito utilizadas atualmente as imagens digitais, aquelas que são criadas por intermédio dos computadores, que permite o homem não só digitalizar as impressões da realidade, mas também modificá-las de modo inová-las, ou criar algo totalmente novo a partir do seu imaginário. As imagens digitais permitem ao homem dar vida a sua imaginação, indo além das possibilidades que existiam antes da existência delas. Presentes nos filmes de ficção científica, ou de aventuras fantásticas, dentre outros, mesclando imagens digitais com imagens reais. Tem-se como exemplo o filme “Avatar” de James Cameron, lançado em cartaz no ano de 2009.



Criação de imagem digital, cena do filme Avatar. Disponível em: <http://blog.submarino.com.br/Radar/artigos/?p=4368>. Acesso em 26 mar. 2013.

A criação da imagem com a elaboração da informática chama-se infografia, ou computação gráfica. Essas duas expressões, de origem francesa e inglesa, respectivamente, procuram harmonizar a produção da imagem com as tecnologias do computador, sendo fundada sobre os conceitos de imagem digital e imagem numérica, da qual decorre uma espécie de imagem, a chamada imagem IHC (Interação Humano Computador) ou imagem interativa. Ao se manifestar como um espaço intertextual, ela se abre ao diálogo com os indivíduos, então estabelecido por um processo de troca quase instantâneo e gerador de um fluxo de informação, mantenedor da relação entre produção e recepção (MANINI; MARQUES; MUNIZ, 2010, p.37).

Segundo Bairon (1995, apud MANINI; MARQUES; MUNIZ, 2010, p. 37) a técnica da imagem interativa para a apresentação de informações na concepção da imagem IHC, recorre simultaneamente a diversos meios de comunicação, mesclando texto, som, imagens fixas e animadas. Têm como antecessores não exatamente a pintura, a escrita, a imprensa, o jornal, a fotografia, o cinema, a TV e o vídeo, mas as interfaces e interatividades ocorridas entre tais meios de comunicação.

Sua estética está mais próxima de uma obra artística no sentido de permitir várias leituras, buscando principalmente atingir imediatamente os sentidos de quem com elas interage (VENTURELLI, 2002). Visível nos jogos de videogames, onde cada vez mais o jogador interage com o cenário e aqueles que fazem parte dele, onde também, em alguns jogos, é permitido mais de um jogador em um mesmo jogo, ao mesmo tempo. *Microsoft Xbox 360 com Kinect* e *Nintendo Wii* são exemplos de videogames onde há maior interação do usuário com o jogo.





Pessoa jogando Nintendo Wii. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL156997-6174,00-WII+SPORTS+DOMINA+PREMIACAO+DE+GAMES+BRITANICA.html>. Acesso em dez 2013

### 3.3 IMAGENS E SÍMBOLOS

As diferentes culturas geram tipos de linguagens, símbolos e significados, códigos verbais e não verbais, que são melhor compreendidos em seu contexto, Entretanto, são informações que auxiliam a compreender suas representações:

Todas as linguagens têm um sistema próprio de organização. A linguagem visual também possui seu código, ou seja, os elementos que servem para formar suas mensagens. Compreendemos e usufruímos melhor essas mensagens quando conhecemos seus elementos constituintes, as estratégias que o autor utilizou e o funcionamento desses recursos sobre nossa sensibilidade, ou seja, o “alfabeto” visual (OLIVEIRA; GARCEZ, 2002, p. 46).

Pode-se transmitir uma ideia através de um meio simbólico, como em uma placa de trânsito, por exemplo, identificado como signo. Sendo uma maneira de comunicar aos outros uma mensagem. Tem signos que são facilmente compreendidos em qualquer, assumindo um caráter universal e, outros que precisam ser traduzidos. Os signos são produzidos para que não seja preciso escrever o que queremos dizer, são mensagens para o cotidiano das pessoas e produzidos a todo momento. Existem signos universais, atemporais, e signos que são criados para um momento específico para chamar atenção para algum ponto relevante outros como a criptografia (REFERENCIAS).

De acordo com Laplantine e Trindade (1997, p.21):

O simbólico comporta um componente racional real e representa o real ou tudo aquilo que é indispensável para os homens agirem ou pensarem. O simbólico se faz presente em toda vida social, na situação familiar, econômica, religiosa, política etc. embora não esgotem todas as experiências sociais, pois em muitos casos essas são regidas por signos, os símbolos mobilizam de maneira afetiva as ações humanas e legitimam

essas ações. A vida social é impossível, portanto, fora de uma rede simbólica.

Os símbolos relacionam-se com os valores impregnados no imaginário de uma sociedade, de uma comunidade, de um grupo de indivíduos, refletindo aspirações, ideais, significações, produzindo sentimentos de valor, enfim, produzindo identidade.

De acordo com Manini, Marques e Muniz (2010, p.127):

O símbolo é o elenco que decodifica a mensagem de uma figura, de um gesto, de um emblema, de uma insígnia que, por sua vez, serve de instrumento simbólico para representar uma nação, uma instituição, uma corporação, nomes de família, etc. Este universo simbólico representou através dos tempos as mais diversas culturas, possibilitando comunicar e perpetuar a sua memória por meio do imaginário.

Segundo Panofsky (1995 apud MANINI; MARQUES; MUNIZ, 2010, p.127), a análise simbólica dos conteúdos figurativos das obras de arte revela comportamentos, atitudes e intenções relacionadas ao fato histórico. Para que um símbolo exista é necessário haver uma relação entre o significante e o significado. O símbolo, portanto, transmite o significado e depende de interpretação, pois está carregado de sentidos, fornece indícios ou sinais aparentes que podem ser interpretados de acordo com a mentalidade de uma determinada época ou cultura.

As obras de arte são repletas de significados e representações de seus autores, ora com símbolos visíveis e significados ocultos, símbolos estes que, às vezes, nem o próprio autor da obra queria que fossem compreendidos, guardando a significação para si. Não é somente nas obras de arte que se encontra símbolos ocultos, nos processos publicitários e midiáticos vemos simbologias implícitas o tempo todo, que nem sempre compreendemos, mas inconscientemente assimilamos.

Analisando a simbologia nas obras de arte, para exemplificar, o que foi descrito sobre a pintura “O Casal Arnolfini” de Jan van Eyck (CUMMING, 1996, 14 e 15), fundador da escola flamenga de pintura. O artista criou esse retrato duplo do casamento de Arnolfini, um próspero banqueiro de sua época que lhe encomendou o quadro. O quadro é repleto de simbolismos e funciona em vários níveis: como retrato de dois membros proeminentes da sociedade, pintado pelo principal artista local; como um registro de seu casamento; e como comentário sobre as obrigações do casamento em geral, tais como eram vistas em meados do século XV. Suas obras eram muito valorizadas na Itália renascentista.



“O CASAL ARNOLFINI” de Jan Van Eyck; 1434; 82x60cm; óleo sobre carvalho Disponível em: [http://lounge.obviousmag.org/quer\\_dizer/2012/07/casal-arnolfini-misterio-perfeccionismo-e-talento.html](http://lounge.obviousmag.org/quer_dizer/2012/07/casal-arnolfini-misterio-perfeccionismo-e-talento.html). Acesso em 10 dez 2013.

“O Casal Arnolfini” (1434; 82x60cm; óleo sobre carvalho; National Gallery, Londres). VELA: Uma única vela arde no candelabro. Ela representa o olho de Deus que tudo vê. Costumava-se colocar uma única vela acesa no leito dos recém-casados para incentivar a fertilidade; MÃOS: As mãos unidas são centrais no casamento cristão significando a união de duas pessoas em uma só. As mãos unidas também unificam a pintura, e o formato delas se repete acima nas curvas do candelabro; IMAGEM DA SANTA: Entalhada na cabeceira da cama, vemos a imagem de uma santa com um dragão aos pés. Provavelmente é Santa Margarida, a santa padroeira do parto, cujo atributo é o dragão, porém a escova ao lado dela sugere que pode ser Santa Marta, a padroeira das donas de casa, que compartilha o mesmo atributo; ROSÁRIO DE CRISTAL: O rosário (pendurado na parede) era um típico presente de casamento de um futuro marido para sua noiva. O cristal é o símbolo da pureza, e o rosário sugere a virtude de sua noiva e o seu dever é continuar devotada e fiel; ASSINATURA: A assinatura traçada numa elaborada caligrafia gótica diz “Johannes de Eyck fuit hic 1434 (em latim, Jan van Eyck esteve aqui em 1434). REFLEXO NO ESPELHO: O artista também incluiu seu reflexo no espelho logo abaixo, indicando sua presença naquele momento. Alguns estudiosos creem que ele foi testemunha do casamento; FRUTAS CARAS: As laranjeiras,

importadas do sul, eram artigos de luxo na Europa do norte. Conhecidas como “pomos de Adão”, as laranjas também são usadas para representar o fruto proibido no Jardim do Éden. Assim elas se referem ao pecado mortal da luxúria, que segundo se considerava, levou à queda do homem. Os instintos “pecaminosos” da humanidade são santificados através do ritual do casamento; GIOVANNA CENAMI: vinha de uma rica família italiana, e sem dúvida sua união foi cuidadosamente arranjada com um “bom partido”. Ela usa um elegante vestido verde, adequado para um retrato de sociedade e de casamento, já que o verde é a cor simbólica da fertilidade. Ela não está grávida – sua pose apenas destaca o ventre, que na época era considerado um ponto de beleza. É possível que sua postura e curvatura exagerada do ventre sugiram a fertilidade e a futura gravidez; GIOVANNI DE ARRIGO ARNOLFINI: Rico comerciante italiano, teve cargos importantes na corte do duque da Burgúndia, também foi tesoureiro da Normandia e fez fortuna recolhendo impostos sobre bens importados. Ele usa roupas sóbrias, que eram elegantes na corte; SAPATOS: Os sapatos postos e lado eram sinal de que uma cerimônia religiosa estava ocorrendo – mais uma prova de que o quadro deve ser uma elaborada certidão de casamento. A posição de destaque dos sapatos talvez seja importante; os sapatos vermelhos de Giovanna estão perto da cama, os do marido perto do mundo exterior. Na época se acreditava que tocar o chão com os pés descalços garantiam a fertilidade; CAMA: As camas tinham um significado simbólico, em especial nas casas reais e nobres, onde a continuidade da linhagem familiar era essencial. A cama representa o lugar por onde entramos no mundo ao nascer e deixamos o mundo ao morrer. Os panos vermelhos drapeados simbolizam a paixão; CÃO: O cão dá um toque leve e encantador a uma tela que se destaca pela solenidade. A pintura detalhada dos seus pelos é uma verdadeira proeza técnica. Nos retratos, um cão costuma representar a fidelidade e o amor terreno, e quase com certeza é este seu objetivo simbólico aqui; MOLDURA ESPELHO: Em torno do espelho há dez das quatorze estações da cruz – incidentes durante a jornada de Cristo até sua morte no Gólgota. Sua presença sugere que a interpretação da pintura deve ser também cristã e espiritual, não só legal e factual. Símbolos da riqueza: quase tudo neste quadro proclama a riqueza do jovem casal, desde as roupas e os móveis até a frutas importadas junto à janela. TAPETE: Ao lado da cama está um luxuoso e caríssimo tapete de Anatólia, mais uma indicação da riqueza e do status do casal; No século XV, o casamento era o único sacramento cristão que não requeria a presença de um padre, podia ser realizado em particular, na presença de duas testemunhas. Em vista do reflexo de duas pessoas no espelho, já se sugeriu que esta tela, é na verdade, um documento legal certificando o casamento de Arnolfini (CUMMING, 1996, p.14 e 15).

As obras de arte ao contrário dos objetos que se utiliza no dia-a-dia, remetem a uma sensação, uma emoção, ela provoca inquietação naquele que a contempla, podendo causar boas ou más impressões. São diversos elementos que podem despertar essas sensações, como a composição e disposição dos elementos, a cor, a luminosidade, perspectiva, a textura, a forma, a harmonia, as expressões, a qualidade da ideia. Segundo Oliveira e Garcez (2002, p.11), esse conjunto de sensações que a obra de arte provoca no expectador é chamada de *experiência estética*.

Uma contribuição importante da arte é desenvolver a consciência estética, tanto para apreciar a arte como para despertar a capacidade crítica. Ao se observar uma obra de arte desenvolve-se o olhar, a fruição, a sensibilidade e a capacidade analítica; possibilita-se a organização de ideias e opiniões próprias, o reconhecimento das qualidades estéticas, enriquecendo-se, assim, sua própria criação. Um país se forma principalmente, por sua cultura, por sua expressão artística (FERREIRA, 2010, p.13).

Para ilustrar o conceito, se resgata a representatividade da imagem de um emblema totêmico pertencente a uma tribo australiana:

Através dela [a imagem], as emoções experimentadas são mantidas e reavivadas perpetuamente. Portanto, tudo se passa como se ela as inspirasse diretamente. É realmente mais natural atribuir tais emoções a essa imagem, sobretudo, porque sendo comum ao grupo só pode estar relacionada com alguma coisa que lhe seja igualmente comum...o caráter sagrado de que se reveste uma coisa não está implicado nas suas propriedades intrínsecas: e-lhe é acrescentado... é superposto a ela...Para objetivar-se, fixa-se sobre um objeto que então se torna sagrado; mas qualquer objeto pode ter essa função (Durkeim, 2007 apud MANINI; MARQUES; MUNIZ, 2010, p. 127).



TOTEM. Disponível em: <http://www.culturamix.com/wp-content/gallery/3-250/o-que-sao-totens-9.jpg>. Acesso em 2014.

Os símbolos, então, imprimem valores aos acontecimentos, aos objetos ou às pessoas; transferem sentimentos de forma que a imagem contida numa bandeira, num distintivo, pode condensar sentidos e significar o que se quer reter política e socialmente como características diferenciadoras de um grupo. Laplantine e Trindade (1997, p.22) exemplificam isso:

Quando juramos perante a bandeira nacional, ou rasgamos em protesto essa mesma bandeira, manifestamos os sentimentos de respeito ou revolta perante à pátria e, conforme esses nossos atos, seremos, pelos nossos compatriotas, reconhecidos como cidadãos ou banidos por eles. Encontramos no simbólico um sistema de valores subjacentes, históricos ou ideais referidos aos objetos ou instituições consideradas.

Ampliando a discussão Schütz (1932, p.167 apud SANTAELLA; NÖTH, 2008, p .21) destaca que: “Quando nós observamos um símbolo, que é sempre um objeto do mundo exterior no amplo sentido da palavra, não olhamos para ele como o próprio objeto, mas como representante daquilo que ele representa”. A Bandeira Nacional Brasileira que

foi criada após a Proclamação da República, em 1889, para representar as conquistas e o momento histórico para o país. [...] Manteve a tradição das antigas cores nacionais - verde e amarelo - do seguinte modo: um losango amarelo em campo verde, tendo no meio à esfera celeste azul, atravessada por uma zona branca, em sentido oblíquo e descendente da esquerda para a direita, com os dizeres “Ordem e Progresso”. As estrelas, que fazem parte da esfera, representam a constelação Cruzeiro do Sul. Cada uma corresponde a um Estado brasileiro. A única estrela acima da inscrição “Ordem e Progresso” é chamada *Spica* e representa o Estado do Pará (PRESIDÊNCIA, 2011).



Bandeira Nacional Brasileira. Disponível em <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/simbolos-nacionais/bandeira>. Acesso em 26/03/2013.

O símbolo também depende de um contexto para que ele tenha significação, caso contrário ele seria só um “objeto” qualquer. Afinal, “Nós nos aproximamos de uma semiótica explícita da imagem em cada trabalho que inicia a reflexão sobre a relação entre o sistema de signos da linguagem e o da imagem” (SANTAELLA; NÖTH, 2008, p. 33).

O casamento, em cada cultura tem um significado, é um ritual atrelado a crenças, é realizado de um modo, com simbolismos, representações, significações e procedimentos. Denotativamente, o termo casamento é uma junção da palavra *casar*, que significa juntar, unir, pôr em par, e da terminação *mento*. Para a língua portuguesa casamento [...] significa o “*ato solene de união entre duas pessoas de sexos diferentes, capazes e habilitadas, com legitimação religiosa e/ou civil*” (AURÉLIO, 2005, apud MORAES, 2006). No Brasil, a significação de casamento legalmente está se estabelecendo através de outros meios que podem consolidá-lo como União Estável e, também, hoje já é possível casamento entre pessoas de um mesmo sexo. Também existem culturas que permitem a poligamia, que uma pessoa se case mais de uma vez e tenha diversos cônjuges, como na cultura mulçumana e em algumas regiões da África.



Figura 1: Casamento. Disponível em: <http://casamento.culturamix.com/casamento-religioso/entrada-no-noivo-na-igreja>. Figura 2: Alianças e buquê. Disponível em: <http://zarex.com.br/inspiracao/os-significados-da-alianca-no-casamento/>.

A aliança, por exemplo, significa união, e no casamento ela é um anel que simboliza a união entre dois corpos, duas pessoas, símbolo do amor eterno. Também, é um símbolo social que demonstra para sociedade o comprometimento de quem a usa, se a pessoa é casada ou está noiva, dependendo do material da aliança e da mão em que ela está. Nela pode, ou não, haver pedraria, e as pedras têm seus significados relacionados à sorte, fidelidade, longevidade, etc.

Muitas pessoas gostam de demonstrar traços de personalidade, simbologias, demonstrações de afeto, modismos ou representações diversas em suas peles, sob a forma de uma tatuagem, principalmente, entre o público jovem. A tatuagem é um desenho ou escrita feita com tinta sobre ou sob a pele podendo ser permanente. Uma tatuagem pode ser repleta de simbologias diversas, e são utilizadas em várias culturas.

Na sociedade moderna e urbana, as pessoas a fazem uma tatuagem não se preocupando com uma simbologia, e sim mais por uma questão estética. Porém, nem sempre a tatuagem tem uma significação positiva, por exemplo, no caso de tatuagens de cadeia feitas por presidiários brasileiros que têm representações implícitas conforme sua personalidade ou atitudes, estudadas por Moraes Mello<sup>6</sup>. “A caveira apunhalada” é o símbolo das tropas de operações especiais de algumas Polícias Militares do Brasil simbolizando ordem e justiça (a faca significa o sigilo e a caveira a missão), mas sua tatuagem no mundo do crime possui outra significação que identifica que a pessoa já assassinou policial.

O que se pretende dizer com isso é que um símbolo pode ter diversas representações, sejam positivas ou não, isso muda de acordo com o contexto do símbolo,

<sup>6</sup> Disponível em: <http://forcapolicia.wordpress.com/tatuagem-de-cadeia/> Acesso em Dez 2013.

suas significações podem ser explícitas ou implícitas onde somente grupos ou pessoas específicas podem compreendê-las.

Afinal, a simbologia é algo presente na sociedade desde sua formação, e cada cultura tem as suas representações simbólicas, em síntese retratam as representações sociais. A maioria delas já está arraigada no inconsciente coletivo como algo natural, que deve ser aprendido e transmitido, não havendo dúvidas ou questionamentos. Muitas simbologias se mesclaram e ainda se mesclam no contato intercultural, visando facilitar a comunicação, resgatando costumes que sejam de interesse de cada uma delas.

Algumas simbologias são estáveis, todavia podem sofrer alterações em casos extremos, como a perda de uma guerra para um país inimigo, por exemplo. O mais importante é a capacidade de representações por meio de um signo/símbolo. E com o tempo, os símbolos são criados e difundidos, não só os símbolos culturais, mas símbolos designados para representar algo, como uma logomarca, algo que diferencie uma coisa das demais, a tornando única fica na memória e na história.

### 3.4 IMAGINÁRIO, IDEOLOGIA E IMAGINAÇÃO

A imagem não se restringe a uma representação física de algo, pois incorporam as informações do meio externo, assimilando suas características e são organizadas e introvertidas na mente, constituindo assim, o imaginário, fazendo parte do pensamento, ou seja, formando as imagens mentais.

O imaginário é a expressão do pensamento que se realiza através de imagens e discursos com vistas a definir uma realidade, atuando como memória coletiva de uma comunidade. Uma vez que as imagens e os discursos não expressam a realidade como um espelho, faz sentido pensarmos o imaginário como um campo de representações. Portanto, aquilo que convencionamos chamar de real é sempre uma representação da realidade.

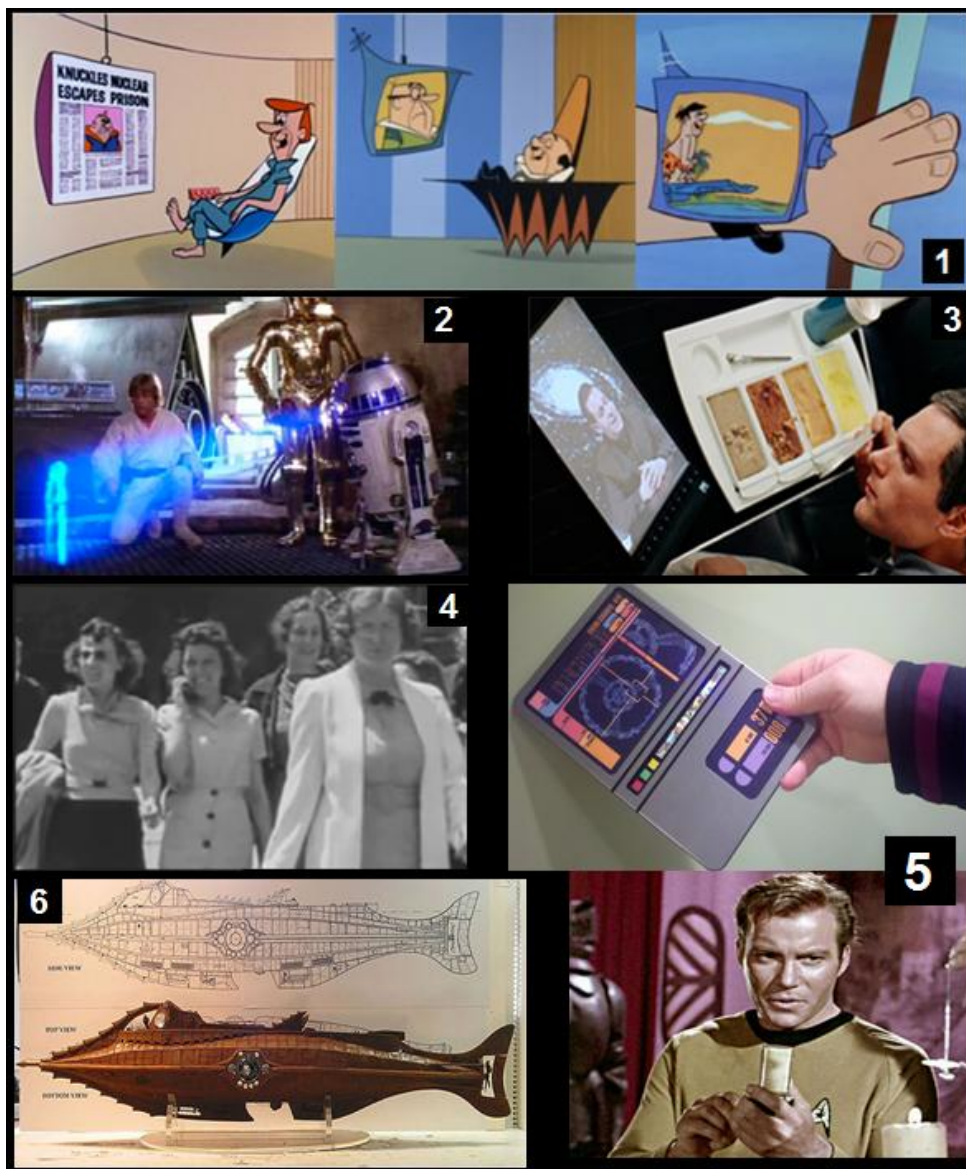
Enquanto produção coletiva, o imaginário é o guardião da memória que os grupos representam de suas relações na vida cotidiana. Nesse sentido, identifica-se as diferentes representações dos indivíduos em relação a si mesmos e de uma em relação aos outros, ou seja, como eles visualizam como partes de um grupo. É por meio do imaginário, segundo Baczko (1984) que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social expressa-se por ideologias e utopias captados dos símbolos, alegorias, rituais e mitos. Esses elementos moldam visões de mundo, de condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças (MANINI; MARQUES; MUNIZ, 2010, p.128).



É no imaginário que se acomodam as informações que são reveladas por intermédio de percepções sensoriais integradas às experiências vividas. Tudo que se remete ao imaginário está repleto de imagens, um som, uma figura, uma foto, um vídeo, símbolos escritos, visuais, verbais, além de pessoas. As lembranças podem evocar a memória das experiências e das percepções e possibilita ir além da realidade, criando novas imagens.

O imaginário permite idealizar coisas que até então, nunca existiram, mas seriam úteis à sociedade. Muitas invenções de dispositivos/aparelhos (Gadgets) modernos foram idealizadas em obras de ficção científica, em livros e/ou cinema, produções áudio visuais, como as naves espaciais, o submarino, os robôs (a robótica hoje é um ramo muito vasto com diversas utilidades), eletroeletrônicos, comunicadores sem fio (celulares), computadores (hoje menores e também versões portáteis), máquinas onde as opções são selecionadas na tela (celulares, computadores, tabletas), comunicação com áudio e vídeo instantâneos à distância (aparelhos como celulares, computadores, e/ou tabletas que tenham a função de chamada de vídeo por intermédio da internet sites/programas/aplicativos específicos, por exemplo, *msn*, *moodle*, *skipe*, *dentre outros*). Assim como a clonagem de seres vivos, dentre outras coisas, que já foram idealizadas e criadas e realizadas. E, ser humano, além de aperfeiçoar cada vez mais aquilo que já foi criado, ainda tenta dar vida a muitas coisas que ele imaginou e que, talvez, num futuro próximo, se torne real através do desenvolvimento de tecnologias que as possibilitem.

Na animação “Os Jetsons”, televisionada a partir do ano de 1962, a idealização do futuro, no ano de 2062, foi concretizada pela visão de seus criadores Hanna-Barbera, aparecem diversos Gadgets (naves espaciais, robôs que cuidam da casa, computadores que se comunicam com os humanos, que foram idealizados e que hoje se tornaram realidade. Inclusive até superam o que foi idealizado nesse desenho animado, e bem antes de 2062. Também em obras como “Jornada nas Estrelas” (1966), “Guerra nas Estrelas” (1977), “Odisséia no Espaço” (2001), dentre outras, observamos outros gadgets (celulares, computadores inteligentes, drones) que também já se tornaram realidade.



1) "Os Jetsons" – acesso ao jornal escrito através da tela de um televisor, video conferência/chamada de vídeo. Disponível em: <https://geektrooper.wordpress.com/2014/07/18/gadgets-que-apareceram-em-desenhos-animados-que-se-tornaram-realidade-3/>; 2) "Guerra nas Estrelas" – holograma; 3) "Odisséia no Espaço" – Tableta (Tablet). 4) "Tempos Modernos" – celular. Disponíveis em: <http://deltecnologiasdofuturo.ig.com.br/para-e-empresa/infografico-saiba-o-que-era-ficcao-cientifica-e-virou-realidade/>. 5) Jornada nas Estrelas – celular e tableta. Disponíveis em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/10/confira-principais-tecnologias-do-star-trek-que-viraram-realidade.html> e <http://m.jonathanrodrigues.com.br/blog/13>. 6) "20.000 Léguas Submarinas" de Julio Verne – protótipo de um Submarino (Nautilus). Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/08/grandes-previsoes-tecnologicas-da-literatura-de-ficcao-cientifica.html>. Acessos em 2014.

Tendo como referência os trabalhos de Trindade e Laplantine (1997) que fizeram muitos estudos acerca do Imaginário, incrementam que:

- É a faculdade de pôr ou dar-se sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção (p. 24).
- O imaginário ocupa um lugar na representação, porém ultrapassa a representação intelectual. Os símbolos constituem-se de aspectos formais (significantes) e de conteúdos (significados). Esses são polissemânticos e, embora sejam conduzidos pelos significantes, ultrapassam-nos adquirindo sentidos prospectivos. (p. 79).

- O imaginário como mobilizador e evocador de imagens, utiliza o simbólico para exprimir-se e existir e, por sua vez, o simbólico pressupõe a capacidade imaginária (p. 23).
- O imaginário é constituído e expresso através de símbolos. O carácter afetivo contido no imaginário o faz diferir do conceito de imaginação, pois essa também se encontra no processo do conhecimento científico que estabelece, através de imagens mobilizadoras, correlações entre os conceitos através de procedimentos intelectuais elaborados, expressos em signos (p.79).
- O imaginário possui um compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real (p. 79).
- A representação imaginária está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas. A diferença entre imaginário e a ideologia é que, embora ambos façam parte do domínio das representações referidas ao processo de abstração, a ideologia está investida por uma concepção de mundo que, ao pretender impor à representação um sentido definido, perverte tanto o real material quanto esse outro real perverte o imaginário (p. 25).

A ideologia Nazista de Adolf Hitler, que começou pouco antes da Segunda Guerra Mundial, onde atingiu seu ápice, no qual se pregava a construção de uma raça pura, ariana, eliminando todos aqueles que eram diferentes. Foi um movimento ‘preconceituoso’ e xenofóbico, onde milhares de Judeus foram exterminados em nome desse modelo ideal de raça. O movimento nazista usava como símbolo a suástica, símbolo que foi utilizado por diversas culturas, de diferentes formatos gráficos, e com representações diversas. De acordo com Souza (2008, s.p.):

- Alguns estudos apontam que esse mesmo símbolo, também conhecido pelo nome de “cruz gamada”, apareceu a mais de 3000 anos atrás em algumas moedas utilizadas na antiga Mesopotâmia. Além disso, diversas outras antigas civilizações – como os índios navajos e os maias – também registraram essa mesma marca em artefatos de sua cultura material. A primeira significação definida da suástica surgiu entre os praticantes do hinduísmo.
- Em sânscrito, a palavra suástica significa “aquilo que traz sorte”. Entretanto, o posicionamento dos braços que compõe o símbolo tinha significações religiosas completamente opostas. Quando seus braços estão em sentido horário (conforme observado na bandeira nazista) a suástica seria um ícone mágico capaz de chamar a atenção das divindades malévolas. Se estivesse disposta de maneira inversa, poderia atrair boas energias, bem como servir como uma referência ao deus Sol.
- Em outras culturas também é possível observar usos bastante variados para essa mesma simbologia. Os chineses adotavam a suástica para representar o número 10.000; a maçonaria a utiliza como meio de representação de uma constelação próxima à estrela Ursa Maior; e os bascos representam por meio da suástica a imagem de uma dupla espiral.

Ainda assim, entre tantos outros usos e significações, a mais conhecida foi difundida pela poderosa máquina de propaganda nazista.

- No final do século XIX, o arqueólogo alemão Heinrich Schliemann coordenava uma pesquisa no estreito de Dardanelos, onde presumidamente haveria sido construída a cidade de Tróia. Durante algumas escavações, Heinrich encontrou vários artefatos com suásticas bastante semelhantes a outras que ele havia encontrado nas proximidades do Rio Oder, na Alemanha. A partir disso, ele presumiu que havia algum elo entre os antigos povos gregos e os teutões, que primeiramente ocuparam a Alemanha.
- Na Alemanha, o símbolo seria primeiramente incorporado por algumas organizações nacionalistas e militares. A escolha do símbolo para o Partido Nazista foi justificada por Hitler em seu livro “Minha Luta”. De acordo com o líder nazista, a suástica teria a capacidade de representar a luta em prol do triunfo do homem ariano e o desenvolvimento da nação alemã por meio da campanha anti-semita. Com isso, a suástica viria a ganhar a sua mais reconhecida interpretação.
- Na atualidade, grupos religiosos procuram combater as ideias negativas que foram vinculadas à cruz gamada por meio do nazismo alemão. Um grupo norte-americano conhecido como “Amigos da Suástica” promove a divulgação dos significados originais do símbolo e faz questão de demonstrar veementemente que são completamente contrários ao nazismo ou qualquer outra ideologia racista.

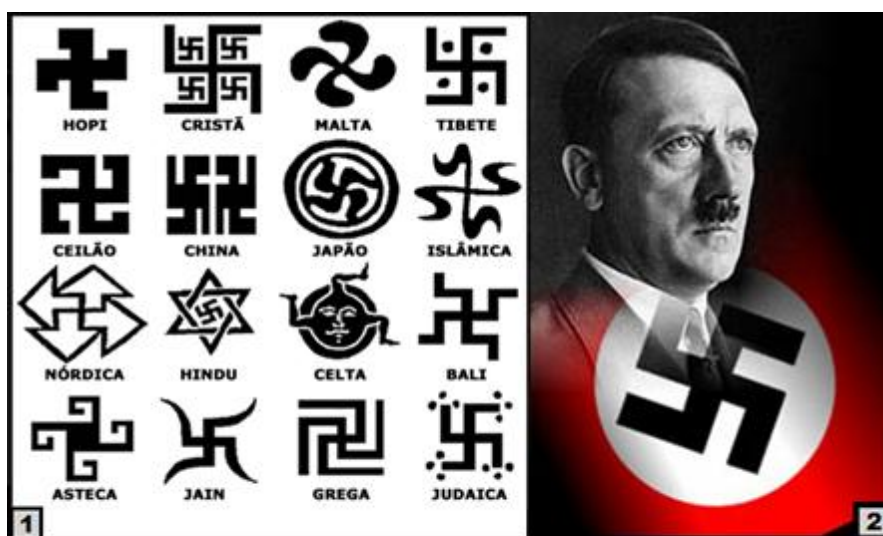


Figura 1: Suásticas diversas. Disponível em: <<http://desconstruindo-o-nazismo.blogspot.com.br/2012/09/por-que-os-nazistas-usavam-suastica.html>>. Figura 2: Suástica utilizada pelo nazismo e Hitler, líder do movimento. Disponível em: <<http://curiosidadeshitler.blogspot.com.br/2011/09/simbolonazista.html>>.

A suástica, na Alemanha, foi adotada primeiramente por organizações militares e nacionalistas, sendo transformada, a partir dos anos 30, em símbolo do Regime Nazista. Assim, tornou-se uma das maiores marcas da propaganda nazista, que era comandada por Joseph Goebbels, [...] e era constantemente exibida em cartazes, bandeiras e demais manifestações. Assim ela era definida pelo movimento (CLAUDIR, 2012, s.p.):

- vermelho à indicava a ideia social do movimento;
- branco à indicava a ideia nacionalista;

- a Suástica à indicava a missão de lutar pela raça ariana, e ao mesmo tempo pelo triunfo da ideia do trabalho criativo, que seria sempre antissemita.

A representação social em torno da Suástica gerou uma forte impressão negativa do símbolo, por conta do seu uso no regime nazista, que se alguém desenhar ou usar o símbolo de alguma forma, provavelmente será mal visto pelos outros membros da sociedade. Sobretudo, porque alguns grupos buscam retomar sua fonte como perseguir homossexuais, judeus, negros e adotarem uma postura excludente, violenta e até condená-los à morte, tais como os skinheads. Relembrando e resgatando a ideologia nazista que levou a um genocídio em largas proporções, causando um mal estar mundial.

Segundo Castoriadis (1975 apud LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 24), “a instituição é uma rede simbólica definida socialmente, que contém os componentes organizador e do imaginário”. A ideologia e o imaginário fazem parte do coletivo. No entanto, “encontra-se na ideologia, como no imaginário, uma filiação do real, mas no imaginário não há uma imposição de sentidos na representação do social, dirigida a interesses de grupos ou classes sociais” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 26). Enquanto que, na ideologia, os comportamentos, valores e crenças se expandem para os grupos e podem compor uma coletividade, como já citado com os skinheads.

É notório que o ser humano está exposto constantemente as ideologias, e ao simbólico nelas presente, seja dentro de casa, seja na escola, grupo social, pelos meios midiáticos, na cultura na qual estamos inseridos, ou por outras culturas. O contato social, com o outro pode promover a incorporação de ideias e ideais, mesmo que não façam parte e interfira no comportamento do outro. Contudo, sempre se farão presentes na vida das pessoas, sejam de forma positiva ou negativa.

A proposta de ações afirmativas, sobre a cotas para negros, índios e estudantes de escolas públicas, nas universidades federais e municipais, públicas, gerou e ainda promovem discussões acirradas sobre essa forma de inclusão. Claro que, no início, os preconceitos, estereótipos e ideologias tentavam enfraquecer a legislação. Em especial, com o argumento que o nível das tão ‘poderosas universidades públicas’, cairiam vertiginosamente, por causa desse grupo de discentes. Argumento pífio e sem base científica, o que hoje se sabe é que todos são ótimos alunos, e que o papel precípua da universidade como de qualquer escola é promover um ensino de qualidade a todos os estudantes.

Ampliando a discussão, há de se considerar também a definição de ideologia apresentada por Lévi-Strauss (1976, p. 25), em que se trata de “[...] uma espécie de astúcia, uma justificação ou imposição do vivido, aceito como tal, como elaboração secundária do imaginário, constitui-se como um pensamento selvagem, mas pervertido”.

Então, a ideologia é uma maneira de criar um padrão a ser seguido, oferecer unidade um modo de pensar, de se comportar, normalmente imposto por aqueles que detêm algum tipo de poder social, ou aquisitivo. A cultura é permeada de ideologia. Ela é pode ser utilizada para manipular as massas, e até gerar uma forma de alienação. Geralmente vemos *ideologia social* ou de *consumo*. A *social* seria aquela exercida geralmente pelo Estado, pelos governantes, por líderes religiosos, por aqueles que detêm o poder, na criação e preservação de um paradigma, de uma linha de pensamento, de opinião, de conformação, de “status”, de posição social, de semióforos, signos, símbolos e significados. Na situação, se pode identificar grupos como IRA (Exército Republicano Irlandês) e o ETA (Pátria Basca e Liberdade) que praticamente foram extintos, mas outros surgiram com EI (Estado Islâmico) e o Boko Haran de influência mulçumana.

As de *consumo* seriam aquelas que encontramos nas mídias como publicidade, propaganda, moda, tendências, cujo objetivo é difundir uma imagem de algo que seria ideal para a sociedade, remete ao desejo humano. Idealiza como seria o ser humano perfeito, feliz, e satisfeito, seja homem, mulher ou criança, isto é, a partir de uma influência externa remeter o ser humano ao desejar, sentir necessidade de algo, para estar dentro dos padrões de perfeição que as mídias impõem para sentir-se bem e realizado. Hoje as plásticas são grandes agentes de consumo da população feminina e masculina, o ideal de beleza clássico, é ser magro, barriga ‘trincada’, e juventude eterna. Inclusive contrariando as leis da natureza, com o processo de envelhecimento que é esperado e próprio dos seres vivos.

Só que a ideologia não é estável, ela muda a todo o momento de acordo com a vontade dos manipuladores, com a evolução das tecnologias e do pensamento humano, pois este sente a necessidade de algo novo, é curioso por natureza, quer se expressar. As instituições transmissoras da ideologia estudam o comportamento humano, se aproveitam da curiosidade humana para identificar suas necessidades, sempre renovando as informações buscando as reações do público de acordo com suas expectativas, de o modo que as pessoas sejam sempre instigadas a querer algo novo e ‘consumi-lo’.

Então, a base ideológica não muda só muda é a maneira como ela é transmitida, pois existem princípios nos quais a sociedade é, e é através da manipulação das massas

que se consegue com que cada ser humano tenha um papel na sociedade, se conforme ou queira mais, na busca de um modelo de vida ideal e feliz.

Imaginar é ter algum tipo de ideia sobre alguma coisa que não está presente; é perceber, mentalmente, o que não totalmente percebido. É uma forma de criatividade. Ficamos libertos do mundo do fato e da realidade, e podemos chegar a locais onde talvez nunca alguém tenha estado, onde nunca estará outra pessoa. Mas viajamos apenas na fantasia. Criamos imagens mentais. Em outras palavras, imaginamos. A imaginação exige que deixemos de lado o que é prosaico; exige invenção e originalidade, liberdade para pensar no que é novo e diferente. Quando procuramos a liberação da imaginação, não podemos pedir fatos confirmadores. A imaginação ultrapassa os dados, ultrapassa nossa experiência. Afasta-se da realidade. Imaginar, inventar, fingir, criar – tudo isso apresenta formas que nos libertam das exigências do momento (RATHS; JONAS; ROTHSTEIN; WASSERMAN, 1973, pp. 29-30).

Laplantine e Trindade (1997, pp. 07-12) afirmam que, a relação entre a imaginação e o real é bem estreita e interconectada:

A imaginação tornou-se o caminho possível que nos permite não apenas atingir o real, como também as coisas que possam vir a se tornar realidade. O real é a interpretação que os seres humanos atribuem da realidade. O real existe a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida. [...] As ideias são representações mentais de coisas concretas ou abstratas. Essas representações nem sempre são símbolos, pois como as imagens podem ser sinais ou signos de referência, as representações aparecem referidas aos dados concretos da realidade percebida.

A imaginação, segundo Góes e Alencar (2009, p.17), seria a junção da imagem com a ação, ainda, de acordo com os autores, ela estabelece com a realidade um diálogo constante. Ação de imaginar que alimenta a imaginação criadora.



**Imaginação.** (GÓES, Lúcia Pimentel; ALENCAR, Jakson de. *A alma da imagem: A Ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores.* São Paulo: Paulus, 2009. P. 17.)

É por meio da imaginação que se desenvolve o potencial criativo. É neste mundo de ideias que somos capazes de fazermos planejamentos, recriar, criar e inventar coisas e transpô-las para a realidade, tornando-as concretas, de criar um mundo imaginário como nos livros e filmes, com coisas fictícias, é a sua subjetividade em ação. A imaginação não tem limites, o ser humano é capaz de imaginar coisas que não existem na realidade, mas que podem projetar. Somente tornar real aquilo que for concreto como,

por exemplo, móveis, meios de transporte, imóveis, um jardim, uma vestimenta, um equipamento eletrônico, no entanto as criaturas fantásticas ou sobre-humanas, como extraterrestres, super-heróis, animais mitológicos, lendas, seres fantásticos em geral etc., somente poderá transpô-los em criações visuais como em filmes de ficção, videogames, gibis, ou objetos, por exemplo.

A imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas (BACZKO, 1985).

A imaginação pode ser usada em prol de uma sociedade, quando queremos desenvolver algo que a favoreça, em torno de um bem comum. Podemos citar como exemplo a criação de um grupo especializado para desenvolver uma vacina para curar ou prevenir uma patologia específica. Outro exemplo é reunir um grupo de planejamento estratégico para solucionar os problemas de violência de um bairro ou cidade. Em ambos os casos haverá estudos e análises das situações problemas e a imaginação será calcada nas hipóteses a serem levantadas, e nas possibilidades a serem desenvolvidas, para resolução destes problemas. Os profissionais designados irão buscar no imaginário tudo aquilo que aprenderam dentro de suas especialidades e imaginando e testando suas hipóteses, tentaram desenvolver maneiras para resolver as questões impostas.

Então, a imaginação social seria tudo aquilo que é criado em prol do bem estar da sociedade, ou de um grupo, como por exemplo, mobilizar a sociedade para questões como o risco da “Dengue”, da necessidade de sustentabilidade, ou para ajudar vítimas de alguma catástrofe natural. Porém a imaginação social nem sempre é positiva, pois ela pode carregar as ideologias, e pode funcionar como uma forma de dominação social, e difundir as representações de um opressor a uma classe oprimida, sem que ela perceba suas intenções.

A imaginação social ocorre a todo momento, desde dentro da casa de uma família, numa escola, hospital, empresa, órgão públicos (governamentais) etc., ou qualquer lugar em que sejam necessários planejamentos e planos de ação de modo sanar problemas ou melhorar as condições de vida daquele lugar.

Por exemplo, prever o que acontecerá com uma mata seca antes de atear fogo nela, indo mais além, prever a extinção da raça humana com a exploração indiscriminada dos recursos naturais, promovendo a redução do lixo, os poluentes na atmosfera e na natureza, preservando a natureza, os animais, os rios etc. Assim, imaginação despertar da alienação ou desenvolver uma consciência crítica.



O professor ao sugerir a classe uma situação problema, ele deseja que a turma desenvolva alternativas para o referido problema, faz os alunos refletirem, levantar hipóteses, discutirem, imaginarem e buscarem estratégias para sua realização e os possíveis resultados. Na tentativa simulada, uma hora solucionam a denominada questão, que tenham capacidade de tomar decisões. Isso faz com que o indivíduo tenha liberdade para pensar na resolução de dilemas e resolvê-los adquira mais autoconfiança, autonomia, nas suas ações. Segundo Raths, Jonas, Rothstein e Wasserman (1973, p.31):

Quando estamos diante de uma solução difícil, um obstáculo, uma barreira de algum tipo, é quase natural pensar em alguma coisa para fugir ao dilema. Tais palpites ou ideias constituem hipóteses. À medida que nos tornamos mais capazes de sugerir soluções possíveis para nosso problema, adquirimos mais confiança e ficamos mais independentes em nosso trabalho. Em vez de depender dos outros para orientação, sugerimos orientações através de uma hipótese orientadora.

Por meio da imaginação se pode criar alternativas, solucionar problemas, idealizar um futuro, pois nela não existem barreiras, nem limites, estamos sempre imaginando coisas novas, renovando nosso pensamento. Portanto a imaginação é o que diferencia o ser humano de outros animais, superando a realidade, para resolver problemas, buscar soluções, inventar coisas novas e melhorar o mundo e a vida nele.

## 4 CULTURA E CULTURA VISUAL

*“Na socialização incluem-se instituições religiosas, família, escola e os meios de comunicação que atingem o indivíduo” (CARNEIRO, 2003, p.15).*

### 4.1 CULTURA

Para se chegar a um meio cultural o ser humano teve que passar por muitas modificações e se sobressair perante a natureza, para sobreviver, dominá-la e usá-la a seu favor. Foi por meio do seu intelecto superior, da capacidade de raciocínio, de planejar mentalmente suas ações, ter polegares opositores, e pelo trabalho que é a capacidade de transformação da natureza pelo homem, pela formação de grupos sociais e desenvolvimento de uma cultura, que foi capaz de se organizar e desenvolver, que passou de um ser selvagem e nômade até o ser social, civilizado e capaz de subsistir e fixar residência em qualquer ponto do planeta. Ele constituiu maneiras para se adaptar às diversas situações climáticas e geográficas, de acordo com suas necessidades.

O homem criou seu próprio processo evolutivo. No decorrer de sua história, sem se submeter a modificações biológicas radicais, ele tem sobrevivido a numerosas espécies, adaptando-se às mais diferentes condições mesológicas<sup>7</sup>. O homem de certa forma libertou-se da natureza. Tal fato possibilitou a expansão da espécie por todos os recantos da Terra. Nenhum outro animal tem toda a Terra como seu *habitat* (KROEBER, 1949 apud LARAIA, 1986, p.42).

Segundo Kroeber (IBIDEM, p.49) a cultura pode ser relacionada com os seguintes pontos:

- A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações.
- O homem age de acordo com os seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou
- A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos.
- Em decorrência da afirmação anterior, o homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra em seu *habitat*.
- Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que agir através de atitudes geneticamente determinadas.
- Como já era do conhecimento da humanidade, desde o iluminismo, é este o processo de aprendizagem (socialização ou endoculturação, não

<sup>7</sup> **Mesológica:** adj. f. Que se relaciona a mesologia (condições do meio ambiente). Etm. Mesologia+ico. Dicionário Online de Português. Disponível em: <[www.dicio.com.br/mesológico](http://www.dicio.com.br/mesológico)>. Acesso em Dez de 2013.

importa o termo) que determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional.

- A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.
- [...] Sem as primeiras invenções ou descobertas, não teriam ocorrido as demais. E pior do que isto, talvez nem a espécie humana teria chegado ao que é hoje.

Foi no processo de comunicação que o homem começou a transmitir suas ideias, conhecimentos e sabedoria. O processo de transmissão de um acúmulo de conhecimentos, normas, costumes adquiridos pelas experiências vividas, tidas como válidas, dentro de um mesmo grupo social, e passados às gerações seguintes, e seus descendentes, é o que seria a cultura de um povo. Ela é uma herança sempre crescente, pois com o passar dos tempos o homem vai adquirindo novos conhecimentos e a cultura vai amplificando-se. Lévi-Strauss (1976, apud LARAIA, 1986, p.56) considera que “a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra ou a primeira norma” perante o seu grupo social.

Temos vários teóricos que abordaram o conceito de cultura em suas teorias:

- A cultura é todo um complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Ela é todo comportamento aprendido independente de uma transmissão genética, sendo um fenômeno natural, que possui causas e regularidades e, essas causas determinam as ações humanas (TYLOR, 1871, apud LARAIA, 1986, pp.25-30).
- Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (KEESING, 1974, apud LARAIA, 1986, p.60-61).
- Cultura é um sistema de conhecimento: “consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro de sua sociedade” (GOODENOUGH, s.d., apud LARAIA, 1986, p.62)
- Cultura é um sistema simbólico, que é uma criação acumulativa da mente humana, e são os princípios da mente que são geradas as elaborações culturais (LÉVI-STRAUSS, 1976, apud LARAIA, 1986, p.62).
- Cultura deve ser considerada um conjunto de mecanismos de controle, planos, regras, instruções, para governar o comportamento. E todos os homens são geneticamente aptos a receber a cultura. Em outras palavras a criança está apta ao nascer a ser socializada em qualquer cultura existente (GERTZ, 1978, apud, LARAIA, 1986, p.63).
- Cultura é um sistema de símbolos e significados. Compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modo de comportamento. O *status* epistemológico das unidades ou ‘coisas’

culturais não depende da sua observabilidade: mesmo fantasmas e pessoas mortas podem ser categorias sociais (SCHNEIDER, 1968, apud LARAIA, 1986, p.64).

- Cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas (BENEDICT, 1972, apud LARAIA, 1986, p.69).

O desenvolvimento de uma cultura foi uma conquista muito importante para o desenvolvimento humano, pois a partir dela ocorreu a organização social, adotando regras, normas, valores morais e éticos. A cultura, de um modo geral, é a identidade de um povo. E é a partir dela que o sujeito constrói sua identidade.

O Homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções (LARAIA, 1986, p.46).

O ser humano é condicionado pelo meio social, e, é no contato com o outro que ele acultura-se. Primeiramente no seio familiar, após na escola e por fim na sociedade. A cultura é um sistema simbólico, carregado de representações sociais, que moldam comportamentos e pensamentos, e o ser humano precisa dela não só para compreender a sociedade que o cerca, mas, também, para poder participar dela.

Segundo Vygotsky (1987) existe um percurso singular para cada ser humano e para cada contingência humana. Todas as formulações humanas são feitas a partir do convívio com o meio, motivado pelas interações sociais. Mas, as trajetórias são particulares, uma vez que cada um apropria-se do meio, da sociedade e da cultura de acordo com suas sensações, percepções, imaginação. As representações mentais, funções psicológicas tipicamente humanas permitem a permanência dos objetos e das vivências mesmo diante de sua ausência. Mas, até por serem humanas, são próprias a cada sujeito, e não há representações mentais idênticas.

Interessante perceber que o mesmo indivíduo pode participar, além do seu grupo familiar, de um grupo na faculdade, um grupo em uma atividade desportiva, um grupo na localidade onde mora, um grupo no ambiente de trabalho, um ou mais grupos em uma rede social na rede mundial de computadores, internet. Ele organiza categoriza e caracteriza os “elementos” que fazem parte de uma cultura, a partir de seus interesses, isso não só o faz escolher os grupos sociais nos quais ele deseja pertencer como também forma a sua identidade. Mesmo tendo um conhecimento amplo da sua cultura ele nunca conseguirá conhecer tudo que faz parte dela.

Segundo Benjamim (1987) é possível ler e decifrar, nas coisas, nos objetos, paisagens, gestos, atos, palavras códigos da cultura. A questão reside no fazer falar este

mundo dos objetos que age sobre as pessoas, revelando um potencial de sentido, que se revela pela e na linguagem. A leitura da realidade ocorre pela via da palavra, assim como os significados das vivências são atribuídos também pela palavra.

O misticismo e as crenças são parte dela, como gato preto dá azar, ferradura traz sorte, cor verde simboliza a esperança, a vermelha a paixão, na Inglaterra a cor azul simboliza a tristeza, no Brasil simboliza que tudo vai bem, alegria; a imagem de um santo(a) representa uma entidade religiosa; a maçã é o fruto do pecado, mas nas festas juninas simboliza o amor; sal grosso afasta mal olhado, etc. As lendas, contos, mitos folclores são histórias fantásticas cujo objetivo é transmitir uma mensagem, condutas, valores, podendo ter um fundo de moral, de verdade.

Dentro de uma mesma cultura podem existir “subculturas”, que seriam outras culturas que são ligadas a uma cultura maior que as abrangeriam. Então lidar com culturas diferentes não é só enxergar as diferenças, comparar, mas compreender seus códigos, seus costumes e tudo mais que ela tenha a oferecer, para que se haja um melhor entendimento e uma melhor socialização com a cultura oposta. A negação da cultura alheia só serviria para gerar preconceitos. Já aceitação do novo ampliaria os conhecimentos do indivíduo e as possibilidades de comunicação, entendimento, de socialização.

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por, isso discriminamos o comportamento desviante. Os modos de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. [...] podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência de diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica. (LARAIA, 1986, pp.69-70)

Por exemplo, um adolescente que faz intercâmbio de seis meses em outro país, entra em contato com uma cultura diferente, com linguagens e modos de agir coletivamente, e todavia, precisa se adaptar às novas situações que surgem, aprender seus códigos verbais e imagéticos, comportamentos, costumes, valores, etc., para obter êxito neste processo socializador. Agora, no papel de turista, também sofreria o choque cultural, mas não seria necessário que se adaptasse ao modo de vida do lugar que visitou, estaria lá somente para conhecer algo novo, se divertir, comer e depois voltar para seu lugar de origem, provavelmente acharia tudo interessante, até vislumbrante,

registraria tudo o que viu, tiraria fotos, para depois contar para seus familiares e amigos. A adaptação a uma nova cultura se dá quando se faz necessária à mudança de ambiente de um indivíduo por um longo período de tempo, podendo voltar ou não para seu lugar de origem ele já não será mais o mesmo, terá adquirido novos conhecimentos e novas representações sociais.

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada de etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que sua própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo sua única expressão. Tais crenças tem o germe do racismo, da intolerância, e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros. REFERENCIA....

O choque entre culturas pode ter esse fator negativo, quando se há a negação do outro, seja pelo tipo físico, pela linguagem, pelo modo de se portar, vestimentas, ou representações diversas. Vemos isso muitas vezes não só entre raças, mas entre grupos sociais diversos. A imagem que fazemos do outro é chamada de estereótipo (vide p.40). Os preconceitos são estereótipos negativos, muito presentes na nossa sociedade e que devem ser trabalhados constantemente nas escolas, de modo conscientizar as pessoas sobre a diversidade existente na sociedade.

Carneiro (2003, p. 15) reporta que: “Na socialização incluem-se instituições religiosas, família, escola e os meios de comunicação que atingem o indivíduo”. Toda cultura é constituída de um universo simbólico, não remetendo ao simbólico das representações mentais, mas elementos que podem ser visualizados, com a finalidade de transmitir mensagens, dotados de representações e significados. Podem estar em placas, meios impressos ou midiáticos, sinais de trânsito ou em qualquer coisa criada pelo homem, que possa ser visualizada/interpretada. Esse universo simbólico faz parte da cultura visual da sociedade.

## 4.2 CULTURA VISUAL

*“A televisão imitando a vida ou a vida imitando a TV?” (fonte desconhecida)*

As informações surgem de todos os lados, a todo o momento, nos envolvendo, seduzindo, educando, ludibriando, alienando, através dos meios midiáticos, da internet, das redes sociais, das mensagens publicitárias, das artes e de todo tipo de produção

visual. Os principais veículos comunicativos utilizam-se de imagens, apresentando, sugestionando, induzindo, manipulando. Tendo consciência que estamos imersos em um universo de imagens e significados, é relevante saber lidar com a cultura visual; e seu domínio é um dos principais focos para se desenvolver uma educação crítica e libertadora.

As imagens sempre existiram, mas, devido aos avanços tecnológicos que permitiram a produção diversificada de bens e produtos em escalas nunca antes imaginadas, em nenhuma outra época a humanidade viveu tão imersa em uma avalanche de imagens. Tal constatação nos remete ao poder acumulado pela mídia, na veiculação de informações, textos e propagandas (MANINI; MARQUES; MUNIZ, 2010, p. 159).

A comunicação humana iniciou por uma forma que não a linguagem verbal, enfim era imprescindível, relatar coisas do seu cotidiano, se expressar, de modo que fosse inteligível e para isso ele utilizou-se de imagens. Primeiramente pela arte rupestre, pinturas, esculturas, depois desenvolvendo códigos para facilitar ainda mais essa comunicação, e nunca parou desenvolver formas de transmissão de informações. O principal objetivo da comunicação é transmitir mensagens (REFERENCIAS). E cada vez mais, aperfeiçoar os veículos comunicativos de modo transmitir de forma rápida, fácil e direta a mensagem ao receptor.



Imagem ilustrativa do processo de comunicação pelos meios midiáticos, TRANSMISSOR-MENSAGEM-RECEPTOR. Criação Própria. 2014.

A cultura visual refere-se ao repertório visual com o intuito de transmitir mensagens. A visão, normalmente, é a principal forma de perceber o mundo que nos circunda. E é através da visão que as informações chegam rapidamente, e pela comodidade que a visão nos proporciona, acabamos aguçando menos os outros sentidos, dependendo quase que absolutamente dela, e por ela sendo influenciados.

A expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. Desse ponto de vista, quando nos referimos à cultura visual, falamos do movimento cultural que orienta a reflexão das práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, às maneiras subjetivas e intersubjetivas de ver o mundo e a si mesmo (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22).

A TV é vista pela maioria da população como uma forma de distração, de relaxamento, de lazer, divertimento, é uma fuga das tensões da realidade, e um modo de se manter atualizado das informações do cotidiano. O público escolhe o que vai assistir conforme o seu interesse dentro do que está sendo passado; e a programação escolhida é aquela que seja capaz de proporcionar bem estar ao telespectador e mantê-lo informado.

Por esse motivo, as crianças urbanas ficam muito expostas à influência dos meios midiáticos, videogames, internet/redes sociais, até mesmo por questões culturais, de ritmo de vida, de insegurança (medo de deixá-las brincarem na rua, de más influências, da violência urbana), e elas acabam, muitas vezes, trancadas em suas residências, sendo educadas/influenciadas principalmente pela televisão.

Devemos assumir que há uma cultura televisual, estruturada por dinâmicas comerciais, que proporciona aos jovens informações, valores, saberes e padrões de consumo. É preciso conhecê-la, analisa-la criticamente e responsabilizar-se por estabelecer situações de comunicação entre gerações e entre culturas. A educação deve abrir-se para o mundo da televisão, tomá-la como objeto de estudo, conhecê-la, analisá-la e incorporá-la ao contexto pedagógico. Deve-se estudar a relação educação e televisão de três perspectivas diferentes e complementares: educação para o uso seletivo da TV; Educação com a TV; e educação pela TV. Ao se abordar a educação para o consumo seletivo e crítico da TV, o objetivo é desenvolver a competência dos alunos para analisar e fazer leitura crítica e criativa de programas de televisão a partir do conhecimento das linguagens, das condições de produção e recepção. Na educação com a televisão, utilizam-se programas (ou trechos de programas) como estratégia pedagógica para motivar aprendizados, suscitar interesses, problematizar conteúdos, informar. Educar pela televisão significa comprometer emissoras com a formação de jovens, com a oferta de mais e melhores programas para o público infanto-juvenil. Na convergência entre TV e educação, a concepção de educativo amplia-se, abre-se às dimensões do imaginário, às pluralidades do afetivo e ao desafio de preparar jovens para o enfrentamento cotidiano com o mundo (CARNEIRO, 2003, pp.5-8).

Os meios de comunicação são subsidiados/patrocinaados por empresas geradoras de produtos de bens de consumo em geral: alimentares, vestuário, moda, beleza, cosméticos, drogas (tabaco, álcool), eletrônicos, esportivo, automotivo, turismo, telefonia, tevê segmentada, provedores de internet, brinquedos, mobiliário/decoração, imobiliário, prestação de serviços, bancários, correspondência/transporte, etc. E estes exigem a publicidade de seus produtos durante a programação, de forma direta – quando a pessoa apresenta o produto diretamente, utilizando-se de mensagem imperativa, querendo vender um produto –, de forma indireta – quando o produto é utilizado, por exemplo, na cena de uma novela como parte da cenografia e/ou utilizado pelo(a) personagem, não há uma mensagem imperativa, mas há uma indução ao uso do produto – ou pagam para transmitir mensagens publicitárias nos intervalos das programações. E, hoje com o



avanço do uso da internet pelas pessoas, as empresas utilizam esse recurso nos sítios mais frequentados, de forma promover a publicidade de seus produtos, muitas vezes na forma de *pop-up*<sup>8</sup>.

Segundo Siqueira (2002, p.01):

A presença massiva dos meios de comunicação em nosso cotidiano, assim como a importância que os processos de produção e circulação de informações assumem, atualmente, nas mais diferentes esferas sociais, são fatos amplamente reconhecidos. Sendo inegáveis e irreversíveis os processos que fizeram a comunicação midiática desempenhar papel de centralidade na organização da sociedade contemporânea, tornou-se necessário compreender as novas formas de interação geradas nesse contexto – e como elas afetam as condições de participação e disputa dos diferentes grupos. Em outras palavras, é preciso levar em conta que, a partir da introdução dos meios de comunicação de massa (MCM) e das novas tecnologias da informação em nossa vida diária, transformam-se os modos de existência, sensibilidade, percepção e aprendizado dos indivíduos.

As telenovelas, por exemplo, são, supostamente, dramatizações da vida real, elas constituem um universo paralelo ao da nossa realidade, elas passam com incrível facilidade do real para o imaginário, utilizam-se de uma linguagem popular, coloquial, aproximando os telespectadores, integrando-os, criando expectativas antecipando reações e informações, convencendo-os que aquela realidade é a que eles vivem, delimitam o que é bom ou ruim, criam um modelo ideal de perfeição estética, econômica e social. A televisão entra no íntimo de cada indivíduo, alienando-o, moldando comportamentos, ditando modismos, estereotipando, criando padrões de beleza, criando/difundindo representações sociais.

De acordo com Moran (2000 apud FIORENTINI; CARNEIRO, 2003, pp.26-27):

A eficácia dos meios de comunicação em especial da televisão, deve-se à capacidade de articulação, de superposição e combinação das linguagens diferentes – imagens, fala, música, escrita – com uma narrativa fluida, sensacionalista e imperativa. A televisão mexe com o emocional, com as nossas fantasias, desejos e instintos ela se utiliza do sensorial, da intuição e da afetividade para manipular as mentes das pessoas, moldam comportamentos.

A propaganda recente da marca de carnes “Friboi” (figura abaixo), que foi veiculada em 2013 nos comerciais de televisão com um ator brasileiro famoso da Rede Globo de Televisão, o Tony Ramos – cuja imagem é bem aceita pelo público brasileiro passando credibilidade em suas palavras – nela ele aborda uma família ou um casal que

---

<sup>8</sup> Janela extra que se abre automaticamente no momento em que se acessa um sítio de internet, com conteúdo publicitário. Há Maneiras de bloquear essas mensagens configurando o navegador de internet. Disponível em <http://www.palpitedigital.com/o-que-e-popup/>.

está comprando uma carne qualquer no supermercado, e lhes pergunta se eles tem conhecimento da procedência da carne que eles estão comprando, para eles não levarem qualquer carne e exigirem uma marca de boa qualidade, com cortes selecionados, exaltando a qualidade da carne “Friboi” ao mesmo tempo mostra a imagem da fábrica da “Friboi”, a higiene, o ambiente, como eles trabalham a carne, embalam, até chegar ao consumidor, convencendo enfim, as pessoas a levar aquela marca de carne pela qualidade, por uma questão até de saúde.



Figura 1: Propaganda com Ator Tony Ramos; Figura 2: Etiqueta utilizada nas peças embaladas à vácuo; Figura 3: Produtos Friboi; Figura 4: Slogan; Figura 5: carne fracionada fora da embalagem original, porém com a etiqueta que a empresa fornece para tal fim; Figura 6: Propaganda televisada, abordagem do ator ao público. Disponível em: [www.friboi.com.br](http://www.friboi.com.br).

A publicidade é sedutora e se utiliza de pessoas de boa aparência que transmitam confiança no consumidor, promessas de qualidade, beleza, solução de problemas, usa linguagem simplificada e mexe com o autoconceito, com a autoimagem, com o orgulho, com a vaidade, com desejos inconscientes, e o seu objetivo é despertar desejos de consumo.

De acordo com Aumont (2011, p. 263):

A imagem publicitária, concebida por definição para ser facilmente interpretada (sem o que ela é ineficaz), é também uma das mais sobrecarregadas de todo tipo de códigos culturais, a ponto de obstar a essa necessária facilidade de interpretação. De fato, o trabalho dos criadores consiste em fabricar imagens que possam ser lidas com aplicação de diferentes estratégias, segundo o número e a natureza dos

códigos mobilizados, e em tornar essas estratégias compatíveis; assim, o espectador mais culto, ou mais “atualizado”, captará alusões, citações e metáforas que escaparão a uma leitura mais rudimentar, mas em todos os casos um significado comum deve estar presente, sob pena de insucesso.

Com isso há uma certa preocupação por parte dos educadores e daqueles que pesquisam a educação e a formação do pensamento, profissionais que trabalham com a mente humana e suas representações sociais, pois como lidar com a possível alienação e permitir a emergência do pensamento crítico. E ainda, como trabalhar a questão do autoconceito que está tão ligado a estereótipos/modelos sociais criados e difundidos pelos meios de comunicação? Rossi (2009), Hernández (2007), Góes e Alencar (2009), Aumont (2011), Fiorentini e Carneiro (2003), dentre outros, demonstram a preocupação desta relação/influência da cultura visual nas pessoas, na formação de um pensamento coletivo, e analisam a questão e propõem métodos para se trabalhar essa cultura permeada por imagens, códigos e simbologias, semiologias e conceitos. Como despertar principalmente em crianças e jovens uma reflexão sobre o consumo de imagens, em como estudar essas informações provenientes dos meios midiáticos e publicitários.

Diariamente somos cercados por imagens, que vêm tanto da arte quanto de fontes comerciais e do entretenimento. Elas contêm mensagens que podem influenciar mais do que aquelas contidas em textos verbais. Elas nos dizem como devemos nos vestir, o que é bonito na vida, como pensar sobre o ser masculino ou o feminino, o que nossa identidade é como nação, e até o que deveríamos consumir mais dentre produtos comerciais, etc. Para muitos adultos estas mensagens podem parecer óbvias, mesmo que para outras não o sejam. Mas como é que nossas crianças e jovens as entendem? Podemos presumir que, se eles veem imagens, podem entendê-las? Ou será que precisam de ajuda?

Na publicidade contemporânea, a imagem é presença obrigatória. É nesse tipo de imagem que são investidos mais dinheiro, mais talento e energia do que em qualquer outro. Na publicidade, as imagens sugerem o que devemos fazer, do que devemos necessitar, o que devemos valorizar ou desejar. Moldam pensamentos e comportamentos. [...] A leitura dessas imagens é um meio para conscientização de que somos destinatários de mensagens que pretendem impor valores, ideias e comportamentos que não escolhemos (ROSSI, 2009, P. 7).

Para Carneiro (2003, p.15) “O conhecimento provém de experiências pessoais, escolares e sobretudo da mídia. Para muitos, o que não aparece na mídia não existe”. O papel do educador é saber aproveitar isso em benefício da educação, desenvolvendo reflexões sobre as informações do cotidiano advinda dos veículos de comunicação das massas. Ele afirma que as emissoras de TV deveria atender os interesses dos cidadão. Há sim o interesse da população, em geral, em saber das coisas que acontecem no cotidiano, no mundo, de conhecer coisas novas, pois instantaneamente surgem novidades no meio audiovisual, seja um(a) novo cantor(a), banda musical, ator/atriz,

personagem, desenho animado, programa ou série de televisão, notícias, descobertas e criações, tecnologias, produtos, curiosidades. Só que a maneira como são apresentadas essas informações é que mais preocupam aos educadores.

As informações nunca são apresentadas de forma imparcial ou neutra, sempre há uma intenção nelas, de quem as cria ou promove, há um estudo prévio do que vai ser apresentado, da sociedade, dos comportamentos sociais, do que a população gosta, ou deseja, os seus sonhos e expectativas. O público é diversificado, plural, multicultural, então os desenvolvedores têm que pensar em programações que atendam esses diversos públicos em relação à idade, gênero, raça, situação econômica e social, grupos sociais, etc. Porém a programação é mais voltada para as relações de consumo, motivar/instigar comportamentos, e para a formação de um pensamento coletivo acrítico; ao invés de se preocupar com as consequências sociais do que está sendo passado de em como as informações passadas podem refletir nas representações e no comportamento dos espectadores.

A Constituição Brasileira de 1988 prevê no artigo 221 como princípio orientador da produção e programação das emissoras de televisão preferencialmente às finalidades educativas, culturais e informativas. E são estes pontos que a escola deve focar na educação dos educandos, na forma como a televisão atua na educação, cultura e informação da sociedade. Deve utilizar a televisão a favor da educação, focando nos pontos que são relevantes para tal fim e levantar questionamentos, desenvolver momentos de reflexão em sala de aula.

Ao utilizar a expressão cultura visual para sugerir outro rumo para a educação das artes visuais, vive-se em um novo regime de visualidade. Uma consequência deste reposicionamento em relação a diferentes práticas educativas (não somente na escola) leva-se a propor a necessidade de ajudar crianças e jovens e também aos educadores a irem mais além da tradicional obsessão por ensinar a ver e a promover experiências artísticas. Em um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências reflexivas críticas. Experiências que permitam aos estudantes como aponta Nancy Pauly (2003), terem a compreensão de como as imagens influem em seus pensamentos, em suas ações e sentimentos, bem como a refletir sobre suas identidades e contextos sócio históricos (HERNÁNDEZ, 2007, p.25).

As representações visuais têm a ver com a constituição dos desejos, na medida em que ensinam a olhar e a olhar-se, contribuindo para a construção de representações sobre si e sobre o mundo (aquilo que constitui a realidade). Um meio para compreender estas mudanças, que repercutem fortemente na educação, é “buscar

aproximar-se, do ponto de vista de uma perspectiva crítica, às representações visuais a que se vinculam crianças e jovens,” prestando atenção especial a suas formas de apropriação e de resistência (HERNANDEZ, 2007, p.32).

Segundo Dias (2011, p.16):

Os modos com interagimos e dialogamos com o mundo, as formas como percebemos o outro e a nós mesmos e as maneiras como orientamos nossas práticas educacionais cotidianas mudaram e continuam mudando a partir da presença constante de imagens e das diferentes formas de comunicação sensorial que ocupam nossas vidas. Hoje, cada vez mais cedo, crianças tem acesso a uma considerável gama de informações disponíveis em desenhos animados, filmes, embalagens de produtos alimentícios, materiais escolares, brinquedos, videogames, blogs, internet, etc. Jovens e adultos convivem sitiados por informações, apelos de consumo, formas e estilos de vida veiculados por imagens e mensagens de diferentes matrizes culturais que impactam o imaginário e a vida em sociedade. A velocidade e a facilidade com que as novas gerações manejam suportes técnicos como *softwares*, *lpods*, *lpads* e, principalmente, as linguagens e ações que desenrolam nesses suportes são evidências do modo como as noções de sujeito, tempo e espaço mudam com a utilização de instrumentos e recursos tecnológicos. Estas transformações estão embutidas nas condições técnicas de produção de cultura, agindo e influenciando na constituição do sujeito social/educacional contemporâneo.

Hernandez (2007, p.32) afirma é fundamental se reconhecer que se produz uma distância entre o modo como a Escola educa e como educam tanto os meios da cultura visual popular (o cinema, os videogames, a música popular, as séries de televisão, a Internet, os desenhos animados na televisão, a publicidade, etc.) como as artes visuais. Dias (2011) enfatiza que informação e conhecimento não são construídos, adquiridos, aprendidos apenas nas relações presenciais, com familiares e professores, mas são aprendidos de diversos modos, em grande parte em situações não presenciais, ou seja, em contextos virtuais, construído na, e a partir da utilização frequente das novas tecnologias:

As aprendizagens das gerações atuais acontecem através de articulação e cruzamento de informações e experiências vividas em instituições tradicionais da educação, como família e escola, informações e aprendizagens veiculadas por mensagens, imagens, ideias, recursos e linguagens midiáticas. Essas transformações que caracterizam a educação contemporânea influenciam, além das relações pessoais, a subjetividade e sensibilidade dos indivíduos, condicionando, de certa forma, as instituições que controlam e regulam a formação educacional, afetiva, artística, social e psicológica. Enfim, influenciam e transformam nossas percepções do mundo e sobre o mundo (DIAS, 2011, pp.16-17).

A diferença no jeito como a escola educa e os outros meios educam é o que faz o docente repensar sua didática, se atualizar face às novas tecnologias e informações,

acompanhar as transformações que acontecem no meio, inteirar-se do que é transmitido nos meios de comunicação, e conhecer melhor o universo que circunda o educando de forma poder lhe proporcionar um ensino de melhor qualidade, aliando o universo do educando com o conhecimento científico a ser lecionado. Lidar com uma sala-de-aula cheia de alunos é trabalhar com um mundo diversificado de representações, conhecimentos, histórias e aprendizagens. Eis o desafio do professor, interagir com estas diversas realidades e promover a interação entre elas, gerando discussões e debates, trabalhando as diferenças, representações e estereótipos; enfim, conseguir uni-las em torno de um interesse comum a todos.

Hernandez (2007) aponta que os estudos da cultura visual permitem a aproximação com estas novas realidades a partir de uma perspectiva de reconstrução das próprias referências culturais e das maneiras de as crianças, jovens, famílias e educadores olham e são olhados. Reconstrução não somente de caráter histórico, mas a partir do momento presente, mediante o trabalho de campo ou a análise e criação de textos e imagens. Reconstrução que dá ênfase à função mediadora das subjetividades e das relações, às formas de representação e à produção de novos saberes acerca destas realidades. No caso da educação, esta tarefa tem a ver com a própria função mediadora da escola como instituição social, com o papel do currículo em termos da afirmação/exclusão de formas de poder e de saber, e com algumas representações que se autorizam frente outras que se excluem.

Acrescenta ainda que, a educação visual participa de certo modo da tarefa que Debray (1996) considera objeto de estudo da midialogia. Isso significa explorar as vias e os meios de eficácia simbólica, centrando-se no papel mediador dos diferentes artefatos culturais e de objetos reais e virtuais para aquisição do conhecimento.

A partir desta posição, no campo dos estudos da cultura visual, se propõem diferentes metodologias para o estudo da visão, para os regimes escópicos e para as práticas culturais da visualidade. O mesmo ocorre quando estas metodologias são levadas à educação. Cada autor coloca a ênfase em determinadas experiências de aprendizagem e estabelece uma ou várias metodologias para favorecê-las. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 63)

Se faz necessária atenção especial da escola frente as novas tecnologias e as influências dos meios midiáticos sobre a sociedade de modo saber lidar com o público diversificado e multicultural, com as diferentes realidades que se cruzam no seu contexto, que a compõem. Enfim, o universo educacional não está restrito aos muros do colégio,

está em todos os lugares e acontece a todo instante. As pessoas recorrem cada vez mais aos ambientes virtuais, como o ciberespaço (internet) para obter conhecimento, para comunicarem-se, relacionarem-se, expressarem suas ideias, e na maioria das vezes utilizam-se de recursos imagéticos para tal, estão cada vez mais ultrapassando barreiras físicas, alcançando informações de qualquer coisa quase que instantaneamente, até vinculando sua imagem e seu autoconceito a ser bem sucedido em sua vida social virtual.

A escola hoje não pode se restringir ao saber científico do currículo, ela deve também aprofundar-se em temas transversais do cotidiano dos alunos, nos seus interesses, nas suas vivências e experiências, calcados na cultura que os permeiam, principalmente na cultura visual.

## 5 ANALISANDO O UNIVERSO DAS IMAGENS

*“O processo educacional que nada transforma está negando a si mesmo”.  
(BECKER, 1992, p. 88)*

### 5.1 IMAGEM E EDUCAÇÃO

Ao se falar de educação é de fundamental importância colocar os sujeitos que fazem parte disso, que é aquele que ensina, aquele que aprende e os ambientes internos (escola) e externos (fora da escola), ou seja, tudo o que é externo ao indivíduo pode lhe gerar um aprendizado. Considerando que aquele que aprende pode ensinar, assim como aquele que ensina pode aprender, pois o homem é um ser incompleto que sempre busca satisfazer suas curiosidades, e adquire a cada momento, nas interações com o outro, e com seu meio, novas informações.

A escola ao trabalhar com os educandos deve contribuir para o desenvolvimento, e transformação, de uma sociedade. Segundo Becker (1992, p.89). “A educação deve ser um processo de construção de conhecimento ao qual acorrem, em condição de complementaridade, por um lado, os alunos e professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído”. Não se pode desconsiderar o conhecimento que cada indivíduo traz consigo, pois é nesse confronto de informações diversas é que se constrói um conhecimento crítico.

A escola é um lugar de aprendizagem e considerando a aprendizagem como espaço de construção do conhecimento, pode-se pensar a aprendizagem na perspectiva de “[...] processo de significação que, na sala de aula, gera movimentos individuais e coletivos em torno de formas canônicas de compreensão do mundo material e simbólico” As imagens sempre existiram, mas, devido aos avanços tecnológicos que permitiram a produção diversificada de bens e produtos em escalas nunca antes imaginadas, em nenhuma outra época a humanidade viveu tão imersa em uma avalanche de imagens. Tal constatação nos remete ao poder acumulado pela mídia, na veiculação de informações, textos e propagandas (MANINI; MARQUES; MUNIZ, 2010, p.175).

Os sujeitos são produtos de muitas gerações culturais, de modelos criados, de criações humanas, de o desenvolvimento da humanidade em todos os aspectos. São parte de um imaginário social cheio de representações, de significações, que dão sentido a existência humana.



Sob a luz da teoria de Gardner (1994 apud ROSSI, 2009, p.22), o ser humano está sempre se desenvolvendo, não só fisicamente, mas mentalmente:

O crescimento reflete uma complexa interação entre as pré-disposições genéticas e as oportunidades do meio ambiente, cujo resultado pode perceber-se em forma um pouco diferente em distintas fases, mas que em qualquer acontecimento mostrará determinadas propriedades fundamentais. Os indivíduos não se desenvolvem apenas existindo, ou envelhecendo, fazendo-se mais altos; têm que levar a cabo determinadas experiências essenciais que redundam em periódicas reorganizações de seu conhecimento e de sua compreensão.

Hernandez (2007, p.24) postula que: “Vivemos e trabalhamos em um mundo visualmente complexo, portanto, devemos ser complexos na hora de utilizar todas as formas de comunicação, não apenas a palavra escrita” Aprender a se comunicar com arte, figuras, fotos, gráficos, cinema, desenhos, música, expressão corporal, dança, etc., é tão importante quanto comunicar-se com palavras, afinal as palavras são códigos criados para expressarmos aquilo que vemos, sentimos e/ou imaginamos. As palavras só são uteis para aqueles que a reconhecem e compreendem, já as outras formas de comunicação são facilmente entendidas, principalmente as que se utilizam de recursos visuais.

Uma imagem criada passa por alguém que a produz ou a reconhece. A produção está ligada ao sujeito, porém existem as imagens naturais que é tudo aquilo que faz parte do meio, que não foi constituído pelo homem. E não são menos importantes, pois foi a partir da observação da natureza que o homem desenvolve(eu) teorias diversas, e maneiras de utilizar a natureza em seu favor, assim como aprendeu seu funcionamento e ciclos. Como, por exemplo, a astrologia, usada para guiar rotas, orientar os períodos de plantar e colher, conhecer as marés, organizar o tempo, calendários, etc.



A diferença de conhecimentos CAMPO X CIDADE. Criação própria. 2014.

A visão da cidade de Brasília por pessoas que não a conhecem, a descrevem como uma cidade de clima seco, sem mar, cheia de políticos corruptos e acham que todos aqui vivem são funcionários públicos, ou filho de alguém importante, ou até mesmo que todos conhecem o(a) presidente(a). Quem nasceu e se criou na cidade, ama o verde abundante que ela possui, sabe que na cidade se alcança pontos de visualização da linha do horizonte de até cinquenta quilômetros e que o céu e o pôr do sol dela são vislumbrantes, que em todas as estações há sempre árvores floridas em diversos pontos da cidade. Além disso, sua arquitetura é diferenciada e reconhecida internacionalmente, que não tem mar, mas com certeza que é uma cidade que possui muitas piscinas, tem um lago lindo que muitos praticantes de esportes e famílias usufruem. Nas proximidades existem cachoeiras, também um zoológico com uma diversidade grande de animais, tem um dos maiores parques urbanos do mundo, é o lugar de população de maior diversidade cultural do Brasil, que não tem uma culinária própria, mas tem a maior diversidade culinária dos quatro cantos do Brasil e do mundo. Repleta de artistas famosos, no meio nacional, é uma cidade com muitos festivais musicais, muita arte.

Se cada pessoa falar de sua cidade, com certeza enaltecerá o que de melhor ela possui, e infelizmente, o que mais estamos acostumados a ver nas mídias são visões negativas nos telejornais, e muito sensacionalismo, a visão que as mídias querem passar daquele lugar ou situação ocorrida. Visões positivas só são vistas em programas específicos como falando de turismo e economia, quando convém. E caímos no erro de julgar a partir do que nos é passado pela televisão. Em destaque a cidade do Rio de Janeiro que sempre é foco dos meios midiáticos não só pelo turismo, como também pela violência; é uma cidade litorânea linda, que tem belas paisagens e tem uma imagem gigante de Cristo no alto de uma serra onde se avista a cidade inteira e o mar até onde a vista alcança. Recebe milhares de turistas e tem uma belíssima festa de carnaval, possui o maior estádio de futebol do Brasil e o time de futebol com a maior torcida do mundo, o Flamengo. Cidade de belas mulheres, que tem um povo alegre e carismático, é o berço de muitos movimentos culturais e artísticos como o funk, a bossa nova e o samba, inclusive já foram a capital do Brasil; É uma cidade histórica, com muitos monumentos e prédios antigos, mas ao mesmo tempo tem muita disparidade social e sofre muito com problemas de violência urbana, tráfico de drogas, e sofre também com desastres naturais em suas regiões serranas em épocas de chuva. Duas visões antagônicas do Rio aparecem em músicas populares brasileiras:

*“Rio que mora no mar  
Sorrio pro meu Rio que tem no seu mar*

*Lindas flores que nascem morenas  
Em jardins de sol  
Rio serras de veludo  
Sorrio pro meu Rio que sorri de tudo  
Que é dourado quase todo dia  
E alegre como a luz  
Rio é mar, é terno se fazer amar  
O meu Rio é lua amiga branca e nua  
É sol é sal, é sul  
São mãos se descobrindo em tanto azul  
Por isso que meu Rio da mulher beleza  
Acaba num instante com qualquer tristeza  
Meu rio que não dorme porque não se cansa.”*  
(“Rio” – Os Cariocas – Composição: Roberto Menescal/Ronaldo Bôscoli)

*“Olha que coisa mais linda mais cheia de graça  
É ela menina que vem e que passa  
No doce balanço a caminho do mar  
Moça do corpo dourado do sol de Ipanema  
O seu balançado é mais que um poema  
É a coisa mais linda que eu já vi passar...”*  
(“Garota de Ipanema” – Tom Jobim – Composição: Antônio Carlos Jobim/Vinícius de Moraes)

*“No Rio tem mulata e futebol,  
Cerveja, chope gelado, muita praia e muito sol, é!  
Tem muito samba, Fla Flu<sup>9</sup> no Maracanã<sup>10</sup>,  
Mas também tem muito funk rolando até de manhã[...].”*  
(“Endereço dos bailes” – Rap Brasil, vol. 1 – MC Júnior e MC Leonardo)

*“Eu só quero é ser feliz  
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar [...]  
Minha cara autoridade eu já não sei o que fazer  
Com tanta violência eu tenho medo de viver  
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado  
A tristeza e a alegria aqui caminham lado a lado  
Eu faço uma oração para uma santa protetora  
Mas sou interrompido a tiros de metralhadora  
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela  
O pobre é humilhado, esculachado na favela (...)  
Pessoas inocentes, que não têm nada a ver  
Estão perdendo hoje o seu direito de viver  
Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela,  
Só vejo paisagem muito linda e muito bela  
Quem vai pro exterior da favela sente saudade  
O gringo vem aqui e não conhece a realidade  
Vai pra Zona Sul pra conhecer água de coco  
E o pobre na favela vive passando sufoco [...].”*  
(Rap da Felicidade – Rap Brasil vol. 1 – MC Cidinho e MC Doca)

<sup>9</sup> Fla Flu: faz referência a um clássico do futebol do Rio de Janeiro ocorrido entre os times Flamengo e Fluminense.

<sup>10</sup> Maracanã: maior e principal estádio de futebol do Rio de Janeiro. Maior estádio de futebol do Brasil.

Nas duas primeiras canções emerge a visão boêmia, da Bossa Nova, da referida cidade e, nas duas últimas, a visão de quem mora nas favelas/morros do Rio de Janeiro. Estes exemplos demonstram as diferentes visões, realidades, contexto, momento histórico, que podem existir em um mesmo lugar, bem como as diferenças sociais.

Por isso, a importância do professor em trabalhar com os diferentes pontos de vista, referenciais, e com os diferentes conhecimentos e representações sociais que vem dos seus alunos. Ao trazer imagens para sala de aula o professor instiga a curiosidade dos alunos, e pode trabalhar com as diversas realidades. As pessoas consomem imagens como diria Joly (2007, p.1).

Somos consumidores de imagens; daí a necessidade de compreendermos a maneira como a imagem comunica e transmite as suas mensagens; de fato, não podemos ficar indiferentes a uma das ferramentas que mais dominam a comunicação contemporânea.

Ainda segundo a autora, se vive em uma civilização de imagens, e quotidianamente levados a sua utilização, decifração e interpretação, e quanto mais imagens vemos, tanto mais a ilusão se faz presente. A imagem mediática é representada, sobretudo, pela televisão e pela publicidade visual, hoje muito divulgada por intermédio da internet em sítios e redes sociais.

Somos todos educados pela mídia, embora não somente por ela. Na escola podemos compreender e incorporar mais e melhor as novas linguagens desvendando seus códigos, suas possibilidades expressivas e possíveis manipulações. A partir de seu estudo podemos desenvolver habilidades e atitudes para compreender seus processos, resistir a eles quando for o caso e utilizá-los colaborativamente (MORAN, 2000, apud FIORENTINI; CARNEIRO, 2003, p. 25).

As imagens podem e devem ser utilizadas na construção do conhecimento, elas remetem as pessoas a uma abstração, elas trazem lembranças, remetem ao imaginário, provocam reflexões, interpretações, podemos trabalhar qualquer temática envolvendo imagens, pois somos basicamente visuais e pelo visual é que nos apropriamos das imagens, coisas e pessoas que nos cercam, e a partir delas se constituem as representações sociais: imaginárias, imagéticas e culturais.

Segundo Smith (1999), nem tudo o que lemos está escrito. Podemos ler mapas diagramas, relógios, raios X, notas musicais, e passos de dança. A leitura abarcaria também o metafórico, o abstrato (mãos, expressões faciais, céu, mar, estrelas, clima e até intenções). Também poderíamos acrescentar à lista do autor as obras de arte. Temos necessidade de significar o mundo, de interpretar tudo, compreender o que está ao nosso redor, somos seres curiosos, daí a nossa busca pelo conhecimento, estamos sempre

aprendendo algo novo. Na verdade, ler é poder transformar e produzir sentido, para que realmente haja interpretação do que se lê. De fato, as interpretações dependem das condições cognitivas e socioculturais de cada leitor (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998; ORLANDO, 1996, apud ROSSI, 2009, p.18).

Por isso a importância trabalhar em sala de aula com produção de imagens, a leitura e análise de imagens de livros, fotos, gravuras, jornais, revistas, produtos que fazem parte do cotidiano das pessoas, vídeos, temáticas variadas que tenham como foco a realidade do aluno, não desmerecendo seu imaginário, imaginação, ou sua capacidade criativa, mas como disse inicialmente, a principal função da escola é a de formar cidadãos críticos, e a melhor maneira de fazer isso é confrontando coisas que fazem parte da realidade dos educandos.

Também existem outras diversas formas de desenvolver a aprendizagem dos alunos, como dramatizações, música, brincadeiras, dinâmicas de grupo, dança, experiências, etc. Coisas que remetem ao imaginário, que são formas de expressão, e quase sempre se utilizam de uma linguagem e do campo visual.

A imagem em seu contexto verbal é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário. [...] O contexto mais importante da imagem é a linguagem verbal (SANTAELLA; NÖTH, 2008, p. 53).

O texto e a imagem se inter-relacionam. Quem lê um texto vai imaginá-lo, ter uma abstração dele, mas será à sua maneira, única. Ninguém ao ler um texto o imaginará da mesma forma, mas não fugirá daquilo que está escrito e como está escrito. Ao se solicitar para pessoas fazerem um desenho a partir de um mesmo texto, os desenhos contarão a mesma história, mas não serão desenhos iguais, cada um fará sua representação dele, mas a história não muda. Porém, ao se apresentar uma imagem a um grupo de pessoas, esta imagem pode até ter uma história, um contexto, mas se aquele que a vê não souber sua origem ele fará suas próprias significações da imagem, ela pode trazer mais de uma abstração do observador, diversas interpretações e pontos de vista daqueles a veem.

Platão e Aristóteles (s.d., apud JOLY, 2007, p.19) refletiram sobre a imagem e seus efeitos sobre o homem “Imitadora, para um ela engana, para outro ela educa. Desvia da verdade ou pelo contrário, conduz ao conhecimento. Seduz as partes mais fracas da nossa alma, é eficaz pelo próprio prazer que nos proporciona”. A imagem pode aludir a

diversas coisas, pode alienar ou educar de acordo com o propósito pelo qual está sendo utilizada.

O papel do professor é mediar esse processo de representação de acordo com os objetivos da aprendizagem que ele busca para seus educandos, ou seja, ele deve direcionar para uma temática, buscando representações referentes a um determinado assunto, partir do todo para unidade, ou da unidade para o todo. O mais importante é permitir a liberdade de pensamento e de expressão da criança, levantar questionamentos, criar situações que lhe permitam contextualizar, raciocinar, imaginar, trazer as suas representações para a sala de aula, desenvolver o pensamento crítico dela.

Desejamos que nossas crianças pensem sozinhas, que se autogovernem, que sejam ponderadas e equilibradas, e não que sejam imprudentes ou precipitadas em seus julgamentos. Em situações novas para elas, esperamos que sejam capazes de aplicar o conhecimento anteriormente obtido. Esperamos que sejam capazes de selecionar o certo e o errado na propaganda que se dirige a elas. Esperamos que apresentem ideias novas, novas invenções, novos sonhos. Esperamos que tenham uma atitude de reflexão em muitas situações problemáticas (RATHS; JONAS; ROTHSTEIN; WASSERMANN, 1973, p.13).

O professor deve trazer para dentro da sala de aula as representações dos alunos, suas observações, apropriações, histórias, e vivências, compartilhar experiências, trabalhar em cima do cotidiano deles, da rotina escolar, estimular a criatividade dos alunos através de leituras – a palavra leitura está no sentido de observação e apropriação de um objeto estudado – e releituras dos recursos didáticos apresentados, remetendo os alunos a fazerem significações através de observações, comparações daquilo que lhes está sendo apresentado.

Educar o nosso modo de *ver* e *observar* é importante para transformar e ter consciência da nossa participação no meio ambiente, na realidade cotidiana. *Ver* significa essencialmente *conhecer*, perceber pela visão, alcançar com a vista os seres, as coisas e as formas do mundo ao redor. A visualização ocorre em dois níveis principais. Um deles se refere ao ser que está vendo, com suas vivências, suas experiências. O outro é o que a ambiência lhe proporciona. Mas, ver não é só isso. Ver é também um exercício de construção perceptiva onde os elementos selecionados e o percurso visual podem ser educados. E observar? *Observar* é *olhar*, pesquisar, detalhar, estar atento de diferentes maneiras às particularidades visuais, relacionando-as entre si. Uma educação do ver, do observar, significa desvelar as nuances e características do próprio cotidiano (FUSARI; FERRAZ, 1991, p. 78).

De acordo com Raths, Jonas, Rothstein e Wassermann (1973, p. 22) “observar é uma forma de descobrir informação, uma parte do processo de reação significativa do mundo”. Ao compartilhar uma mesma observação com outras pessoas, as percepções

podem ser equivalentes, ou diferentes, que um observador pode detectar coisas que o outro não percebeu, e vice-versa, que são chamados de “pontos cegos” pelos referidos autores. É essencial o docente trabalhar esses pontos de vista, as subjetivações, através de reflexões e diálogos, permitindo que o aluno se expresse e seja capaz de ouvir o que o outro tem a dizer, assim como contestar até que se chegue a um denominador comum.

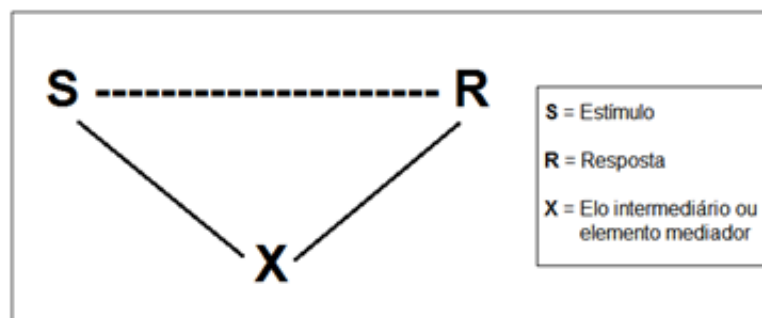


Apropriação do objeto através da imagem com a linguagem, e da imagem com a linguagem e a escrita. Desenho: Criação Própria, 2009.

No processo de aprendizagem é importante a decodificação dos signos e símbolos. De acordo com Gagné (1974 apud PORTILHO, 2011, pp. 28-31) o signo é qualquer símbolo que substitui ou indica outra coisa a partir de algum tipo de associação. E é assim que começa a aprendizagem dos códigos na infância, pela associação. A aprendizagem dos conceitos ocorre pela resposta aos estímulos em termos de propriedades abstratas, tais como: forma cor, número ou posição. Uma criança pode aprender a dar nome a um objeto e utilizar o mesmo nome para referenciar outros objetos que se parecem com o primeiro objeto, diferenciando-se apenas em forma ou tamanho. Depois disso, ela aprende o seu conceito sabendo diferencia-lo de outros objetos distintos entre si (desde um ponto de vista físico). Um conceito de um objeto, qualquer que seja o processo, pode ser aprendido e, essa aquisição fará com que o indivíduo seja capaz de identificar objetos distintos, sempre que obtenham as características essenciais da definição de seu conceito.

Gagné (Ibidem, p. 32), a partir da interação entre sujeito e objeto, pelas experiências que o sujeito vive, passa a considerar “o sujeito que aprende como um ser constituído por uma funcionalidade cognitiva, ou seja, aquele que pensa diante da informação, baseando-se no aspecto sensorial da cognição e destacando a importância das interações deste sujeito com o estímulo que o leva a produzir uma resposta, que resulta na aprendizagem”.

Sob a luz de Oliveira (2000, pp. 26-27), “Vygotzky trabalha com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas fundamentalmente, uma relação mediada. A mediação é um processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por este elemento”, conforme a figura abaixo:



Representação do processo de estímulo resposta com a atuação de um mediador. (OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento – Um processo sócio-histórico*. 4ed. São Paulo: Scipione, 2000. p. 27)

A mediação não dá uma resposta pronta e acabada, ela fornece meios para que o sujeito chegue até a resposta, como uma espécie de ferramenta. O papel do professor mediador é primeiramente ter um objetivo/foco e, a partir daí, ser um facilitador da aprendizagem, utilizando-se dos mais diversos recursos.

As imagens constituem uma preciosa fonte de informação que, a cada dia, é mais visitada e explorada pelas mais diversas disciplinas acadêmicas (MANINI; MARQUES; MUNIZ, 2010, p.52). Não estendendo muito, é necessário vincular algo de concreto a aquilo que é apresentado como novo ao educando, de que adianta descrever algo que ainda não é de seu conhecimento, será para o aluno praticamente impossível abstrair o objeto de estudo. Seja física, química, matemática, história, geografia, português, ou qualquer outra disciplina, se faz imprescindível o uso de recursos que facilitem a abstração e compreensão do que está sendo estudado pelos alunos.

Cabe ao professor estar sempre atualizado sobre o mundo que na cerca, e, principalmente conhecer o público alvo de seu ensinamento, pois é através do conhecimento de seus educandos é que ele pode desenvolver estratégias que permitam a aprendizagem e o melhor desenvolvimento das capacidades de cada educando, motivando-os, estimulando-os, mediando todo o processo educativo, não só nas relações entre sujeito e objeto/significações/imagens, mas nas relações sociais como um todo.

O aluno deve ser incentivado a observar, a criar e a conduzir seu olhar para novas experiências que levem à pesquisa e ao conhecimento, e a elaborar propostas que trabalhem o pensamento divergente, procurando



sempre respeitar as experiências, as vivências e o ritmo dos outros alunos (FERREIRA, 2010, p.25).

Além disso, o olhar é mutável. Por isso, a todo instante o nosso olhar muda; o meu olhar de ontem já não será o mesmo de hoje, pois alguma mudança já ocorreu em mim, eu experimentei, refleti, conheci, e o meu olhar de antes já não é o mesmo de agora, e transformou o meu modo de ver as coisas. Nossas impressões e representações são flexíveis e podem mudar de acordo com novos conhecimentos, ou que sintamos a necessidade.

## 1.2 INTERPRETANDO IMAGEM

A imersão na *Era da imagem* pós-industrial, globalizada, e digital, e que as informações são veiculadas quase que instantaneamente no momento em que acontecem, se faz necessário analisar o conteúdo e a qualidade das informações que chegam até nós visualmente.

Toda imagem é uma representação de algo, ou alguém, seja ela natural, figurativa, fotográfica, pintada, gravura, litografia, televisiva, publicitária, digital, cinematográfica, etc. A imagem produzida é uma linguagem visual repleta de significações, mensagens, simbologias. Cada imagem abre espaço para que dela seja feita uma leitura, inclusive a imagem de pessoas, quando falamos de estereótipos.

O próprio ato de se fazer uma análise já é científico por si só, pois ao analisar estamos colhendo dados, levantando hipóteses e deduções, tomando conhecimento de um objeto de estudo.

Um domínio onde a imagem prolifera é o domínio científico. Nele, a imagem oferece possibilidades de trabalho, pesquisa, de exploração, de simulação e de antecipação consideráveis e todavia ainda reduzidas relativamente ao que o seu desenvolvimento atual deixa prever (JOLY, 2007, p. 24).

O objeto de estudo é aquele que se experimenta pela sensação. A partir daí constrói-se o imaginário, as representações da imagem, visuais, mentais e/ou sociais. Tem-se a primeira impressão de um objeto através de um, ou mais, sentidos, em seguida tenta-se extrair todas as informações que este possa fornecer, refletindo acerca do objeto estudado com base nas memórias e experiências vividas, representações apropriadas para que em seguida possa formar um significado.

A produção de imagens é repleta de intencionalidades de quem a produz. Ao se fazer uma análise de uma imagem podemos buscar as informações que o autor propunha

para tal, suas representações, ou podemos procurar saber o que a imagem passa para cada um, o olhar do observador, puro sem influência do autor, mas baseado nas representações e conhecimentos prévios do receptor da imagem, fazer nossa própria leitura da imagem.

Que uma imagem é uma produção consciente e inconsciente de um sujeito, isso é um fato; que constitui seguidamente uma obra concreta e perceptível, também o é; que a leitura desta obra a faça viver e perpetuar-se; que mobiliza tanto o consciente como o inconsciente de um leitor ou espectador, é inevitável. Acerca do que o autor quis dizer, ninguém sabe nada; o próprio autor não domina toda significação da mensagem que produziu; não é também o outro, não viveu na mesma época, nem no mesmo país, não tem as mesmas expectativas (IBIDEM, p. 48).

Para tentar compreender o que uma imagem quer dizer devemos situá-la no seu momento histórico e nas circunstâncias em que ela pode ter ocorrido, mas mesmo assim não há como saber com certeza as intenções do autor da obra. Nem todas as imagens são compreensíveis, pois as encontramos nos mais diversos segmentos/domínios, em todas as áreas do conhecimento. As imagens podem e são usadas como recurso visual para representar e demonstrar algo, seja ele real ou não.

O ser humano produz imagens desde a pré-história e mesmo antigamente as pessoas já representavam diferentemente suas visões de mundo e das pessoas. Caímos no erro de generalizar aquilo que vimos por semelhança, por aproximações, porque comodamente categorizamos tudo o que percebemos.

Segundo Joly (2007, p. 46):

Sem dúvida que existem, para toda humanidade, esquemas mentais e representativos universais, arquétipos, ligados à experiência comum a todos os homens. No entanto, daí concluir que a leitura da imagem é universal resulta de uma confusão e de um desconhecimento. A confusão é que muitas vezes foi feita entre percepção e interpretação. Com efeito, reconhecer este ou aquele motivo não significa que se compreenda a mensagem da imagem no seio da qual o motivo pode ter uma significação muito particular, ligada tanto ao seu contexto interno como ao do seu aparecimento, às expectativas e aos conhecimentos do receptor. Reconhecer motivos nas mensagens visuais e interpretá-los são duas operações mentais complementares, mesmo se temos a impressão de que são simultâneas. Por outro lado, o próprio reconhecimento do motivo exige uma aprendizagem.

O analista é aquele que através de seus conhecimentos tenta decifrar as informações, do que estuda, indo além, buscando outras fontes de informações que o auxiliem também, de modo descrever qualitativamente o seu objeto de estudo.

A tarefa do analista é precisamente a decifração das significações que a aparente naturalidade das mensagens visuais implica. Naturalidade que, por paradoxo, é espontaneamente vista como suspeita pelos mesmos que a acham evidente quando pensam ser manipulados pelas imagens (JOLY, 2007, p.47).

Um docente ao trabalhar uma obra de arte com a turma, ou uma figura, ou uma fotografia, ou uma imagem qualquer, ele não pode simplesmente apresentar uma imagem a classe sem um objetivo a ser trabalhado com ela. Todavia, planejar o que deseja ao trabalhar com imagens, visando uma leitura inicial dos alunos, solicitar uma pesquisa sobre a origem da imagem, buscando as representações do autor. Retomar o significado da imagem, com diferentes perspectivas e olhares produzindo releituras.

Interpretar e analisar uma mensagem, não consiste certamente em tentar encontrar uma mensagem pré-existente, mas em compreender que existem significações determinadas, em determinadas circunstâncias, que provocam aqui e agora, sempre tentando destriçar o que é pessoal do que é coletivo.[...] A mensagem está lá: observemo-la, compreendamos o que ela suscita em nós, comparemos com outras interpretações; o núcleo residual desta confrontação poderá então ser considerado como uma interpretação razoável e plausível da mensagem, num momento X e nas circunstâncias Y. [...] O que queremos dizer com isto é que, para analisar uma mensagem, é preciso começar por nos colocarmos deliberadamente do lado em que estamos, a saber, o lado da *recepção*. Tal não invalida, evidentemente, a necessidade de estudar a história desta mensagem, tanto do seu aparecimento como da sua recepção (JOLY, 2007, pp.48 e 49).

A análise da imagem envolve três etapas, a de desconstrução, análise das partes e reconstrução. A desconstrução significa separar os elementos que constituem a imagem e a partir daí analisar o que é de interesse, qual objetivo a se trabalhar com ela, para em seguida reconstruí-la, o que quer dizer que agora temos o conhecimento mais aprofundado da imagem ao ponto de dissertar sobre ela, o nosso olhar não é mais leigo, pois foi feito um estudo em cima dela.

De acordo com Joly (2007, p.51):

A análise da imagem (incluindo a imagem artística) pode, entretanto, preencher funções diferentes e tão variadas como proporcionar prazer ao analista, aumentar os seus conhecimentos, instruir, permitir a leitura ou conceber mais eficazmente mensagens visuais. O gosto pela análise, qualquer que seja o seu objeto, corresponde sem dúvida a um temperamento. Podemos, com efeito, interrogar-nos sobre o *imaginário* do analista.

A imagem sempre foi utilizada para facilitar a aprendizagem em sala de aula, na maioria das vezes, por associação. Joly (2007, p.53). “Uma das funções da análise da imagem pode ser a procura ou a verificação das causas do bom ou mal funcionamento

das mensagens visuais” O docente tem a função de mediar a aprendizagem dos educandos, buscando no imaginário deles questionamentos, conhecimentos, pensamentos, suas representações. Desta forma, pode trabalhar os diferentes pontos de vista que podem surgir em sala de aula e confrontá-los de modo esclarecer que podem existir infinitos olhares sobre um mesmo ponto/temática/imagem.

Pode-se buscar as representações sociais dos alunos, como eles veem a sociedade, o próximo e a si mesmo, trabalhando com estereótipos (vide página 39), autoconceito e autoimagem. Desmistificar as impressões e generalizações que a sociedade faz dos grupos sociais, das pessoas, conscientizar que as pessoas são diferentes e possuem identidades, personalidades, valores, crenças, criações, conhecimentos, vivências, modos de ser e pensamentos diferentes.

Com a diversidade de recursos didáticos que existem, o professor tem um leque de possibilidades, mas nem toda escola pode oferecer tudo o que o professor poderia usufruir em favor da educação. Temos como recursos visuais: jornais, revistas, gibis, livros figuras, desenhos, fotografias, cartazes, televisão, DVD, projetores de imagens (como retroprojetor e *Datashow*), computadores, *tablets*, internet, obras de arte, teatro, cinema, psicodrama, um ambiente físico, etc.

Todo professor sabe da importância de trabalhar com materiais variados em sala de aula. No mundo atual, utilizar recursos audiovisuais é uma das estratégias mais eficazes – pois somos (nós, adultos, e principalmente os mais jovens) bombardeados diariamente por imagens, na televisão, na internet e até nos celulares (GROSSI, 2011, p. 3).

Cabe ao docente fazer um planejamento didático acerca dos temas que ele deseja trabalhar em sala de aula, em buscar a espontaneidade dos alunos, desenvolver o potencial criativo e/ou desejar que eles mergulhem fundo na busca de informações, do conhecimento científico. A didática nunca é restrita, pelo contrário pode ser infinita, cabe ao professor ser maleável nas diferentes concepções, abordagens e metodologias que pode utilizar em sala de aula de modo tornar a aprendizagem do aluno mais fácil e mais prazerosa. O uso de imagens atrelado à educação, como recurso didático, tem uma função pedagógica, vem como uma solução no despertar de uma educação crítica, questionadora e libertadora, trazendo as representações, vivências e conhecimentos dos alunos para o cotidiano escolar.

Enfim, entende-se que as atividades humanas são sempre permeadas pela busca do sentido, ou seja, pela compreensão das coisas e fatos do mundo. O olhar nunca é isento ou inocente, mas está sempre prerscrutando. Assim, qualquer imagem visualizada é apreciada primeiramente pelo que pode acarretar em sentido – compreensão.

## 6 MÉTODO

Foi desenvolvida uma pesquisa de cunho qualitativo cujo objetivo era Identificar o papel das imagens no processo ensino-aprendizagem, segundo professores do 1º. ao 4º Ano do ensino fundamental de escolas do Distrito Federal.

Dizemos em metodologia que todo dado é um construto. Também o dado empírico é um construto, resultado de múltiplas determinações teóricas e ideológicas. A informação qualitativa, além de nunca negar isso, trata de fazer disso uma vantagem em termos de captação mais flexível da realidade. [...] A possibilidade do entendimento vem da variação interpretativa, não de padronizações únicas (DEMO, 2001, p. 33).

Neste capítulo, apresentamos os participantes, o instrumento, os procedimentos para coleta e análise de dados, de forma a possibilitar a compreensão sobre o objeto de estudo e a trajetória da pesquisa.

### 6.1 PARTICIPANTES

A presente pesquisa teve a livre colaboração de 15 professores de escolas públicas do Distrito Federal. A faixa etária variou de 23 a 55 anos, sendo a média de 34,3 anos. Quanto ao gênero há dez mulheres, três homens, sendo que dois não forneceram esta informação. Quanto à distribuição do grupo considerando o ano que atuavam Jardim de Infância ( $n=1$ ), 1º. ano ( $n=2$ ), 2º. ano ( $n=1$ ), 3º ano ( $n=2$ ) e 4º. ano ( $n=2$ ), e sete professores não identificaram a série em que trabalhavam.

No que diz respeito à formação profissional, eles se distribuem da seguinte forma: Pedagogia ( $n=6$ ), Pedagogia e técnico de informática ( $n=1$ ), Pedagogia e especialista em administração ( $n=1$ ), Pedagogia e orientação educacional ( $n=1$ ), Psicopedagogia ( $n=1$ ), História ( $n=1$ ) e Ensino especial ( $n=1$ ), não respondeu ( $n=3$ ). Podemos observar que alguns destacaram sua formação em nível de graduação e outros mencionaram a especialização.

### 6.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para esse trabalho foi desenvolvida uma pesquisa cujo instrumento de coleta de dados foi um questionário com oito questões, sendo seis questões abertas, uma fechada e uma questão mista.

### 6.3 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

O questionário foi aplicado em duas escolas públicas de ensino fundamental de primeiro ao quarto ano das séries iniciais. Na mesma época em que foi feito o estágio do Projeto IV – fase II em uma escola pública de uma cidade satélite de Brasília. Contamos ainda com uma professora que colaborou aplicando na escola em que ela trabalhava também.

Foi explicado a ela como seria feita a abordagem inicial com os professores, que se possível eles respondessem na mesma hora e já entregassem os questionários. Foram impressos, e entregues aos respondentes, um total de sessenta questionários, mas somente quinze foram devolvidos e respondidos. Inicialmente, a ideia era atingir um público alvo composto por professores das séries iniciais das escolas públicas do primeiro ao quinto ano. Porém, diante da dificuldade encontrada junto ao referido público alvo, a escolha desse grupo variou entre docentes do Jardim de Infância, 1º, 2º, 3º e 4º, entre outros que não forneceram este dado.

Os questionários foram entregues no momento em que ocorria da coordenação dos professores que é um período contrário aos das aulas em que os professores organizam seus planos de aula, seus diários de classe, fazem reuniões, conversam com pais de alunos, dão reforço escolar, fazem pesquisas, corrigem provas e trabalhos, dentre outros. Durante este momento, foi exposto que estava sendo desenvolvida uma pesquisa, justificando os motivos da mesma, dentre eles: 1) a realização da pesquisa como parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cuja temática era “O uso de imagens na educação”; 2) que a participação de professores respondentes seria voluntária, sendo seus dados pessoais e local que trabalham preservados e sigilosos, e, por fim, 3) foi questionado se poderiam colaborar, se responderiam a pesquisa. Eles não se opuseram, receberam os questionários e pediram para responder em casa e entregar no dia seguinte.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a organização das informações fornecidas pelos participantes optamos por empregar a análise de conteúdo de Bardin (1970), que foi adaptada para a presente investigação. Desta forma, categoria são constituídas a partir das informações dos professores, e é importante ressaltar que a resposta de um sujeito pode se enquadrar em várias categorias.

Deste modo, as tabelas a seguir indicam nos respectivos títulos as questões levantadas junto aos professores respondentes; as categorias elencadas na parte esquerda de cada tabela indicam as respostas obtidas e a frequência de respostas indica, na parte direita da tabela, o quantitativo e a frequência das respostas.

**Tabela 1.** Definição da palavra imagem

<b>Categorias</b>	<b>Freq. de respostas</b>
Representação visual	8
Representação física dos objetos	7
Envolve sensações físicas e estética	1
<b>Total</b>	<b>16</b>

A Tabela 1 apresenta o conceito de imagens segundo os pesquisados. Dos 16 respondentes, 8 definiram imagem como sendo uma representação visual, resposta essa que coincide com o pensamento de Laplantine e Trindade (1997), que compreendem a produção das imagens a partir de experiências visuais, isto é, “baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores”, de natureza perceptiva, não concretas, mas criadas como parte do ato de pensar. Outros 7 se referem à imagem como uma representação física dos objetos. Esta resposta é um pouco preocupante do ponto de partida da interpretação, pois, se é que imagens são consideradas o mesmo que o formato de um objeto, isso se contrasta com as versões teóricas onde se esclarece que “a imagem que se tem de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que se sabe sobre esse objeto externo”, conforme explicam Laplantine e Trindade (1997). Apenas 1 respondente relacionou o conceito à uma representação que emerge sensações físicas e também de caráter estético, ligados ao prazer, despertar de sensações, recordações entre outras.

Ao relatar a imagem como sensações físicas e estéticas remetemos ao imaginário, as imagens geradas na nossa mente quando experimentamos algo. E então ela passa a fazer parte da nossa memória.

Estas percepções da imagem relacionadas às sensações podem ser inclusive derivadas de imagens gráficas (imagens desenhadas ou pintadas, esculturas); de imagens óticas (espelhos, projeções); perceptíveis (dados de ideias, fenômenos); imagens mentais (sonhos, lembranças, ideias, fantasias) e (imagens verbais (metáforas, descrições), conforme relacionou Mitchell (1996).

**Tabela 2.** Como se constrói o aprendizado

<b>Categorias</b>	<b>Freq. de resposta</b>
Pelos sentidos	5
Pela experiência: construída no dia a dia, no decorrer da vida	4
Por meio de recursos didáticos: lúdico, pesquisa, internet, livros, passeio, e textos	3
Pelo raciocínio (aquisição de conhecimentos)	3
Por meio de atividades interventivas: professor um mediador	2
Por meio da comunicação oral	2
Por meio de uma proposta motivadora: caráter desafiador, incentivo e estímulo ao desejo e curiosidade	2
Quando somos capazes de ensinar e compreender	2
Pela ação prática e com exemplos	2
Por meio de aspectos sociais, afetivos, históricos e psicomotores	1
<b>Total</b>	<b>26</b>

A Tabela 2 apresenta as categorias oriundas da questão de como o aprendizado se constrói. Os professores indicaram que envolve os sentidos, ressaltando a experiência sensorial como fonte de informações para a formação de conceitos, ideias e hipóteses. Eles apontaram que a experiência de vida, proveniente das interações entre o sujeito e objeto de conhecimento como demarca Piaget (1974, p. 36) são outras possibilidades de se desenvolver o conhecimento. Inclusive podemos destacar a interação com o meio físico, psicológico e cultural. Voltados ainda para o contexto escolar, revelam a importância dos recursos didáticos como o lúdico, a pesquisa empregando materiais escritos e na Internet, além de passeios como fontes de aquisição de conhecimentos. Destacando, em especial, o papel do professor como mediador, por meio de ações interventivas, provocando mudanças, transformações e até mesmo a transmissão das informações e conteúdo. Também ressaltam a importância de atividades motivadoras que



provoquem o desejo de aprender, despertem a curiosidade e o desafio, como matrizes do processo ensino-aprendizagem.

Registramos a comunicação oral, os exemplos práticos e, sobretudo, a ação direta sobre o ambiente como fontes que estão na escola ou fora dela. Em casa, reconhecemos como os familiares propiciam estas experiências ao contar uma história, ao relatar o seu dia, ao ajudar a criança a desenhar e pintar. Assim, se reconhece o papel dos aspectos afetivos, históricos, sensórios motores como propulsores do conhecimento e de construção de conceitos.

**Tabela 3.** Recursos que facilitam a aprendizagem

<b>Recursos</b>	<b>Freq. de respostas</b>
Tecnológicos: tv, vídeo, slides, data show, computadores, internet	11
Material impresso: jornais, revistas, cartazes, livros, textos, receitas culinárias	11
Lúdico: jogos, brincadeiras, brinquedos, cacarecos, teatro e música	9
Imagens, gravuras, ilustrações, fotos, pinturas e desenhos	9
Por meios orais: discussão, debate, roda de discussão	4
Mediação pedagógica: dinamismo e incentivo por parte do professor	2
Materiais Específicos para necessidade da turma	1
Prática: Experiências (passeio, observação, de laboratório)	1
<b>Total</b>	<b>48</b>

A Tabela 3 indica que os recursos que os professores empregam para facilitar o processo de aprendizagem. Observamos que os materiais tecnológicos estão à frente, com frequência maior de resposta. Vale retomar a explicação de Rossi (2009) ao enfatizar que “a palavra invoca algo que está ausente” e o uso da imagem é aderir-se à ideia do que se faz presente aqui e agora. Quando o professor utiliza-se de um vídeo, fotografia ou qualquer imagem referente ao que ele descreve, traz aquele conteúdo à mente do leitor/receptor como se estivessem de fato frente ao objeto real.

Na mesma frequência que a anterior, quanto aqueles que acreditam que as imagens facilitam a aprendizagem dos alunos quando são usados materiais impressos tais como jornais, revistas, cartazes, livros, texto, etc., voltamos ao que dizem Santaella e Noth (2008) que observam a linguagem verbal como o contexto mais importante da imagem. A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário.

A frequência de respostas que dão importância ao lúdico e o uso de gravuras, ilustrações, fotos, pinturas e desenhos no processo de aprendizagem também têm sua significância, aos olhos dos professores respondentes.

O espaço reflexivo é necessário, pois é durante as discussões, conversas, debates que os alunos apresentam suas dúvidas, questionamentos, etc. e escutam de seus professores a informação necessária para complementar a mensagem ou aquilo que não ficou tão esclarecido. Não menos importante, os demais recursos (mediação pedagógica, materiais específicos e as experiências em visitas com observação dos objetos) não estão descartados da dinâmica ensino-aprendizagem, no entanto ocorrem com menos frequência e são complementares dos indicados anteriormente,

**Tabela 4.** Fontes das imagens

<b>Categorias</b>	<b>Freq. de respostas</b>
Material escrito: jornais, revistas, cartazes, livros, poemas.	15
Tecnológicos: tv, vídeo, computadores, internet, câmera fotográfica	14
Fotos, figuras, quadros, desenho, pinturas	10
Ambiente físico: lugares, natureza	6
Estratégias que buscam a construção de conhecimento: pensamento, conceito, julgamento, estereótipo, etc.	1
Nas representações sociais	1
<b>Total</b>	<b>47</b>

A Tabela 4 revela as fontes de imagens empregadas em sala de aula para os pesquisados. Há uma multiplicidade de materiais inclusive vinculados a estratégias para explorá-los. Novamente, se reportam aos materiais escritos, tecnológicos, pinturas, desenhos, gravuras, incluem ainda aspectos do ambiente físico. Eles justificaram as respostas descrevendo a sua opção e emprego no processo de aprendizagem: ‘trabalhar assuntos’; para ‘relacionar com a realidade do aluno’; ‘muitas pessoas aprendem visualizando, raciocinando e executando’; para ‘usar imagens que trabalhem com a realidade do aluno e de fácil interpretação’; para ‘direcionar o ensino’; ‘na educação infantil onde o indivíduo ainda não possui grande vocabulário’; ‘ajudam na comunicação’; ‘transmite o aprendizado desejado’; ‘é a forma mais rápida de passar a informação para as crianças’; ‘a imagem ajuda elas a organizar as ideias até alcançarem um entendimento’.

Vemos nas justificativas dos professores que o uso de imagens, segundo seus pontos de vistas, pode ser discutido em suas várias facetas. Tudo dependerá também da

consciência das reais intenções do professor (intenções obviamente positivas ao complemento das pesquisas de seus alunos), conforme elucidou Joly (2007).

Todos os quinze professores foram uníssonos ao responderem afirmativamente a questão de que as imagens podem ser empregadas em todas as áreas de conhecimentos. Ainda que, por meio das imagens pode-se dar significação a algo, aprender, demonstrar situações, fatos e representar objetos reais ou simbólicos que foram outras afirmativas em que houve uma concordância entre eles. Esses elementos revelam a imagem como recurso importante para o processo ensino-aprendizagem.

**Tabela 5.** Importância do uso de imagens na educação

<b>Categorias</b>	<b>Freq. de respostas</b>
Facilita o aprendizado	4
Por meio da identificação/associação	4
Representação do simbólico	3
Representação do real	2
Aspecto motivacional: desperta o interesse e a curiosidade	2
Experiências sensório-motoras	2
Processo comunicacional	1
Ampliação do vocabulário	1
Linguagem diferenciada	1
<b>Total</b>	<b>16</b>

A Tabela 5 retrata o uso das imagens na educação. Assim, os professores indicaram que seu emprego facilita o aprendizado, por meio de associação de ideias, na relação imagem, símbolos e signos escritos, visuais ou sonoros. Apontam que a imagem é uma representação do simbólico, isto é, permite que o sujeito de forma concreta, descreva sua experiência, física, psicológica e até mesmo cultural. A representação se faz por meio de nomeações, imagens, significados e também por interpretações de fatos ou de elementos subjetivos, enfim a representação do que nos rodeia. Por exemplo, ao ver um texto de Machado de Assis, o leitor volta ao tempo reconhecendo desde a construção da época, roupas até a condição psicológica e social do personagem. Pode se imaginar como um personagem ou como o próprio autor.

Interessante enfatizar que apontaram também com a representação do real, podemos compreender tal assertiva ao analisarmos que, para Ramozzi-Chiarottino (1984), para organizar o real, é fundamental que a criança compreenda as propriedades características do objeto, ainda, reconhecer as regularidades da natureza, e avaliar

alcance e os limites de suas ações. Sobretudo, estabelecendo relações causais, distinguindo o real do faz de conta e das brincadeiras simbólicas. Em suma, operar sobre o ambiente e agir sobre ele para assimilar e acomodar. Desenvolvendo a inteligência prática. No caso, de uma cadeira descrever o objeto em si (número de pernas, assento, costas, sua utilidade), diferente de imaginar com uma cadeira flutuante no ar, e que essas propriedades podem desaparecer (simbólico). Ou ainda reforçando o uso da imagem para a criação de novas ideias, conforme defende Tolien, onde o autor afirma que só se cria, inventa, idealiza algo novo quando se tem antes um conhecimento prévio.

Em função disso, eles destacaram que o aspecto motivacional para os alunos fomenta seu uso pedagógico, explorando outras linguagens além da verbal. Aliás, indicaram outros empregos das imagens no espaço pedagógico, que permite interpretações diversas, ainda, a possibilidade de obter e discutir vários pontos de vista, também de investigar, conhecer e interpretar uma realidade, além de contar histórias. Todos os quinze professores indicaram estas características como importante para o uso das imagens no espaço escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens mentais, na capacidade de planejar mentalmente suas ações, da transformação da natureza pelo trabalho desenvolvido, criando instrumentos e objetos para facilitar sua vida para sua comodidade. Assim, as invenções, a construção das sociedades, com dos signos e significados, das simbologias, do relatar da sua história, até a criação da escrita. Desde tempos remotos até os dias de hoje, as imagens ganharam mais espaço na vida do ser humano, constituindo o universo simbólico, representações imagéticas, e as suas representações sociais. Onde o homem passa uma imagem de si para o mundo assim como o mundo categoriza o mesmo pela imagem que este transmite a sociedade, desenvolvendo estereótipos, modelos e também.

Por isso, a importância de levar as imagens para as salas de aula, trabalhar em cima das imagens que fazem parte do cotidiano dos alunos. Não se restringindo as mensagens visuais, mas também como elas influenciam a criança, sua percepção visual, seu pensamento, sua autoimagem, e seu autoconceito.

A sociedade está em constante transformação, assim como as tecnologias, se ampliando com a globalização ocorrida através das transações comerciais, com a velocidade da informação obtida pela rede mundial de computadores (internet), dos meios de comunicação em geral, as representações sociais diversas estão se chocando, discutindo, comparando, correlacionando, transformando, adaptando. O papel do professor é fazer com que estas informações sejam filtradas promovendo com que o aluno tenha um senso crítico acerca do que lhe é apresentado, não aceitando toda informação como única e verdadeira. Cabe ao docente estar sempre atualizado acompanhando as tendências que surgem, se adaptando ao novo inovando sua didática utilizando a realidade que o cerca como recurso dentro de sala de aula.

A educação é aplicada a indivíduos concretos, com uma natureza determinada pela história. A função da educação é a de desenvolver a natureza humana no que ela tem de positivo, sua tarefa é obra de respeito e de autoridade. De autoridade na medida em que é formativa, de respeito, porque deve acompanhar a natureza e ajudá-la. Faltando uma dessas condições, a obra educativa perde o sentido [...]. O educador trabalha utilizando materiais que lhe são contemporâneos (o meio), para construir um futuro (o fim) (MERANI, 1977, pp.87-88).

A escola é um espaço de socialização, de confronto de diferentes culturas e regionalismos e como tal deve debater os diferentes pontos de vista que surgem entre os alunos. Que melhor forma que trabalhar o multiculturalismo e as diversas realidades senão pelas imagens?

O papel da escola é o de formar cidadãos, despertar a criticidade, tornar as pessoas participativas na própria história, exercer a democracia. E como fazer isso? Levando para sala de aula aquilo que mais influenciam, as imagens. Assim, vinculadas à educação surgem de forma facilitar a aprendizagem, sendo o professor um agente mediador desta, interligando-as, associando-as, confrontando-as com a realidade, buscando as apropriações e representações dos alunos.

São diversos os recursos que podem ser utilizados para proporcionar ao público discente uma educação de qualidade que vai da oratória, passando pelo quadro-negro, livros, revistas, jornais, cartazes, observações, filmes, arte, exposições, lúdico, dramatizações, debates, até as observações extraclasse em pesquisas de campo, dentre outros. Existe uma gama de possibilidades que o docente pode recorrer a fim de despertar a atenção e a curiosidade do educando, de despertar sua criticidade, de estimulá-lo a ser atuante na própria educação e na sua própria história.

Tudo isso pôde ser confirmado nas entrevistas realizadas junto aos professores, em especial nas respostas obtidas quanto à importância do uso da imagem como um artifício que facilita o aprendizado, coopera com o processo de identificação e associação do objeto pesquisado pelos alunos. Segundo opinião dos professores, funciona também como ferramenta motivacional, pois desperta interesse e curiosidade, entre outras diversas vantagens mencionadas pelos mesmos.

O universo escolar não se prende aos muros da escola, as paredes da sala de aula, o conhecimento vem de fora pra dentro, com a comunidade escolar, com suas experiências e suas representações, e a escola deve aproveitar toda essa bagagem de conhecimentos e experiências que vem com os alunos no momento do ensino-aprendizagem, e trabalhar com eles questões do cotidiano e da realidade deles, fazendo com que o conhecimento científico seja inteligível aos mesmos, fazê-los atuante na busca pelas respostas, buscar as representações mentais dos alunos, o imaginário, a criatividade, para solucionar questões geradas no contexto escolar.

Ao trabalhar com imagens em sala de aula, devemos trabalhar, principalmente, em cima da realidade, questionando, buscando as representações dos alunos, uma criticidade no olhar. Desejamos que eles sejam capazes por eles mesmos de decifrar as informações contidas nas mensagens visuais que fazem parte do cotidiano, despertando da alienação causada pelos meios midiáticos e publicitários.

Educar o olhar é mostrar para o aluno a polidimensionalidade da visão sobre um objeto de estudo, que ao analisar algo ele deve atribuir características, perceber com os sentidos, ver a funcionalidade, qualidades e defeitos, categorizar, analisar todas as possibilidades que o objeto estudado pode demonstrar. O papel do professor é de instigar o aluno a investigar, a apurar o olhar, não aceitar apenas uma visão sobre algo que vá ser estudado.

Trabalhar com imagens é debater pontos de vista e as vistas de um ponto, compreender que não somos capazes de perceber ao mesmo tempo tudo o que está ao nosso redor, que selecionamos o nosso olhar para aquilo que mais nos interessa, que o nosso olhar é influenciado pelos nossos conhecimentos e experiências, por nossa bagagem cultural, por nossas representações. E o docente deve trazer e confrontar estas representações em sala de aula de um modo positivo, onde todos compreendam que existem representações sociais diversas, olhares diversos, e que todos podem estar corretos, pois cada um interpreta aquilo que vê de acordo com suas representações aprendidas e vivenciadas.

A imagem vinculada à educação serve para estimular o aprendizado, problematizar, despertar as representações dos alunos, a criticidade, a criatividade imaginação, trabalhar conceitos e pré-conceitos, fazer comparações. Ela não é algo secundário, através dela podemos extrair muitas informações, e cabe ao professor ser um mediador da aprendizagem, definir o que se pretende, os objetivos, ao trabalhar com imagens em sala de aula.

Os indivíduos são seres curiosos, sempre em busca do conhecimento, seja ele qual for, daquilo que lhes interessa saber, estão sempre aprendendo, e em constante transformação. Eles devem ser autores de suas próprias mudanças, cabendo ao mediador somente ajudá-los a atingir o ápice e abrir suas mentes para o universo que os circundam.

## REFERÊNCIAS

ARQUIVOS PORTUGUESES. In **Grande enciclopédia portuguesa e brasileira**. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [post 1935]. vol. 3.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 16 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

BECKER, Fernando. **O que é Construtivismo?** *Revista de Educação AEC*, Brasília, v. 21, n. 83, abr./jun. 1992.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Tradução por Guy Reynaud. 2.ed., Rio, Paz e Terra, [1975]. 1986.

CLAUDIR, Leandro. **Porque os nazistas usavam a suástica**. 2012. Disponível em <<http://desconstruindo-o-nazismo.blogspot.com.br/2012/09/por-que-os-nazistas-usavam-suastica.html>>. Acesso em 20 set 2013.

CUMMING, Robert. **Para entender a arte**. São Paulo: Ática, 1996.

DAY, R.H. **Percepção humana**; tradução de Maria Tereza P. Maldonado. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1972.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**. 3 ed. Campinas/SP: Papyrus, 2001.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da educação da cultura visual**. Brasília: Editora da Pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

FERREIRA, André; DEMUTTI, Carolina M.; GIMENEZ, Paulo E. O. A teoria das necessidades de Maslow: A influência do nível educacional sobre a sua percepção no ambiente de trabalho. **XIII SEMEAD: Seminários em Administração**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/13semead/resultado/trabalhosPDF/703.pdf>>. Acesso em 22 jul. 2013

FERREIRA, Aurora. **Arte, Escola e Inclusão: Atividades Artísticas para trabalhar com diferentes grupos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FETURZINHOS, Lucia. **Representações sociais**. Disponível em: <<http://psicob.blogspot.com.br/2009/02/representacoes-sociais.html>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

FIORENTINI, Lêda Maria Rangel; CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **TV na Escola e os desafios de hoje: usos da televisão e do vídeo na escola**. Módulo 1. 3ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.



FUSARI, Maria F. de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GÓES, Lúcia Pimentel; ALENCAR, Jakson de. **A alma da imagem**: A Ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores. São Paulo: Paulus, 2009.

GROSSI, Gabriel Pillar (org.). **NOVA ESCOLA**: edição especial 50 filmes. Ed Esp. 37. São Paulo: Abril, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Ed. 70, 2007.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. Coleção Primeiros Passos, n. 309. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LIMA, D.M.D. **Desenvolvimento Cognitivo a partir dos quatro estádios segundo Piaget**. 2004. Disponível em <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAb9gAF/piaget#>>. Acesso em 04 set. 2013.

MACHADO, Laêda Bezerra. **Representações Sociais de Construtivismo entre professores alfabetizadores**. Ciências Sociais em Perspectiva (6) 10 : 1º sem. 2007.

MANINI, Miriam Paula; MARQUES, Otacílio Guedes; MUNIZ, Nancy Campos. **Imagem memória e Informação**. Brasília: Ícone Editora e Gráfica, 2010.

MERANI, Alberto L.. **Psicologia e Alienação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MORAES, Rosalina R. Araújo. **Casamento**. Disponível em <http://www.infoescola.com/sociologia/casamento/>. Acesso em 15 dez 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: Investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, 1996. Disponível em <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>. Acesso em 5 fev. 2013.

NOVA, Cristiane. Imagem e educação: Rastreamento possibilidades. **Educação e tecnologia: Trilhando caminhos**. Salvador: Editora da UNEB, 2003. Disponível em: [http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Linguagem%20Visual/imagem\\_e\\_educa%E7%E3o.pdf](http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Linguagem%20Visual/imagem_e_educa%E7%E3o.pdf). Acesso em: 21 out. 2010.

OLIVEIRA, Jô; GARCEZ, Lucília. **Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2004, vol.19, n.55.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento – Um processo sócio-histórico**. 4ed. São Paulo: Scipione, 2000.

PENNA, Antônio Gomes. **Percepção e Realidade**. 2ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PORTILHO, Evelise. **Como se aprende? Estratégias, estilo e metacognição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

PRESIDÊNCIA. **Bandeira Nacional**. Última atualização em 04/072011. Disponível em <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/simbolos-nacionais/bandeira>. Acesso em 26/03/2013.

RATHS, Louis; JONAS, Arthur; ROTHSTEIN, Arnold M.; WASSERMANN, Selma. **Ensinar a Pensar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

RAMOZZI-CHIAROTINO, Z. **Em busca do sentido na obra de Jean Piaget**. São Paulo: Ática, 1984.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: Leitura da arte na escola**. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SABOYA, Maria Clara Lopes. O enigma de Kaspar Hauser (1812-1833): uma abordagem psicossocial. **Psicologia USP**. São Paulo, 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200007&script=sci_arttext)>. Acesso em 10 mar. 2013.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica e mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SÉRGIO, Ricardo. **Os sistemas de escritas**. 2010. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/370335>. Acesso em: 11 dez 2013.

SÊGA, Rafael Augustos. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n. 13, julho de 2000.

SOUZA, Rainer. **Suástica**. 2008. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historiag/suastica.htm>>. Acesso em 21 set 2012.

SOUZA SANTOS, Maria de Fátima; ALMEIDA, L.M.. **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Editora Universitária da UFPE, 2005.

STERNBERG, Robert J.. **Psicologia Cognitiva**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Elaine Rabelo; orgs. **Psicologia Social: Principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

TOLKIEN, Sir John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis: A irmandade do anel**. 3 ed. \_\_\_\_\_: Publicações Europa-América, 1966.

VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta. **Psicologia Social**. 7ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

VENON, M.D. **Percepção e experiência**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

## **PARTE III – PROJETO PROFISSIONAL**

## PROJETO PROFISSIONAL

O que será do meu futuro, eu não sei ao certo, mas para pensar nisso primeiro eu preciso sonhar, acreditar e ter saúde. Depois ter um objetivo e persegui-lo, me organizar para conquistá-lo. O sonho eu já tenho e acredito que posso conquistar. A saúde está sendo cuidada e acompanhada por profissionais.

Pretendo prestar concurso público para ter uma estabilidade econômica que me proporcione conforto para constituir uma família, investir em bens materiais, e que me dê base para perseguir outros sonhos. Assim, inicialmente penso em lecionar, ou começar uma carreira na minha área, pois minhas experiências de estágio foram muito positivas e creio que eu seria uma boa profissional na minha área.

Porém, não consigo me imaginar daqui a dez anos como professora, mas pode ser que eu me apaixone e queira isso para minha vida. Não me imagino muitos anos nessa profissão porque ser professor é ser guerreiro, é uma luta diária com conflitos diversos, lidar com a diversidade cultural, com identidades diferentes. É um trabalho intra e extraclasse, é uma profissão que exige dedicação, amor e tempo integral na constante busca pelo conhecimento, sempre se atualizando para aprimorar mais e mais o método e a didática de ensino.

O profissional de ensino não é valorizado na sua profissão, aqui em Brasília nas escolas públicas, os professores se deparam nas salas de aula com alunos de diferentes graus de conhecimento, pois são lotados nelas por idade, por isso encontram do analfabeto até ao educando que está dentro do fluxo. Ainda existem turmas inclusivas onde a maioria dos professores não estão capacitados para lidarem com o público Portador de Necessidades Educacionais Especiais (PNEE), fazendo com que, na maioria das vezes, esses alunos sejam colocados a margem dentro das salas de aula. E os professores acabam se desdobrando para tentar conseguir fazer que todos os alunos tenham êxito ao fim do ano letivo, é um desafio enorme e muito estressante para o profissional, havendo um desgaste emocional muito grande, prejudicando a saúde do professor a longo prazo. E isso é injusto com os professores e com os discentes.

Com o ensino público funcionando dessa maneira não quero dedicar meu tempo todo a uma escola, e, sim, viver mais minha vida, com a minha futura família. Por isso quero uma profissão, provavelmente por meio de concurso público, que me permita conciliar trabalho e família, podendo ser ou não da minha área, pedagogia. Tenho vontade de aprender

outros idiomas como o inglês e o japonês, e terminar o curso de Francês. E se conseguir, além destes, quero aprender mandarim.

Se der, antes de casar ou ter filhos, eu gostaria de conhecer algumas cidades do Brasil que ainda não conheço e viajar por alguns lugares do mundo, conhecer lugares históricos na Europa, conhecer a China e o Japão, pois me interessa muito pela cultura oriental, e também, gostaria de viajar em um cruzeiro pela costa brasileira. Quero conhecer e compreender o mundo e outras culturas. Adoro conhecer coisas novas, pesquisar informações, me atualizar, sou muito curiosa, tenho gosto pelo conhecimento e pela aprendizagem. Um dos meus sonhos é de um dia adotar uma chinesinha, além de ter meus filhos, não sei se conseguirei realizar.

Também penso em fazer mais faculdades como Direito, Estilismo e Moda, ou Arquitetura. Amo desenhar plantas arquitetônicas, desenhos em 3D e decoração. Adoro artesanato e corte e costura, esses eu acho que levaria como um *hobby*. Não penso em ter comércio, pois com meu coração mole eu iria ter muito prejuízo.

Outra coisa que almejo, e penso muito, é publicar histórias infantis já que gosto muito de desenhar e antes mesmo de entrar para Pedagogia eu já havia escrito três livrinhos infantis que só minha família conheceu, nunca passaram de rascunhos. Um dia publicarei "O dentão de Serafim". Tenho outros cinco projetos de histórias infantis e em um deles espero poder contar com a ajuda de amigas na criatividade e produção como autoras e coautoras. Também escrevo minhas Aldrarias.

Sou feliz por tudo que tenho e realizei e espero continuar a viver para realizar meus sonhos, que Deus me dê forças, saúde e me ajude a transpor todas as barreiras que a vida me impor.



*“O livro existe pra ensinar a gente a descobrir coisas. E é lendo que a gente descobre o mundo que existe lá fora e dentro de nós mesmos.”*

*(Fala do programa “Vem Aí” televisionado dia 03/04/2014 na Rede Globo de Televisão)*